ITEQ

Projetos e Projeções

Volume 3 – Edição 4 ESPECIAL (Outubro de 2020) ISSN 25959042



grupoiteq.com.br

EDITORIAL

Neste ano de 2020, percebíamos com clareza que precisávamos trabalhar uma nova relação de ensino aprendizagem com nossos alunos, de modo que o Grupo ITEQ, pudesse continuar cumprindo a sua missão de investir na educação continuada dos professores que frequentavam nossas aulas presenciais. Tínhamos de adaptar nossos cursos a uma sociedade em rápida mudança com demandas muito diferentes das que estávamos acostumados. Parecia, um imperativo diante desse "novo" normal que a pandemia nos trouxe.

Foi diante deste contexto que uma nova experiência pedagógica surgiu, as aulas online, a plataforma digital e nós...

A partir daí os desafios foram e são muitos, como o domínio da linguagem do computador, prontidão para pesquisa, autonomia intelectual para aprender e o empenho em adequar o processo educacional a uma sociedade tecnológica cuja a valorização do conhecimento nunca foi tão intensa como hoje. Nem sempre sabemos como fazer, educadores, equipe técnica, e todos do Grupo ITEQ permitiram-se mudar. Nos sentimos desafiados pela atualidade e mesmo com receio diante do novo mudamos e juntos com nossos alunos investimos nesse cenário dinâmico, crítico e necessário para a comunicação entre instituição, aprendizagem e o conhecimento.

Nossa equipe embarcou nessa revolução tecnológica da internet, para orientar e ajudar nossos "professores alunos" dando a eles a oportunidade de navegar na rede e aprender nos novos moldes do cognitivismo.

Providenciamos a situação ideal, testamos os novos recursos, preparamos o pessoal de apoio tudo para dar certo e aproximar nosso público, seus interesses necessidades em educação do atual projeto do Grupo ITEQ.

Já temos bons resultados em nossas experiências digitais, e "acessar" a rede gera mais que informações, gera conhecimentos e autonomia para aprender a exercer a cidadania nessa nova era.

Continuaremos investindo e fazendo da tecnologia uma ferramenta que nos permitirá o repensar crítico no nosso cotidiano.

Renato Eduardo Natale
Diretor Comercial



EXPEDIENTE

PROJETOS E PROJEÇÕES
Volume III – Edição 4 ESPECIAL (Out. de 2020)
ISSN: 25959042
Periodicidade: Trimestral

1- A Importância da Música na Formação Integral da Criança na Educação
Vivian Luzia da Silva

2- A Arte Visual e o Teatro na Educação Infantil
Andréia de Oliveira Rossi dos Santos

3- A Importância do Lúdico e dos Jogos na Educação
Varney Júnio da Silva Machado

4- O Profícuo do Teatro Animado em Sala de Aula O Boneco no Meio Pedagógico
Claudeci Ferreira Campos

5- As Contribuições das Artes Visuais no Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil
Karina Blanch Galetti

6- As Relações Entre a Razão e a Emoção na Aprendizagem
Graziella da Costa Principessa

7- Inclusão Social e o Ensino de Artes Visuais
Ketti Rodrigues Machado

8- A Inclusão da Educação de Jovens e Adultos e Processo Socio Histórico
Márcia Marianne Silva Eufrásio

9- Brincadeiras, Brinquedos e Suas Contribuições Para o Desenvolvimento da Criança
Fabíola dos Santos Oliveira

10- Arte Cênica, Uma Reflexão Pedagógica
Camila Nascimento Spioni de Paula

11- Políticas Públicas Para Desigualdade de Gêneros, Diversidade e Diferença na Educação
Valeria Izidoro

12- Formação Docente Articulada à Prática Pedagógica Para a Inclusão Efetiva do Aluno com Surdez
Ana Cristina da Silva Souza

13- Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil
Claudenir Aparecida de Oliveira

14- Família e Escola: Uma Relação de Colaboração no Processo de Aprendizagem da Criança
Bruno Aparecido Ferrari de Oliveira

15- Gestão de Conflitos
Andréia Aparecida Guelfi Prado

16- Como Aprendem as Crianças na Educação Infantil: Percepções Sobre as Interações e Situações Vividas no Espaço Escolar
Daniel Rodrigues de Lima

17- Inclusão Social e o Ensino das Artes Visuais
Luciene Braga dos Santos de Souza

18- Os Desafios do Professor Universitário e Suas Conquistas
José Carlos Gonçalves

19- Qualidade na Educação: O Papel do Professor no Ensino Superior
Elisabete Gonçalves de Miranda

20- Direitos Humanos: O Direito à Educação como Direito Fundamental
Luciana Candido Camargo

21- Avaliação da Aprendizagem na Educação Infantil
Fernanda Garcia Sampaio

22- Desafios Da Profissão Docente No Brasil
Patricia Mie Mizuta Ito

23- Política Educacional, Emprego e Exclusão Social
Josué Maurino

24- A Contação de Histórias e suas Contribuições para o Desenvolvimento da Criança
Lilian Luzia Silva

Os conceitos contidos nesta revista são de inteira responsabilidade dos autores.
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização dos autores.

CONSELHO EDITORIAL
Profª Maria José P. Natale
João Felipe Furlanetti da Silva Natale
Renato Eduardo Natale

EDITOR CHEFE
Maria Rafaella Furlanetti da Silva Natale

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO DE TEXTOS
Victor Oliveira Tarsitano
Gabriela Nogueira
Maurício S. Martins

CAPA E ELABORAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO
Sette Marketing

GRUPO ITEQ
Rua Lagoa Taí Grande, 91
São Paulo – SP – CEP: 08290-500
Tel: (11) 2074-5110

grupoiteq.com.br
ISSN 25959042

Revista Iteq Educacional: Projetos e Projeções [recurso eletrônico] / Instituto Total de Educação e Qualificação Profissional. – Vol. 3, n. 4 (out. 2020) – São Paulo: Iteq, 2020.

Trimestral

Disponível em: <https://issuu.com/iteqleste>

e-ISSN 25959042

1. Arte-Educação. 2. Brincadeiras educativas. 3. Gestão democrática. 4. Inclusão escolar. 5. Professor de Educação Superior. I. Instituto Total de Educação e Qualificação Profissional.

CDU 37

CDD 370

Elaborado por Paula Soares – CRB-8/7605

APRESENTAÇÃO

VOLTA ÀS AULAS: O QUE VEM POR AÍ?

A volta às aulas podem ser um grande desafio, pois podemos encontrar várias situações surpreendentes. Este é o momento de construir uma nova ideologia educacional com consciência e engajamento.

Todos da educação estão se reinventando nestes tempos de pandemia – buscando novas formas de trabalho e adaptação para um trabalho de qualidade e de mudança necessárias. Estamos lidando com a perpetuação da tecnologia, das metodologias ativas e os desafios de um novo mindset de gestores, professores, pais e alunos.

Quais os desafios para essa volta as aulas?

Há uma urgência em falar sobre o retorno das aulas, além da escuta e participação dos professores, outro aspecto importante é a construção de um plano para garantir aprendizagem de um sistema de recuperação e evitar a evasão dos alunos. Deve-se entregar uma autonomia para as unidades institucionais, pois a gestão central não conseguirá montar todo esse plano para cada uma. Mas, sempre lembrando que essa autonomia deve ser entregue com recursos, acompanhamentos e com uma assistência de qualidade.

É preciso que toda a comunidade envolvida nesse processo de educação, tenha conhecimento e compreenda, ao passo que as aulas retornarem, os protocolos deverão ser seguidos. Pais, alunos, professores e gestores devem estar cientes de que o processo de aprendizagem terá mudanças rigorosas, a adaptação será a chave para lidar com tudo isso.

Ensino particular x público

A pandemia criou um abismo entre as escolas privadas e públicas, estudos mostram que em São Paulo, estado mais rico do país, apenas 50% dos estudantes haviam acessado as aulas a distância. Esse é o aspecto mais rígido da nossa educação, onde os menos favorecidos estão sendo afetados.

Se, em tempos normais, a garantia do direito a educação é um desafio que exige um planejamento, em tempos de crise tronam-se vitais. A falta de estratégia educacional é o que preocupa a todos. Os Estados, municípios e setores privados buscam encontrar medidas para levar a melhor educação possível na situação que estamos vivenciando.

As escolas privadas vão adaptando estratégias de maneira pragmática, com planejamento para uma adaptação onde os alunos voltem motivados e que a evasão seja evitada.

A rede pública vê com dedicação e zelo essa volta. As autoridades das secretarias de educação estão empenhadas em oferecer subsídios teóricos e práticos, mas as dificuldades são imensas, pois a situação é nova e nunca antes vivida.

Não podemos apontar culpados ou causas, principalmente em um momento tão difícil. O que a pandemia nos traz é a oportunidade de verificar que os gestores e suas equipes estão gerenciando as novas demandas de forma democrática e participativa.

Todos estão convidados a participar do planejamento para a volta as aulas da forma mais eficiente possível. O ponto para uma evolução e para sair do mesmo, é a aplicação de um diagnóstico robusto e competente dos alunos. Esse diagnostico nos mostram qual o nível real de conhecimento dos alunos e quais serão os rumos para o planejamento do futuro didático e pedagógico a adotar para essa nova situação.

Equipe Editorial
Grupo ITEQ

ITEQ

520
741

Blackboard do ITEQ

Novo sistema para você estudar online

- ✓ Ótima interação para alunos e professores;
- ✓ Interface amigável e funcional;
- ✓ Recursos de áudio, vídeo, chat e webconferência;
- ✓ Aprendizagem intuitiva.

(11) 2074-5110
(11) 97355-2554
grupoiteq.com.br

SUMÁRIO

1. A Importância da Música na Formação Integral da Criança na Educação
Vivian Luzia da Silva 09

2. A Arte Visual e o Teatro na Educação Infantil
Andréia de Oliveira Rossi dos Santos 15

3. A Importância do Lúdico e dos Jogos na Educação
Varney Júnio da Silva Machado 23

4. O Profícuo do Teatro Animado em Sala de Aula – O Boneco no Meio Pedagógico
Claudeci Ferreira Campos 27

5. As Contribuições das Artes Visuais no Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil
Karina Blanch Galetti 32

6. As Relações Entre a Razão e a Emoção na Aprendizagem
Graziella da Costa Principessa 37

7. Inclusão Social e o Ensino de Artes Visuais
Ketti Rodrigues Machado 43

8. A Inclusão da Educação de Jovens e Adultos e Processo Socio Histórico
Márcia Marianne Silva Eufrásio 49

9. Brincadeiras, Brinquedos e Suas Contribuições Para o Desenvolvimento da Criança
Fabíola dos Santos Oliveira 55

10. Arte Cênica, Uma Reflexão Pedagógica
Camila Nascimento Spioni de Paula 59

11. Políticas Públicas Para Desigualdade de Gêneros, Diversidade e Diferença na Educação
Valeria Izidoro 66

12. Formação Docente Articulada à Prática Pedagógica Para a Inclusão Efetiva do Aluno com Surdez
Ana Cristina da Silva Souza 73

13. Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil
Claudenir Aparecida de Oliveira 79

14. Família e Escola: Uma Relação de Colaboração no Processo de Aprendizagem da Criança
Bruno Aparecido Ferrari de Oliveira 85

15. Gestão de Conflitos
Andréia Aparecida Guelfi Prado 94

16. Como Aprendem as Crianças na Educação Infantil: Percepções Sobre as Interações e Situações Vividas no Espaço Escolar
Daniel Rodrigues de Lima 99

17. Inclusão Social e o Ensino das Artes Visuais
Luciene Braga dos Santos de Souza 112

18. Os Desafios do Professor Universitário e Suas Conquistas
José Carlos Gonçalves 117

19. Qualidade na Educação: O Papel do Professor no Ensino Superior
Elisabete Gonçalves de Miranda 125

20. Direitos Humanos: O Direito à Educação como Direito Fundamental
Luciana Candido Camargo 131

21. Avaliação da Aprendizagem na Educação Infantil
Fernanda Garcia Sampaio 137

22. Desafios da Profissão Docente no Brasil
Patricia Mie Mizuta Ito 143

23. Política Educacional, Emprego e Exclusão Social
Josué Maurino 148

24. A Contação de Histórias e suas Contribuições para o Desenvolvimento da Criança
Lilian Luzia Silva 151

ITEQ

520
741

Aperfeiçoe a sua carreira

O Grupo ITEQ possui cursos de aperfeiçoamento aos profissionais que desejam complementar ou atualizar a carreira dentro da educação. Em parceria com instituições de ensino, os cursos têm carga horária de 180 horas. Mais objetividade e apoio metodológico para você.

Para mais informações, entre em contato conosco.



(11) 2074-5110
(11) 97355-2554
grupoiteq.com.br

A Importância da Música na Formação Integral da Criança na Educação

Vivian Luzia da Silva

RESUMO

Esse artigo vem abordar reflexões sobre a importância da música para a formação integral da criança. Não consegue se contestar a presença da música na vida dos seres humanos, ela tem acompanhado a história da humanidade ao longo dos tempos, desempenhando as mais diferentes funções, está presente em todas as regiões, em todas as culturas, em todas as épocas, isso faz da música uma linguagem universal. Na educação infantil a música revela na criança várias habilidades e muita criatividade, promovendo interação e comunicação social. Desperta emoções afetivas, cognitivas, sensório-motor, estimula o crescimento e o aprendizado. Por meio da música a criança passa a conhecer o mundo em que vive de maneira a entender o bem e o mal, o certo e o errado, o belo e o feio, amor e raiva, a dor e o alívio, enfim aprendem valores essenciais de maneira lúdica, com is so, aos poucos a criança compreende o mundo adulto do qual faz parte.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Musica. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A música desempenha um papel de fundamental importância na formação da criança e este trabalho tem por objetivo mostrar como a música contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social, da linguagem e das habilidades motoras.

O contato da criança com a música inicia na vida intrauterina aonde convive com sons provocados pelo corpo e pela voz da mãe que acalenta o bebê como uma canção fortalecendo o vínculo afetivo entre eles e também dos estímulos vindos do ambiente externo. A criança interpreta a música de uma forma única e pessoal expondo seus sentimentos e estimulando a criatividade através de gestos.

No decorrer deste artigo irá se falar sobre a importância da música na formação integral da criança, música na educação básica, a relação da criança e do educador com a música.

A música é considerada a arte mais antiga de todas, existem muitas teorias sobre a origem e a presença da música na cultura humana. “A linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de várias maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes”. (Brito, 2003, p. 25)

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. (BRASIL, vol.3, 1998. p.45)

A Música, como todas as artes, simboliza a necessidade que o homem tem de se exprimir. Existe desde o início da história e por certo continuará até ao fim dos tempos. A Música nasceu com o próprio mundo, desenvolveu-se a partir dos ritmos e vibrações do nosso planeta, dos sons do vento, da água, do fogo, das trovoadas, dos pássaros, etc.

O som é tudo que impressiona nosso órgão auditivo. Se atirarmos uma pedra para um lago, podemos ver pequenas ondas circulares que a sua queda provoca. O som propaga-se no ar através de ondas semelhantes às provocadas pela pedra ao cair na água, essas ondas atingem o nosso ouvido e faz vibrar a membrana do tímpano que por sua vez transmite as vibrações ao cérebro, o que nos permite identificar os sons e reagir a eles.

O homem foi desenvolvendo o seu sentido musical e, gradualmente aperfeiçoou a escrita da música: a duração exata das figuras rítmicas, a métrica dos compassos, as escalas e o uso de clave.

Podemos considerar três elementos fundamentais como elementos básicos e constitutivos da música:

Ritmo - define a duração dos sons e a sua acentuação; é a forma pela qual as diferentes durações dos sons e dos silêncios se distribuem no tempo.

Melodia – (ou linha melódica) é uma sucessão de sons de diferentes alturas, cuja disposição revela a criação musical. As notas são consideradas no sentido horizontal.

Harmonia – é um conjunto de notas que se agregam à melodia para embelezá-la e está disposta no sentido vertical, isto é, soam simultaneamente.

De acordo com Wilhems (apud GAINZA, 1988, p.36):

> Cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao

> qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na

forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem.

Segundo Cunha, 2002, p.61 "para cantar, movimentamos as cordas vocais; para dança, movimentamos o corpo; para brincar, movimentamos no espaço". [...] em verdade para que haja música deve haver movimento, pois cada som nasce do movimento.

A RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A MÚSICA

A criança tem contato com a música e interagem com ela em diversas situações antes de nascer, como nos diz Teca Alencar de Brito.

> O envolvimento das crianças com o universo sonoro começa ainda antes do nascimento, pois na fase intrauterina os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para eles. (BRITO, 2003, p.35)

A ligação que a criança tem com a mãe é muito forte, ela reconhece o som de sua voz que pode acalma-la ou a agitar dependendo de sua intensidade e tom, as músicas que são ouvidas e cantadas pela mãe também podem provocar reações no bebê.

Após seu nascimento ela continua a ter contato com o universo sonoro e com a linguagem musical, esses sons desenvolvem suas percepções, estimulando sua aprendizagem através dos seus próprios sons, sons de objetos e da natureza, possibilitando-a descobrir que vive em um mundo cheio de vibrações.

A música para criança tem base em todos os sons que as rodeiam. Segundo Referencial Curricular Nacional para educação Infantil:

> O ambiente sonoro, assim como a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês e crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlendas etc., reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem.
>
> Encantados com o que ouvem, os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos tanto com os adultos quanto com a música. Nas interações que se estabelecem, eles constroem um repertório que lhes permite iniciar uma forma de comunicação por meio dos sons. [...] A escuta de diferentes sons (produzidos por brinquedos sonoros ou oriundos do próprio ambiente doméstico) também é fonte de observação e descobertas, provocando respostas. A audição de obras musicais enseja as mais diversas reações: os bebês podem manter-se atentos, tranquilos ou agitados. (BRASIL, vol.3, 1998. p.51)

As crianças são excelentes ouvintes, aos poucos passam a interagir com os sons que as rodeiam através de movimentos corporais, demonstrando que estão atentas a tudo que acontece em seu redor, quando um adulto canta e bate palma a criança observa e tenta reproduzir o movimento, e ao ouvir uma música agitada mexe as pernas, os pés, os braços e movimenta o corpo tentando reproduzir as vibrações que está sentindo, quando a música é calma e lenta ela se mantém tranquila e pode até dormir.

As crianças em seus estágios de desenvolvimento vivem em constantes descobertas, aos poucos começam a conhecer a si, as pessoas de sua convivência cotidiana, a se relacionar e interagir com outras crianças adora correr, gritar e se movimentar como nos diz a revista nova escola (nov. 2007 p.41), "Elas vivem e demonstram seus estados afetivos com o corpo inteiro: se estão alegres, pulam, correm e brincam ruidosamente. Se estiverem tímidas ou tristes, encolhem-se e sua expressão corporal é reveladora do que sentem".

A linguagem musical promove a interação social e a integração entre vários aspectos como nos afirma o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.

> A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (BRASIL, vol.3, 1998. p.45)

É na infância que a criança revela o desenvolvimento da afetividade, criatividade, sensibilidade, memória, imaginação, atenção, autoestima, respeito por si e pelos outros. A música faz parte da vida da criança desde o ventre materno de forma espontânea e intuitiva ensinando valores culturais e sociais de forma alegre e descontraída.

É importante propiciar através da musicalização a expansão da capacidade de aprender como nos fundamenta o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.

> Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados. (BRASIL, vol.3, 1998. p.48)

O contato com a música traz muitos benefícios para criança, pois a apreciação ativa ou aprender tocar um instrumento potencializa a aprendizagem cognitiva, principalmente no campo do raciocínio lógico, da memória, do espaço e do raciocínio abstrato, além de desenvolver a linguagem, habilidades motoras, emocional e social.

A MÚSICA DA CULTURA INFANTIL

As experiências, descobertas, as brincadeiras, os fazeres das crianças são entendidos como cultura infantil, pois, é a origem da formação da identidade do ser humano e da cultura nacional.

> Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são expressão da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo.
>
> Os jogos e brinquedos musicais da cultura infantil incluem os acalantos (cantigas de ninar); as parlendas (os brincos, as mnemônicas e as parlendas propriamente ditas); as rondas (canções de roda); as adivinhas; os contos; os romances etc. (BRASIL, vol.3, 1998. p.71)

A Música da Cultura Infantil possui movimento, aliada à representação e a uma geometria no tempo. É uma música no corpo, próxima ao outro, com o outro, movida pura e simplesmente pela livre vontade de brincar.

> Os acalantos e os chamados brincos são as formas de brincar musicais característicos da primeira fase da vida da criança. Os acalantos são entoados pelos adultos para tranquilizar e adormecer bebês e crianças pequenas; os brincos são as brincadeiras rítmico-musicais com que os adultos entretêm e animam as crianças, como "Serra, serra, serrador, serra o papo do vovô", e suas muitas variantes encontradas pelo país afora, que é cantarolado enquanto se imita o movimento do serrador. "Palminhas de guiné, para quando papai vier...", "Dedo mindinho, seu vizinho, maior de todos...", "Upa, upa, cavalinho..." são exemplos de brincos que, espontaneamente, os adultos realizam junto aos bebês e crianças. (BRASIL, vol.3, 1998. p.71)

Esses acalentos e brincos fazem parte de uma cultura que perturba a várias gerações, pois são transmitidas de pais para filho e muitos nunca se preocuparam em saber a origem dessas canções que animam e entretém as crianças.

As parlendas são rimas sem música que servem para desenvolver a linguagem, como a trava línguas que são de difícil pronunciação como "Num ninho de mafagafos/ Seis mafagafinhos há/ Quem os desmafagafizar/ Bom desmafagafizador será...". Também pode ensinar nomes, números, poesia e dança através de brincadeiras;

> [...] "Um, dois, feijão com arroz/ Três, quatro, feijão no prato/ Cinco, seis, feijão inglês/ Sete, oito, comer biscoito/ Nove, dez, comer pastéis...", ou "Una, duna, tena, catena/ Bico de pena, solá, soladá/ Gurupi, gurupá/ Conte bem que são dez...".
>
> As rondas ou brincadeiras de roda integram poesia, música e dança. No Brasil, receberam influências de várias culturas, especialmente a lusitana, africana, ameríndia, espanhola e francesa: "A moda da carranquinha", "Você gosta de mim", "Fui no Itororó", "A linda rosa juvenil", "A canoa virou", ou "Terezinha de Jesus". (BRASIL, vol.3, 1998. p.71)

As atividades lúdicas proporcionam benefícios e desenvolvem nas crianças habilidades, conceitos e atitudes referentes à linguagem musical, pois os jogos e brincadeiras criam estruturas e conceitos, estimulam a criatividade e permitem que absorvam novos conhecimentos.

A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA

Jean Piaget nascido na Suíça em 1896, onde também morreu oitenta e quatro anos depois (1980), iniciou-se desde cedo nos estudos científicos, foi o nome mais influente no campo da educação durante a segunda metade do século XX, a ponto de quase se tornar sinônimo da pedagogia.

Ele evidenciou a existência de estágios que parecem testemunhar a favor de uma construção contínua de novidades no desenvolvimento, objetivando aprender o processo de organização das estruturas mentais na dialética do sujeito com o mundo exterior; chamou este período de assimilação e acomodação.

Para Piaget, o desenvolvimento cognitivo inclui processos como a formação dos conhecimentos e da inteligência que mudam durante a vida de cada indivíduo, as vezes de modo radical e outras vezes gradualmente, mas se estende desde o nascimento até a maturidade.

Para começarmos a entender melhor o desenvolvimento cognitivo primeiro vamos definir o que é cognição. Segundo informação extraída do site super. Cérebro; "Cognição refere-se a um conjunto de habilidades mentais necessárias para a obtenção de conhecimento sobre o mundo. Tais habilidades envolvem pensamento, raciocínio, linguagem, memória, atenção, criatividade, entre outras funções. "

Essa definição nos leva a entender que o processo cognitivo é desenvolvido desde a infância até a velhice. O desenvolvimento está ligado à aprendizagem, ou seja, um não ocorre sem o outro, ele pode ser entendido como um conjunto de ações no qual o indivíduo adquire conhecimento sobre o mundo ao longo da vida; isso significa que estamos nos desenvolvendo cognitivamente todos os dias enquanto vivermos.

Quando a criança se insere na fase de aprendizagem dita como Educação Infantil, tende a transformar-se em diversos aspectos, desenvolve sua identificação, sua coordenação, descobre seus potencias, suas características pessoais tais como, a fala, a motricidade e o conhecimento sócio afetivo, esses fatores revelam pontos de maturidade de seu desenvolvimento.

As práticas diárias são grandes aliadas a buscar o estimulo e desenvolvimento integral da criança, pois é através do domínio do próprio corpo que o mundo exterior se fará presente em seu cognitivo, atividades de movimentos, deslocamentos, jogos, brincadeiras livres ou dirigidas devem ser constantes nas práticas pedagógicas da criança.

> Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. (BRASIL, vol.3, 1998. p.15)

Segundo a revista Recre@rte (nº3, Junho, 2005), a música pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo/ linguístico, psicomotor e sócio afetivo da criança, da seguinte forma:

> Desenvolvimento cognitivo/ linguístico: as crianças adquirem conhecimentos através de experiências vividas em seu cotidiano. Dessa forma, quanto maior a riqueza de estímulos que ela receber melhor será seu desenvolvimento intelectual. A música proporciona a criança experiências rítmico musicais que permitem uma participação ativa (vendo, ouvindo, tocando) favorecendo o desenvolvimento dos sentidos das crianças. Ao trabalhar com os sons ela desenvolve sua acuidade auditiva; ao acompanhar gestos ou dançar ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção; ao cantar ou imitar sons ela está descobrindo suas capacidades e estabelecendo relações com o ambiente em que vive.
>
> Desenvolvimento psicomotor: as atividades musicais oferecem inúmeras oportunidades para que a criança aprimore sua habilidade motora, pois, ao ouvir uma canção, elas dançam e fazem gestos que auxiliam no desenvolvimento de diversos sistemas cerebrais, como os responsáveis pela orientação espacial e motora. O ritmo tem um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso, isto porque toda expressão musical ativa age sobre a mente, favorecendo a descarga emocional, a reação motora e aliviando as tensões. Qualquer movimento adaptado a um ritmo é resultado de um conjunto completo (e complexo) de atividades coordenadas. Por isso atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas, pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, fatores importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita.
>
> Desenvolvimento sócio afetivo: Durante a infância a canção possibilita uma maior afetividade e um melhor relacionamento entre a criança, seus pais e responsáveis. Ao escoltar uma música, a criança também aprende a cantar, assim, melhora sua comunicação e interação e aos poucos vai formando sua identidade, percebendo-se diferente dos outros e ao mesmo tempo buscando integrar-se com os outros. Nesse processo a autoestima e a auto realização desempenham um papel muito importante. Através do desenvolvimento da autoestima ela aprende a se aceitar como é, com suas capacidades e limitações. As atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação. Dessa forma a criança vai desenvolvendo o conceito de grupo. Além disso, ao expressar-se musicalmente em atividades que lhe deem prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de segurança e auto realização.

A música tem importante influencia no desenvolvimento da criança, pois, através dela aprendem valores essenciais de maneira lúdica, pois, a criança que cresce em um ambiente rico em estimulo é mais saudável e mais feliz, isso faz com que aos poucos a criança compreenda melhor o mundo adulto do qual faz parte.

A ESCOLA E A MÚSICA

Em nossa sociedade a escola é um espaço onde grande parte do processo educativo acontece; ela recebe alunos de diferentes culturas e crenças existentes em nosso contexto social. Muitos elementos culturais que eram transmitidos pela família, dentre eles, a diversidade musical e o resgate de canções folclóricas e regionais também são ensinados na escola.

O processo de ensino aprendizagem passa por todos os elementos que constituem: a língua, a religião, o fator sócio econômico, a música, a dança, etc., cabe a família e a escola fazer com que as crianças tenham acesso a essas informações para que possam compreender melhor sua cultura e sua evolução.

O educador deve conhecer o universo musical que a criança está inserida e incentivá-lo a conhecer novas formas de expressão desenvolvendo a sensibilidade e descobrindo novos sons e ritmos.

A música é forte aliada no processo de ensino aprendizagem, mas, muitas vezes é utilizada de forma mecânica. A escola deve apresentar ao aluno a riqueza das músicas da cultura brasileira dando a eles acesso a um amplo repertório, promovendo na criança um senso musical crítico.

Outra prática que pode ser desenvolvida pelo educador é o conto sonoro, uma história m que sons são inseridos na narrativa.

> Por meio da história, as crianças também vivenciam a necessidade de organizar os materiais sonoros, aproximando-se do conceito da forma musical. Transcendendo a ideia de sonoplastia [...], é possível utilizar uma história para realizar uma improvisação ou composição musical. (BRITO, 2003, p. 167)

A música na educação infantil em nosso país atende a diversos propósitos e concepções pedagógicas, ela é utilizada para a aquisição de diversos conhecimentos que auxiliam na formação de hábitos e atitudes, disciplina, desenvolvimento, organização da rotina, etc., no ambiente escolar ela torna as aulas mais dinâmicas, alegres e o processo de ensino aprendizagem mais eficaz.

De acordo com Gainza (1988, p. 17) as atividades musicais podem ter os seguintes aspectos:

> **Físico**: oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga;
>
> **Psíquico**: promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro;
>
> **Mental**: proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão.

Para Barreto:

> Ligar a música e o movimento, utilizando a dança ou a expressão corporal, pode contribuir para que algumas crianças, em situação difícil na escola, possam se adaptar [...]. Por isso é tão importante a escola se tornar um ambiente alegre, favorável ao desenvolvimento. (BARRETO, 2003, P. 45)

"O aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo. " (BRÉSCIA, 2003, P. 81)

Por meio de uma metodologia lúdica e dinâmica característica do universo infantil a música transmite alegrias, verdades e sonhos.

OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO

A música é muito importante no processo de alfabetização e traz inúmeros benefícios em seu contexto. A criança se identifica com a música, quando ela faz parte de seu cotidiano e de sua cultura. Como nos afirma o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil vol. 3 p. 48 "Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados.".

Ao se trabalhar música na escola a criança aprende de forma lúdica valores que contribui para seu desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e sócio afetivo.

> A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. [...] tem sido em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções. Essas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e estereotipada. (BRASIL, vol.3, 1998. p.47)

O educador deve ter consciência da importância da eficácia da música no processo de alfabetização, pois, "A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e au-

toconhecimento, além de poderoso meio de integração social" (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil vol. 3 p. 49), e quando esse processo é conduzido por pessoas conscientes e competentes a música deixa de ser apenas uma recreação e se torna um importante meio de propiciar uma rica vivencia estimulando o desenvolvimento e o crescimento do indivíduo.

A música, na educação infantil mantém forte ligação com o brincar. "Educar- se na música é crescer plenamente e com alegria. Desenvolver sem dar alegria nãoé suficiente. Dar alegria sem desenvolver, tampouco é educar" (GAINZA, 1988, p. 95).

Segundo informação contida no site música e adoração o objetivo da educação pela música é englobar vários aspectos do desenvolvimento humano, entre estes, citamos:

Desenvolvimento da manifestação artística e expressiva da criança

A educação musical pretende desenvolver na criança uma atitude positiva para este tipo de manifestação artística, capacitando-a para expressar seus sentimentos de beleza e captar outros sentimentos, inerentes a toda criação artística.

Assim como se utiliza da palavra ou gestos para manifestar suas ideias, terá como meio de expressão mais uma forte ferramenta na construção de seus argumentos – a música. As crianças tendem a pensar na música como sendo sobre "coisas", isto é, como contando histórias, expressando ideias, vivendo situações.

Desenvolvimento do sentido estético e ético

Durante o processo de criação e depuração dos elementos musicais, ou mesmo no processo de expressão, busca-se aí o equilíbrio e a crítica sobre o conceito do belo, do pleno, do satisfatório. As campanhas de mídia pelas quais passamos nestes dias, trabalham muito fortemente sobre nosso poder de julgamento e decisão. Muitas vezes, esquecemos se algo é realmente bom, ou bonito ou dispensável. Simplesmente aceitamos. A criança tem sido um grande alvo da mídia e também sofre esta influência.

Por meio da música, com seus valores estéticos intrínsecos, e de atividades voltadas especialmente para o desenvolvimento do valor estético, pretende- se resgatar o sentido do belo e do justo em relação às coisas que nos rodeiam e também às nossas atitudes. O poder de escolha intermédia à busca da estética, e esta exteriorização são base da ética.

Desenvolvimento da consciência social e coletivo-ética

Quando a criança canta, ou está envolvida com papéis de interpretação sonora em coletividade, sente-se integrada em um grupo e adquire a consciência de que seus componentes são igualmente importantes. Compreende a necessidade de cooperação frente aos outros, pois da conjunção de esforços dependerá o alcance do objetivo comum.

Quando estuda música em conjunto, torna-se mais comunicativa e convive o tempo inteiro com regras de socialização. Existe a possibilidade de respeitar o tempo e a vontade do outro, criticar de forma construtiva, ter disciplina, ouvir e interagir com o grupo.

Desenvolvimento da aptidão inventiva e criadora

A educação através das artes proporciona à criança a descoberta das linguagens sensitivas e do seu próprio potencial criativo, tornando-a mais capaz de criar, inventar e reinventar o mundo que a circunda.

E criatividade é essencial em todas as situações. Uma criança criativa raciocina melhor e inventa meios de resolver suas próprias dificuldades.

A criança se envolve integralmente com a música e a modifica constantemente, exercitando sua criatividade, e transformando-a pouco a pouco numa resposta estruturada de acordo com seus objetivos.

O professor de educação infantil deve trabalhar a música com atividades direcionadas, para isso é importante que ele tenha um bom conhecimento dessa disciplina para que possa estimular o desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e sócio afetivo da criança, de forma lúdica, propiciando momentos prazerosos e enriquecedores, possibilitando novas descobertas e melhor compreensão do mundo.

É muito importante saber trabalhar a música de diferentes formas, ela pode ser utilizada em um momento de lazer e descontração e em momentos de aprendizagem, pois permite ao educador levar ao conhecimento dos alunos temas importantes e formas de se conhecer diferentes culturas, formas de expressão do pensamento, mitos, lendas, parlendas contribuindo na formação de cidadãos mais críticos, sensíveis, criativos e reflexivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em momentos alegres ou de nostalgia, uma música sempre é bem recebida; esse som que encanta os ouvidos tem poderes "mágicos" na vida de uma criança. Tudo começa quando ela se encontra no ventre, aonde convive com sons provocados pelo corpo e pela voz da mãe, e se estende com as canções para ninar que tranquiliza em um momento de desconforto.

A criança ao escutar uma música interpreta-a de forma única e pessoal, expondo os seus sentimentos e estimulando a criatividade através dos gestos.

As atividades com música, além de proporcionar a brincadeira, fazem com que as crianças exercitem o corpo, desenvolvam a memória, o raciocínio e a coordenação motora. Essas práticas proporciona um reforço no desenvolvimento sócio afetivo, linguístico e psicomotor.

No aspecto social educativo, a música faz com que a criança respeite e compreenda as diferenças de cada um, aprenda a trabalhar em conjunto e a lidar com a frustação; também faz com que tenha força de vontade, sensibilidade, autoestima e segurança, criando assim, através de um trabalho bem orientado, uma maior estrutura emocional.

A música se faz presente em várias fases do desenvolvimento da criança contribuindo para sua formação integral.

Em momentos alegres ou de nostalgia, uma música sempre é bem recebida; esse som que encanta os ouvidos tem poderes "mágicos" na vida de uma criança. Tudo começa quando ela se encontra no ventre, aonde convive com sons provocados pelo corpo e pela voz da mãe, e se estende com as canções para ninar que tranquiliza em um momento de desconforto.

A criança ao escutar uma música interpreta-a de forma única e pessoal, expondo os seus sentimentos e estimulando a criatividade através dos gestos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação**, 2ª ed. Blumenal. Acadêmica, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional na Educação Infantil volume 3**, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRÉSCIA, V. P. **Educação musical: Bases psicológicas e ação preventiva**. Campinas: Átomo, 2003

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

COELHO, C. T. **A Música na Educação Infantil**. Pedagogia ao Pé da Letra, 2011. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/G_musica.html acesso em 03 Jan. 2013

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. Cor, Som E Movimento: **A expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 3 ed. Porta Alegre: Mediação, 2002. GAINZA, Violeta Hemsyde. Estudos de Psicopedagogia Musical. 3 ed. São Paulo: Summus, 1988.

Site: http://bandacoutodornelas.com.sapo.pt/Bases%20de%20musica.pdf acesso em 17 de agosto de 2020.

Site: musicaeadoracao.com.br/25494/musicalizacao-infantil/ acesso em 17 de agosto de 2020.

Site: http://supercerebro.com.br/blog/o-que-e-desenvolvimento-cognitivo/ acesso em 17 de agosto de 2020.

REVISTA RECRE@RTE. **A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental - A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser**, nº3, junho 2005. Disponível em: < http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

NOGUEIRA, M. A. **A música e o desenvolvimento da criança**. Revista da UFG, Vol. 5, nº. 2, dez 2003. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/G_musica.html>. Acesso: 17 de agosto de 2020.

A Arte Visual e o Teatro na Educação Infantil

Andréia de Oliveira Rossi dos Santos[1]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo gerar reflexões a respeito da importância da utilização da linguagem artística do teatro como instrumento facilitador de uma aprendizagem significativa, desde o início da escolaridade infantil. Considerando que, muitos teóricos importantes, há muito já postulam a respeito da importância da arte como mecanismo de expressividade e desenvolvimento infantil. Assim, neste trabalho de procuro abordar a temática da arte na educação, dando um enfoque especial ao teatro, que muitas vezes é esquecido por muitos educadores. No entanto, sabemos que utilizar o teatro como instrumento para educar não é algo novo e recente, pois desde os povos antigos há registro da sua utilização com o intuito de transmitir um conhecimento. Desta forma, abordar esta temática se faz necessário, pois a utilização do teatro na Educação Infantil pode estar associada a poucos materiais. Haja vista que, basta colocar uma caixa de acessórios diversificados diante de uma criança, como lenços, colares, chapéus, máscaras ou auxiliá-la a confeccionar fantoches para que sua imaginação permita que a criatividade se desenvolva e o faz de conta aconteça.

PALAVRA- CHAVE: teatro, educação infantil, educadores, imaginação.

ABSTRACT

This articles aims to generate reflections on the importance of using the artistic language of theater as an instrument to facilitate a meaningful learning from the beginning of

the schooling of children. Considering that many important theorists have long postulated about the importance of art as a mechani of expressiveness and child development. Thus, in this work of we will try to approach the thematic of the art in the education, giving a special focus to the theater, that is often forgotten by many educators. However, we know that using theater as an instrument to educate is not something new and recent, since from ancient peoples there is record of its use with the intention of transmitting a knowledge. Therefore, addressing this theme is necessary, since the use of theater in Early Childhood Education may be associated with few materials. You see, just place a box of diversified accessories before a child, such as scarves, necklaces, hats, masks or help her to make puppets so that her imagination allows creativity to develop and make it happen.

KEYWORDS: theater, early childhood education, educators, imagination.

INTRODUÇÃO

O teatro tem um papel importante como proposta educacional, especialmente, cumpre não somente a função integradora, porém, oportuniza que o aluno se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais importantes para sua formação social. Diante dessa importância o teatro é trabalhado já há algum tempo como prática educativa, possuindo atualmente um lugar nas políticas nacionais de educação, sendo considerado uma das linguagens artísticas a ser trabalhada dentro da disciplina Arte no currículo escolar. A atividade teatral apresenta um valor pedagógico de fundamental importância na vida do jovem. Com o contato com o teatro, o aluno pode desenvolver um espírito crítico, fortalecer sua autoestima e autoimagem. Possibilita que o aluno vivencie uma atividade gratificante e prazerosa.

Para fundamentar essa afirmação, tomo como referência Granero (2011, p. 7), coloca que "a representação teatral constitui um instrumento indispensável na educação de crianças e jovens para a vida, em sua plenitude de sentidos". A autora acrescenta ainda que o fazer teatral desperta os alunos para a observação de si mesmo e do outro, incita-os a aprofundar-se em suas próprias histórias de vida e a desenvolver a capacidade de expressar seus sentimentos de forma positiva, com respeito e colaboração. O teatro como sendo um instrumento vivo na educação, que pode incorporar e ser incorporado por diferentes áreas que englobam o currículo escolar para a realização de uma educação plena. Todo exercício teatral trabalha com a necessidade de ajudar a compor a personagem, criar confiança, dar sensibilidade, expressar-se melhor tanto pela voz, como pela face, pelo corpo ou até pelo jeito de olhar e também da discussão e decisão em grupo, coisa muito interessante de ser conseguida pelo professor em sala de aula (Granero, 2011).

O teatro também permite que o professor perceba traços da personalidade, comportamento individual ou em grupo, bem como seu desenvolvimento, oportunizando um melhor direcionamento pedagógico, e para uma melhor realização de cenas dramáticas, trabalha-se faz de conta, imaginação, interpretação (Granero, 2011).

Portanto, o professor da educação infantil deve possibilitar atividades que favoreçam o envolvimento das crianças em brincadeiras, fundamentalmente as que promovam a criação de situações imaginárias, pois estas têm nítida função pedagógica. Nesse momento, a brincadeira não deve ser considerada meramente uma atividade de passatempo, sem outra finalidade que não seja a diversão. Vygotsky, ao discutir o papel do brinquedo, evidencia particularmente o "faz de conta", como brincar de casinha, de médico, de professor e aluno etc. O "faz de conta" é privilegiado em suas discussões, em função dos benefícios que este acarreta para o desenvolvimento infantil. É dentro dessa abordagem lúdica e despretensiosa que o teatro na Educação Infantil deve acontecer. A história do teatro pode ser remontada desde as sociedades primitivas em que a característica principal do homem era ser caçador e selvagem e com uma grande necessidade de dominar a natureza. Através destas necessidades, surgem invenções como o desenho e o teatro nas suas formas mais primitivas.

O objetivo do ensino das artes, para a concepção "pedagógica essencialista, não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores" (Japiassu, 2001, p. 24). Dessa forma, a contribuição do teatro no desenvolvimento do aluno, é grandiosa, ajuda no desenvolvimento de suas próprias potencialidades de expressão e comunicação, bem como proporciona o conhecimento de outro gênero, além da prosa e da poesia e favorece o processo de produção coletiva do saber cultural tanto no valor estético como educativo. Utilizar o teatro aliado à educação oportuniza aos educandos um conhecimento lúdico, existindo um clima de liberdade em que o aluno libera suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para os alunos.

A ARTE VISUAL E O TEATRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O livro orientações curriculares (expectativa de aprendizagens e orientação didáticas aborda linguagem teatral como prática tradicional e tem mostrado uma expressão massificada que pode inibir o potencial criativo).

Junto a estas observações e os conteúdos de artes visuais. Onde verifiquei que a prática ainda é pouco explorada por falta de conhecimento e livros que abordem este assunto.

A importância do trabalho com o teatro na Educação Infantil como pressuposto para uma aprendizagem significativa, uma vez que, há muito tempo, renomados teóricos citados abaixo, postulam e apontam para o fato da relevância da arte como instrumento de educação e para o desenvolvimento infantil.

Além disso, desde a antiguidade encontramos registros da utilização do teatro como recurso diferenciado para fins educativos, ou seja, não estamos abordando algo recente, ou novo na educação e sim algo usado há séculos pelo homem na História da humanidade. Esta pesquisa se justifica porque, sabemos que muitos educadores, quando se trata de arte na educação, se restringem apenas aos desenhos, em geral xerografados e às músicas para a rotina escolar, como para escovar os dentes, saída e entrada dos alunos. Além disso, são trabalhados de forma equivocada e feitos mecanicamente para fins de festejar apenas datas comemorativas.

Entretanto, trabalhar com arte na escola é muito mais que o exposto acima, pois através das atividades artísticas o educador pode trabalhar diferentes aspectos, como criatividade, autonomia, valores humanos, enfim uma infinidade de conceitos. A utilização do teatro como recurso pedagógico há muito já faz parte da história, no entanto, são poucos os educadores da atualidade que se utilizam deste recurso, que pode se apresentar de formas diferenciadas além do tradicional, como o teatro de fantoches, de dedoches, de máscaras, enfim inúmeras possibilidades. Sendo assim, procuraremos demonstrar que é possível trabalhar com todas as linguagens artísticas de forma produtiva, principalmente com o teatro, desde que haja o planejamento e a intencionalidade do educador, além do comprometimento do mesmo em busca de uma educação de qualidade e significativa para todos. Para tanto, no primeiro capítulo deste estudo científico, procuraremos abordar as postulações de grandes estudiosos sobre a importância da arte como mecanismo de trabalho educacional, apresentando também, a importância da musicalização, da dança e das artes visuais na Educação Infantil. Faremos uso também das postulações de documentos federais como os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (1997) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998).

O tema discutido através da literatura científica e busca entender a relevância do teatro no sentido do conhecimento, desenvolvimento e crescimento da criança, e do suporte que pode fornecer a sua trajetória na vida cultural e social, proporcionando – lhe experiências novas que podem contribuir para o seu crescimento integral sobre vários aspectos como: dramatização, manifestação espontânea, promoção de equilíbrio entre outras funções diversas. Há evidências nos estudos científicos que a linguagem teatral é uma ideia expressa, podendo proporcionar às crianças a conexão de tudo o que acontece em cena com a sua realidade objetiva e intima. A criança pode se comunicar com o mundo desconhecido que a rodeia de diversas maneiras, utilizando as expressões desde seus primeiros meses de vida. Garatujas se desdobram em mímica, dança canto, desenho e modelagem.

É importantíssimo destacar que o professor, ao orientar as primeiras atividades de expressão da criança, precisa considerar, antes de tudo, suas manifestações espontâneas, a única coisa que permitirá a ela exteriorizar sua personalidade. Desta forma, a construção do conhecimento e o desenvolvimento de uma expressão ampla, verbal, gestual, criadora. Refletir-se na própria ação, dividir, esperar e reconhecer a ação de um companheiro ou um grupo, tudo isso faz parte do campo de experiências dos jogos dramáticos, imprescindíveis para essa faixa etária.

É na fantasia que a criança encontra alguns dos seus problemas psicológicos resolvidos. Em histórias que refletem os conflitos emocionais e as fantasias particulares, experimentadas em suas vidas. A criança se identifica com este ou aquele personagem, numa situação semelhante a alguma situação já vivida por ela, e isso pode ajudá-la a elaborar seus problemas e sentimentos. A criança aprende atuando, motivo pelo qual é fundamental que o professor lhe ofereça oportunidade de atuação. Essa maneira de aprender tem profundas implicações no amadurecimento de cada uma. Os jogos dramáticos dão ainda às crianças uma chance real de brincar com outros papeis sociais e consequentemente, sua importância.

> A arte é necessária, é uma linguagem que mostra o que há de mais natural no homem; através da qual é possível verificar, até mesmo, que o homem pré-histórico e o pós-moderno não estão distantes um do outro quanto o tempo nos leva a imaginar. A arte é baseada numa noção intuitiva que forma nossa consciência. Não precisa de um tradutor, de um intérprete. Isso é muito diferente das línguas faladas, porque você não entenderia o italiano falado há quinhentos anos, mas uma obra renascentista não precisa de tradutor. Ela se transmite diretamente. E essa capacidade da arte de ser uma linguagem da humanidade é uma coisa extraordinária (OSTROWER, 1983).

O homem sempre teve a necessidade de representar. Representar suas tristezas, angústias, alegrias, etc. Seja inicialmente para cultuar deuses e posteriormente uma atividade dramática cultural encenada por muitos povos, o fato é que a partir de então o teatro faz parte da nossa cultura.

Desde os tempos de Platão o teatro vem sendo abordado com a intenção de educar. Historicamente, atividades de expressão dramática eram estudadas e centradas com valores didáticos, ou seja, o teatro tido como formador da personalidade do homem. O teatro foi um importante

instrumento educacional na medida em que difundia o conhecimento e representava, para o povo, o único prazer literário disponível na época de Platão e Aristóteles.

A história do Teatro Infantil no Brasil teve um início catequético e jesuítico. Começou com o Padre Anchieta e o Padre Manoel da Nóbrega, que o utilizavam como forma auxiliar, didática e pedagógica, de catequese. Foi a partir da década de 70 que o teatro-infantil passou a ser visto também como uma atividade artística. Assim, o teatro infantil passou a apresentar duas modalidades: o teatro com uma função pedagógica, visão que historicamente já vinha sendo abordada, referindo-se ao desenvolvimento da criança na realização de atividades de teatro e a outra dimensão que tem sido analisada é o teatro como uma atividade artística, a história do teatro como uma história da cultura, as características e função do teatro em cada período histórico.

A palavra "teatro" deriva dos verbos gregos "ver, enxergar", lugar de ver, ver o mundo, se ver no mundo, se perceber, perceber o outro e a sua relação com o outro. Dessa forma, de acordo com a visão pedagógica, o teatro tem a função de mostrar o comportamento social e moral, através do aprendizado de valores e no bom relacionamento com as pessoas.

Os textos do teatro infantil eram adaptações de obras europeias carregadas do moralismo vigente na época. Portanto, o teatro infantil teve a sua origem na moral cristã, no didatismo e na moral europeia, e este quadro só começa a mudar durante a década de 70, passando o teatro-infantil a ser um gênero específico.

O contato da criança com o teatro se dá basicamente pela escola ou pela igreja. É claro que em ambas as instituições o espetáculo é marcado mais pelo viés pedagógico do que pelo estético propriamente dito.

Trabalhar com o teatro na sala de aula, não apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas representá-las, inclui uma série de vantagens obtidas: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a impostação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens; ajuda os alunos a se desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento.

Enfim, são incontáveis as vantagens em se trabalhar o teatro em sala de aula.

Na realização de cenas dramáticas destaca-se o exercício de fazer de conta, fingir, imaginar ser outro, criar situações imaginárias, etc. São atitudes essencialmente dramáticas criadas pelo homem para desenvolver habilidades, capacidades e provir sua existência.

Atuamos todos os dias, em casa, na escola, no trabalho, assumimos papéis sociais constantemente em nossas vidas, como o de pai, mãe, filho, aluno, professor, de acordo com o ambiente assumimos personagens sociais reais. A atuação é o meio pelo qual nos relacionamos com o outro. O processo dramático é considerado um dos mais vitais para os seres humanos.

> Nosso objetivo na escola não é ter um aluno-autor, um aluno- pintor ou um aluno compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana. (REVERBEL, 1989).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais buscam identificar os diversos argumentos sobre a importância do conhecimento artístico. A abordagem dramática na educação admite a importância do teatro infantil e considera-o como base da educação criativa. O teatro na escola, de acordo com os PCNS, tem o intuito de que o aluno desenvolva um maior domínio do corpo, tornando- o expressivo, um melhor desempenho na verbalização, uma melhor capacidade para responder às situações emergentes e uma maior capacidade de organização de domínio de tempo.

O teatro estimula o indivíduo no seu desenvolvimento mental e psicológico. Mas apesar disso, o teatro é arte, arte que precisa ser estudada não apenas em níveis pedagógicos, mas também como uma atividade artística que tem as suas características como tal. Assim declara Reverbel:

> Que o teatro tem a função de divertir instruindo é uma verdade que ninguém pode contestar, pois seria negar-lhe a própria história (REVERBEL, 1989).

Teatro também é instrução, mas considerar isso como a essência teatral corresponde a desconhecer suas múltiplas manifestações. O teatro essencialmente tem a função de prazer, alegria, algo essencialmente agradável. Não no sentido de peças teatrais com tema relacionados a coisas boas ou temas que seguem certas regras de conduta, mas agradável no sentido que a mimeses/imitação, o atuar, foi belo, foi real. A oportunidade de escrever uma peça, transformá-la ou atuar nela, a construção de cenários e figurinos, é a essência do teatro, pois é algo que pode ser construído e dividido em sua essência.

Dessa forma, o trabalho cenográfico permite o desenvolvimento do pensamento reflexivo sobre a sua obra, por exemplo: ao criar o cenário que representa o lugar onde acontece a cena: lugar geográfico, lugar social, lugar geográfico e social ao mesmo tempo. O cenário também

pode significar o tempo: época histórica, estações do ano, certa hora do dia.

Assim, a função do cenário é a de determinar a ação no espaço e no tempo para que o espectador possa entender os acontecimentos. Ao interpretar, o personagem utiliza a palavra, que possui funções variadas de acordo com o gênero dramático, o modo literário ou teatral, etc. A participação no teatro é a sua essência.

O valor estético do teatro é abordado por Aristóteles, sendo o primeiro a analisar e explicitar a composição narrativa, inicialmente nas tragédias gregas, onde conceitos como mimesis, deixam claro que a imitação é a das paixões que movem o homem e não apenas as suas ações, modificando o entendimento da função de catarsis, que, através da identificação com a trama e seus personagens, o espectador seria capaz simplesmente de expressar seus sentimentos. Todavia, seu papel vai além, permitindo que a plateia repense seu estar no mundo, que se dá através de um conflito – que o coloca em presença de questões humanas. O conflito é gerado pelas relações entre os personagens.

O objetivo do texto é proporcionar a eficácia da peça, dessa forma, o texto deve ser bem formulado e diálogos bem estruturados. Com relação ao teatro infantil, a ação dramática, como característica do teatro, deve ser observada seguindo os mesmos critérios de avaliação de peças para adultos, como por exemplo: estrutura da peça, articulação dos atos, cenas principais e caracterização das personagens. A estrutura da peça apresenta três elementos: exposição, conflito e desenlace. A exposição é a parte em que o público toma conhecimento dos acontecimentos. No conflito, os problemas descritos na exposição chegam ao clímax, aumentando tensões. O desenlace é o moderador da tensão, sendo provocado pela resolução do problema.

A visão de teatro-infantil com função pedagógica começa a ser quebrada na década de 50 com o surgimento de O Tablado, dirigido por Maria Clara Machado. Maria Clara Machado é uma das pessoas que mais escreveu peças para o teatro infantil no Brasil. Em 1955, ela escreveu a peça infantil mais famosa do país até hoje: Pluft, o Fantasminha. É a história de um fantasma criança, que tem medo de gente. A peça conta a história do rapto da Menina Maribel pelo malvado Pirata Perna-De-Pau, que vai esconder a menina no sótão de uma casa abandonada, onde vive uma família de fantasmas: a Mãe, que faz deliciosos pastéis de vento e conversa ao telefone com Prima Bolha; o fantasminha Pluft, que nunca viu gente; Tio Gerúndio, que passa o dia inteiro dormindo dentro de um baú; e Chisto, o primo aviador que não chega a entrar em cena, surgindo apenas no final para fazer um salvamento espetacular da menina. A trama se concentra na procura do tesouro do avô da menina, o Capitão Bonança, que morreu no mar deixando no fundo dele a sua herança.

O teatro é um importante recurso didático pedagógico para o desenvolvimento da criança dando suporte para sua trajetória na vida social, proporcionando experiências novas que contribui para o crescimento integral da criança sobre vários aspectos.

Diante dessa importância o teatro é trabalhado já há algum tempo como prática educativa, possuindo atualmente um lugar nas políticas nacionais de educação, sendo considerada uma das linguagens artísticas a ser trabalhada dentro da disciplina Arte no currículo escolar. A atividade teatral apresenta um valor pedagógico de fundamental importância na vida do jovem. Com o contato com o teatro, o aluno pode desenvolver um espírito crítico, fortalecer sua autoestima e autoimagem. Possibilita que o aluno vivencie uma atividade gratificante e prazerosa.

Para fundamentar essa afirmação, tomo como referência Granito (2011, p. 7), coloca que "a representação teatral constitui um instrumento indispensável na educação de crianças e jovens para a vida, em sua plenitude de sentidos". A autora acrescenta ainda que o fazer teatral desperta os alunos para a observação de si mesmo e do outro, incita-os a aprofundar-se em suas próprias histórias de vida e a desenvolver a capacidade de expressar seus sentimentos de forma positiva, com respeito e colaboração.

O teatro como sendo um instrumento vivo na educação, que pode incorporar e ser incorporado por diferentes áreas que englobam o currículo escolar para a realização de uma educação plena. Todo exercício teatral trabalha com a necessidade de ajudar a compor a personagem, criar confiança, dar sensibilidade, expressar-se melhor tanto pela voz, como pela face, pelo corpo ou até pelo jeito de olhar e também da discussão e decisão em grupo, coisa muito interessante de ser conseguida pelo professor em sala de aula (Granito, 2011). O teatro também permite que o professor perceba traços da personalidade, comportamento individual ou em grupo, bem como seu desenvolvimento, oportunizando um melhor direcionamento pedagógico, e para uma melhor realização de cenas dramáticas, trabalha-se faz de conta, imaginação, interpretação (Granito, 2011).

Portanto, o professor da educação infantil deve possibilitar atividades que favoreçam o envolvimento das crianças em brincadeiras, fundamentalmente as que promovam a criação de situações imaginárias, pois estas têm nítida função pedagógica. Nesse momento, a brincadeira não deve ser considerada meramente uma atividade de passatempo, sem outra finalidade que não seja a diversão. Vygotsky, ao discutir o papel do brinquedo, evidencia particularmente o "faz de conta", como brincar de casinha, de médico, de professor e aluno etc. O "faz de conta" é privilegiado em suas discussões, em função dos benefícios que este acarreta para o desenvolvimento infantil.

É dentro dessa abordagem lúdica e despretensiosa que o teatro na Educação Infantil deve acontecer. A história do teatro pode ser remontada desde as sociedades primitivas em que a característica principal do homem era ser caçador e selvagem e com uma grande necessidade de dominar a natureza. Através destas necessidades, surgem invenções como o desenho e o teatro nas suas formas mais primitivas.

O objetivo do ensino das artes, para a concepção "pedagógica essencialista, não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores" (Japiassu, 2001, p. 24). Dessa forma, a contribuição do teatro no desenvolvimento do aluno, é grandiosa, ajuda no desenvolvimento de suas próprias potencialidades de expressão e comunicação, bem como proporciona o conhecimento de outro gênero, além da prosa e da poesia e favorece o processo de produção coletiva do saber cultural tanto no valor estético como educativo.

Utilizar o teatro aliado à educação oportuniza aos educandos um conhecimento lúdico, existindo um clima de liberdade em que o aluno libera suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para os alunos.

Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como se sente, pensa e vê o mundo. É uma atividade artística que permite ao aluno expressar-se, explorando todas as formas de comunicação humana. O teatro amplia o horizonte dos alunos, melhora sua autoimagem e colabora para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vivem. O teatro a serviço da educação dá ao educando o ensejo de valorizar-se, de integrar-se harmoniosamente a um grupo, aumentando o senso de responsabilidade e o sucesso do trabalho se dá devido à soma dos esforços de todo o conjunto. É o momento em que ocorre o desenvolvimento de cada um e do grupo, fundamentado na complementaridade das diferenças. A atividade teatral ensina aos educandos a aprenderem com a diversidade, pois somente assim é que pode ocorrer a construção do conhecimento do sujeito.

O educador que pretende explorar a linguagem teatral na escola pode recorrer a alguns dos elementos dessa gramática da linguagem cênica. As relações com o corpo, com o espaço, com a sonoridade, com a plasticidade e com o público podem ser eixos norteadores de estudos práticos e teóricos em sala de aula. É necessário entender que a educação escolar tem a tarefa de promover a apropriação de saberes, procedimento, atitudes e valores por parte dos alunos, pela ação mediadora dos professores e pela organização e gestão da escola (Libâneo, 2003).

Essa atividade é de natureza interna, se dá no nível do pensamento da criança a partir das condições de conhecimento que ela já construiu, e não deve ser identificada com uma simples manipulação ou exploração de objetos e situações (Kishimoto, 2005).

O teatro não deve ser realizado no formato de espetáculos, em que as crianças apresentam uma peça previamente ensaiada para um público. Já que esse tipo de atividade gera, segundo a autora, uma expectativa por parte desses espectadores sobre o aluno. Pais, professores e colegas acabam esperando um desempenho profissional da escola, sendo que essa não é sua função. Há alunos desempenhando função lúdica, proposta como atividade didática.

Para Reverbel, (1997, p. 25):

> O professor deve adaptar as atividades e ordem de aplicação de cada conjunto às condições de espaço, de material colocado à disposição das crianças e, principalmente, partir da sua própria percepção dos tipos de personalidade das crianças com quem trabalha. O educador deverá adaptar o ensino a cada momento, a cada criança e a cada grupo.

Quando o professor se aperfeiçoa em técnicas como as dos jogos teatrais, muitas histórias do cotidiano podem ser sanadas ou amenizadas com a aplicação desses instrumentos pedagógicos, em vez de não ser aprofundado, o que pode trazer tanto incômodo e prejuízo ao grupo.

Desse modo, o teatro na escola é acima de tudo um processo de aprendizagem e possui múltiplas possibilidades de aplicação, basta apenas que o professor saiba como utilizá-las pedagogicamente nas diversas áreas de conhecimento. O questionamento que se levanta em torno da função e da importância da prática do teatro na escola faz com que haja a necessidade de abordamos, de modo geral, os aspectos mais relevantes a respeito dessa arte, quanto à definição e à evolução do teatro no decorrer dos tempos. Na verdade, e preciso entender que conhecer a definição e a trajetória histórica do teatro já se constitui um caminho para a compreensão da importância e da função desse instrumento dentro do espaço escolar.

Ensinar o conteúdo disciplinar, atualmente, não é a única função da escola. Enquanto instituição formadora, ela deve viabilizar formas de acesso ao lazer, à cultura, às práticas esportivas e até questões religiosas, permitindo a integração mais efetiva dos alunos na sociedade.

Nesse sentido, o teatro tem um papel importante na vida dos estudantes, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento da criança e do adolescente como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem e fruição dos conteúdos escolares. Além

disso, sob a perspectiva de obra de Arte, o teatro também incomoda, no sentido filosófico, porque faz repensar e querer modificar a realidade instaurada. Ademais, possui caráter lúdico e constitui-se como forma de lazer.

Há muitas maneiras de se trabalhar teatro nas escolas, mas o que se tem visto é a banalização desta forma artística no uso reiterado em datas históricas comemorativas, sem um objetivo de fato pedagógico e formador conceitual. Por isso, destacamos, aqui, duas maneiras de fazer o uso do teatro na escola: trabalhar o intelecto da criança e as habilidades por meio da espontaneidade da mesma.

O teatro deve ser explorado pelo educador dentro do espaço da sala de aula e com objetivo primeiro de desenvolver: as capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção, as quais são próprias do ser humano, mas necessitam ser estimuladas e desenvolvidas. As atividades dramáticas (mímicas, jograis, improviso, recriação etc.), nessa perspectiva, são um valioso instrumento para o professor.

Entretanto, o professor deve adaptar as atividades e ordenar sua aplicação, de modo que cada conjunto promova condições de espaço, de material colocado à disposição das crianças e, principalmente, partir da sua própria percepção dos tipos de personalidade das crianças com quem trabalha. O educador deverá adaptar o ensino a cada momento, a cada criança e a cada grupo.

O teatro na escola proporciona um crescimento integrado da criança sob vários aspectos: o desenvolvimento de suas capacidades expressivas, plano individual, plano coletivo por ser uma atividade grupal, diálogo, respeito mútuo, reflexões sobre como agir com os colegas, entre outros. Compete à escola oferecer um espaço para a realização dessa atividade teatral, um espaço mais livre e mais flexível para que a criança possa ordenar-se de acordo com a sua criação.

Diferente de determinados meios de comunicação de massa, o teatro exige um trabalho de decodificação, interpretação e da reelaboração da mensagem cênica. A arte de representar no espaço escolar produz resultados animadores na construção de aprendizagens e valorização das relações humanas, dentro e fora da sala de aula.

A importância da arte do teatro, da imaginação e da fantasia como um desencadeador do processo de aprendizagem, da compreensão de conflitos e da assimilação de papeis sociais que fazem parte de nossa cultura. Sendo que a assimilação e apropriação da realidade humana, construção de hipóteses, elaboração de soluções para problemas, enriquecimento da personalidade. São por meio da brincadeira que ela explora os seus sentidos, começa a dominar a coordenação motora e a adquirir a linguagem. Na Educação Infantil, sendo esta primeira etapa da Educação Básica no país, o teatro pode oferecer a criança possibilidades de experimentação e aprendizagem, contribuindo com o desenvolvimento de sua personalidade, como a formação da inteligência, vida emocional e ampliação das relações sociais e culturais. O teatro e um conjunto de várias linguagens. O texto, o gestual, a música, o cenário e o figurino pertencem a linguagens artísticas diferentes e fazem parte do universo teatral.

CONCLUSÃO

Almejou-se com este trabalho mostrar o desenvolvimento e crescimento do trabalho em teatro infantil e sua função rotineira em sala de aula. Assim, torna-se evidente o quanto é importante inserir os jogos dramáticos e teatrais no cotidiano das crianças, para que possam dar continuidade ao seu desenvolvimento geral e tenham a oportunidade de expressar os seus sentimentos e pensamentos através da linguagem teatral, melhorando, inclusive, as suas relações pessoais. Um bom texto de teatro é aquele que valoriza a inteligência da criança. Quando se trata de inteligência, sensibilidade, criatividade, emoção, assim muitas vezes surpreendendo os adultos. À tona toda a imaginação, a criatividade, a expressão pessoal, a interação social e principalmente a consciência de toda essa vivência única. Para trabalhar a voz, sugerimos que as crianças imitem os sons dos animais, vozes grossas, graves e finas. De homens de mulheres, falar como se fosse uma pequenina formiga etc. Ela influência e contribui juntamente com o cenário, a música, a iluminação e sua linguagem podendo alterar ou manter-se de acordo com estes outros elementos visuais. Outro aspecto que deve ser considerado quando abordamos o elemento figurino, são as cores, pois possuem uma carga muito grande de simbologia. Possibilidades para a construção de suas produções, de onde os desenhos devem se localizar no cenário A música na peça teatral está sob a influência do espaço, do tempo, da situação da trama mais importante, dos personagens e suas relações. A primeira etapa que deve ser realizada pelo professor é necessidade de saber sobre esta etapa é que todas as crianças são capazes de atuar no palco e todas têm capacidade de improvisar.

É muito possível que o que é chamado comportamento talentoso seja simplesmente a capacidade individual para experiência. Daí a importância de o teatro para crianças mais um jogo dramático, espontâneo que envolva brincadeiras imaginativas do que uma representação teatral. A criança da Educação Infantil ainda não possui maturidade psicológica suficiente para compreender a vida interior de uma personagem. Consciência necessária para poder valorizar a alteridade e poder distanciar-se da realidade do mundo, acabando por, muitas vezes, confundir-se com ela.

Consideramos que as apresentações teatrais realizadas no ambiente escolar são extremamente significativas. No caso de teatro de animação mesmo já é uma grande conquista conseguir articular a cabeça e os membros dos bonecos para, a seguir, utilizá-los para representações.

O mais interessante neste teatro de bonecos é que as personagens são confeccionadas pelas próprias crianças. É um excelente recurso para fazer reconto de histórias. Quando os bonecos são utilizados nas escolas e quando o professor se coloca como orientador, tornam-se valiosos instrumentos, no que se refere à linguagem oral e escrita, pois, assim que um boneco está pronto, a criança sente o desejo de animá-lo e tentar manipulá-lo.

O ideal é que o professor deixe a criança manipular os bonecos livremente. Para essa etapa, é interessante motivar a criança a criar diálogos, fazendo vozes diferentes, expressões e movimentos corporais. No começo, as crianças preferem brincar sozinhas com os bonecos. Depois se juntam espontaneamente e cada fala por seu fantoche. As crianças, de maneira geral, por meio dos bonecos, deixam a liberdade de verbalização correr solta, pois se encorajam e contam suas ações, seus desejos, suas aventuras, reproduzem fatos e histórias lidas ou ouvidas com suas próprias palavras, criam novas histórias, escolhem textos para representar. Além disso, ouvir histórias contadas, através dos bonecos criados pelas crianças, desenvolve a concentração e a audição, estimulando a criança a ouvir com interesse o que os outros falam. Também, se sentem valorizadas, ganham consciência de suas possibilidades e de suas limitações.

As crianças menores, da Educação Infantil, têm preferência por personagens que lembrem seu contexto familiar: mamãe, papai, vovô, vovó, irmãos, parentes, crianças, professor, animais domésticos etc. Como reis, rainhas, fadas, bruxas, príncipes, princesas, anões, gigantes, dragões. Além de ser uma diversão, manipular bonecos para a Educação Infantil, isso também trabalha questões de ordem psicológica.

Os bonecos são excelentes recursos para o professor contar histórias. A mímica é considerada um dos meios mais primitivos de auto expressão e uma das formas de representação básica no homem. Fazer mímica exige algumas habilidades especificas e domínio de determinadas técnicas, um enorme poder de diálogo e envolvimento com os espectadores.

Normalmente, as crianças gostam muito de brincar de fazer mímica. É interessante deixar as crianças praticarem livremente com as mãos e com o corpo esse jogo sensorial. Neste módulo, você conhecerá a síntese da importância do teatro para o processo de criação da criança. Assim como o próprio teatro infantil, despertar o interesse das crianças pela arte teatral. É através das brincadeiras de teatro que se pode criar e recriar o possível e o impossível, levando as pessoas a outro lugar, outro mundo, com indivíduos e outros seres diferentes e com histórias diferentes das nossas. Enquanto as pessoas conseguirem acreditar na magia e enxergar o palco com os olhos de uma criança, existirá o teatro.

A importância do teatro nas escolas seria se grande relevância no que se refere à ação pedagógica e metodológica, sobre as significações dinâmica e unificadora, num envolvimento coletivo: os valores, a cultura representada por outras culturas (no caso a história indígena, povos de outros países, Estados do Brasil), enfim, trabalhando o faz de conta, a imaginação, a interpretação e pensamento de cada criança, suas habilidades, ampliando a capacidade delas de estudo e reflexão, compreensão e refletir sobre suas atitudes e comportamentos por meio da atividade teatral. A pesquisa mostrou que na experiência investigada a dinâmica do teatro não é apenas um sinônimo de festividade apenas, mas, são estratégias em que o aluno possa apropriar-se do conhecimento de forma significativa, criativa, coletiva, respeito, autoconhecimento, uma formação do ser sensível, crítico e reflexivo que possa comunicar e expressar.

REFERÊNCIAS

ALBERTASSI, T.; SOUZA, D. M. A. **Vivências Teatrais em sala de aula: uma possibilidade no processo de ensino/aprendizagem formal**. Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Prêmio de produção científica. Reynaldo Camargo Neves. De 03 a 07 de outubro de 2011.

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

BOSCHI, R. **O jogo teatral da cultura pós-moderna**. 1999. 268f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Letras.

BRASIL; **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: volume seis, arte**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRENELLI, R.P. **O Jogo como Espaço para Pensar: A construção das noções lógicas e aritmética**. Campinas, São Paulo, Papirus, 2004.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. 8 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPOS. Claudinei José Gomes; **MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4

CARREIRA, A. L.; CABRAL, B. A. V. **O Teatro como Conhecimento**. In: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Memórias. R. cient./ FAP, Curitiba, v.3, p.39-52, jan./dez. 2008.

CHATEAU, Jean. **O Jogo e a Criança**. Tradução de Guido de Almeida, São Paulo: Summs, 1999.

CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COSTA, N. C, de A. **O Teatro como Instrumento na Construção de Valores Éticos na Educação**. Centro de pesquisas estratégicas "Paulino Soares de Sousa". Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. (Tese), 2003, 38p.

COURTNEY, R. **Jogo, Teatro e Pensamento. As bases intelectuais do Teatro na Educação**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GRANERO, V. V. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

GUENON, D. **O teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.

SITCHIN,HENRIQUE. **Teatro para crianças: problemáticas e solucio- lunáticas**. São Paulo: Edição: Cia. Truks, 2015.

KOUDELA, INGRID DORMIEN, **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2013

Vigotski, L. S. (2001c). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2004b). **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2009). **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Editora Ática..

A Importância do Lúdico e dos Jogos na Educação

Varney Júnio da Silva Machado

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o Lúdico no Processo de Aprendizagem, tendo como resultado de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que osjogos e brincadeiras são excelentes oportunidades de mediação entre o prazer e oconhecimento historicamente constituído, já que o lúdico é eminentemente cultural,avaliando seus limites e possibilidades no processo de aprendizagem.

Brincar nainfância é o meio pelo qual a criança vai organizando suas experiências,descobrindo e recriando seus sentimentos e pensamentos a respeito do mundo, dosobjetos e das pessoas com as quais convive. Sendo assim, quanto mais variável fora brincadeira, mais elementos serão oferecidos para o desenvolvimento mental eemocional da criança. Por isso, pesquisar "A Importância do Lúdico e dos Jogos naEducação" é um tema relevante com contribuições significativas acadêmica e social.

PALAVRAS-CHAVE: criança, escola, família

ABSTRACT

This article aims to reflect on the Playful in the Learning Process, having as a result of a bibliographic research, since games and games are excellent opportunities for mediation between the pleasure and the historically constituted knowledge, since the playful is eminently cultural, evaluating its limits and possibilities in the learning process.

Playing in childhood is the means by which the child organizes his experiences, discovering and recreating his feelings and thoughts about the world, the objects and the people with whom he lives. Therefore, the more variable outside play, the more elements will be offered for the child's mental and emotional development. For this reason, researching "The Importance of Playfulness and Games in Education" is a relevant topic with significant academic and social contributions.

KEYWORDS: child, school, family

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido para analisar as contribuições dolúdico para o processo de ensino aprendizagem, estabelecendo os limites entro obrincar e o aprender. É, portanto um desafio para quem deseja construiraprendizagens e estratégicas educacionais, levando-se em conta essa evoluçãopela qual trafegam educador e educando.

Conforme a criança vai evoluindo em seu brincar, a criança vai passandodos jogos imaginários para os jogos em que se apresentam regras. Assim o brincar passa a ser um fator de conscientização de papeis sociais, inclusive os de estratificação de poder e de normas.

O lúdico é um assunto bastante abrangente, que vem sendo estudado e discutido desde a antiguidade pelos filósofos e estudiosos que viveram antes da era cristã, pois acreditamos que todo ser humano já vinha em sua essência com uma inclinação para a diversão e para os jogos, o que explicava, de certa forma, alguns costumes de povos primitivos em suas atividades de dança, caça, pesa e lutas, como sendo aspectos de divertimento e prazer natural.

Entende-se que o jogo é um facilitador da aprendizagem, é bem maisdesenvolvido por teóricos e pedagogos do que há algum tempo, até mesmo pelapreocupação cada vez maior em estar aliando o ensino a metodologias quegarantam eficazes resultados na educação; e por se tratar de algo, dinâmico,exigindo um certo cuidado e saber no seu planejamento execução.

Cury (2003), em suas considerações em torno da educação, afirma que"Bons professores possuem metodologia, professores fascinantes possuemsensibilidade". Não adianta ser só didático, trabalhar jogos de cunho pedagógico precisa-se ir muito além das teorias, até porque os jovens de hoje, dentro de ummundo globalizado, onde a informação vem principalmente de forma instantânea,não pensam da mesma forma que os do passado, ou seja, o tempo todo ocorre umprocessamento intenso de dados e informações.

Sendo assim, cabe ao professor mediar o processo de ensinoaprendizagem de jogos e esportes, que será mais consistente quanto maior for aspossibilidades de interação das crianças com as regras, gestos, espaço, material,seus pares e o "mundo" ao seu redor. Uma intervenção qualificada pode ajudar osestudantes a se aproximarem deste objeto de conhecimento, que é o jogo. Nestesentido é importante destacar as concepções de VYGOTSKY (1989) que afirma que,quando a criança brinca, modifica seus hábitos e comportamento usuais, mostrandose mais e em maior grandeza.

No brinquedo, é como se ele fosse maior do que é na realidade. Como nofoco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendênciasdo desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grandefonte de desenvolvimento. Apesar da relação brinquedo – desenvolvimentopode ser comparada à relação instrução – desenvolvimento, o brinquedofornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e daconsciência. (VYGOTSKY, 1989 p. 117)

Cabe destacar neste contexto, que o lúdico pode ser utilizado comoelemento mediador da relação adulto e criança. Assim, a inclusão de brinquedos ebrincadeiras como parte integrante de métodos e procedimentos educativos devemser constantes na ação de planejamento e regência realizada pelo professorresponsável pela sala de aula. Desse modo, o presente trabalho inicia em seu primeiro capítulo com abordagem sobre A Ludicidade na Educação evidenciando sua essência na vida humana.

A metodologia utilizada foi bibliográfica com pesquisas em livros e revistas.

Para fundamentação desse trabalho os principais autores são: Claparède (1956), Hiuzinga (1993), Kishimoto (2003), Piaget (1990), Vygotsky (1998), entre outros.

Enfim, conclui-se que é de extrema importância aprofundar os estudos sobre a importância do lúdico e dos jogos na educação apresentando indícios que nos levam a reflexão e a mudanças de práticas pedagógicas inerentes ao ensino de qualidade.

DESENVOLVIMENTO

A brincadeira tende a descrever todo um conjunto de conduta que tem como fator primordial á capacidade dela se auto-gerir através de sua estruturação,seja ela simbólica; de cunho cultural e de construção, caracterizada como uma atividade conceituada que se torna real no momento em a mesma se processa, de um plano ilusório ao real.

Já o jogo tende a ser um ato mais complexo em seu contexto, porém a sua definição se faz pela soma destes dois fatores, tanto no brinquedo como da brincadeira e sua característica primordial é a presença de regras determinadas pelos seus jogadores ou por uma cultura já estabelecida onde necessita de suportes ou não dos brinquedos e de regas já anteriormente estabelecidas.

Contudo,o que há de mais precioso no campo educacional é saber dosar,ou melhor, encontrar o equilíbrio entre a função lúdica e a função educativa, papel principal do jogo educativo, entretanto o seu desequilíbrio provoca duas situações distintas: quando se prioriza o lúdico não há mais ensino e quando se prioriza o educativo há apenas o jogo. Quando este equilíbrio não é encontrado o brinquedo deixa de ser brinquedo e passa a ser material didático ou pedagógico, o mesmo acontece com o jogo que perde a sua função de propiciar prazer em favor da aprendizagem.

No Brasil, têm seu ponto inicial nos anos 80, apesar de causar grande encantamento no despertar desta nova idéia, encontrou dificuldades em sua sobrevivência, tanto no campo econômico como também para se impor como instituição reconhecida e valorizada a nível educacional.

A ludoteca tem como principal objetivo proporcionar estímulos para que a criança possa brincar livremente, onde possa realizar todos os seus anseios frente a sua imaginação, onde ela possa construir um repertório motor auto-regulado por suas escolhas, dentro de um ambiente delimitado, ela não tem como atividade principal o empréstimo de brinquedos, mas a disponibilização dos mesmos para a sua diversão.

Na contextualização social brasileira, a disponibilidade à cultura do brincar assumiu, através da brinquedoteca, características próprias direcionadas a atender da melhor forma possível as crianças do nosso país. Para tal, foi sofrendo a cada momento transformações que ajudaria neste processo de aprimoramento como: atuação dos profissionais da área de educação preocupados com a felicidade e com o desenvolvimento emocional, social e intelectual das crianças.

Diante de todo este processo seu papel dentro do campo educacional cresceu a ponto dela ser considerada como um agente de mudança do ponto de vista educacional. Ela é a valorização da atividade lúdica das crianças e provocadora de reflexões em pais e educadores acerca de sua importância.

Cunha (1997) traz uma enumeração de principais finalidades que devem ser estabelecidas por uma brinquedoteca na elaboração de seus objetivos:

• Proporcionar um espaço onde a criança possa brincar sossegada, sem cobranças e sem sentir que está atrapalhando ou perdendo tempo;

• Estimular o desenvolvimento de uma vida interior rica e da capacidade de concentrar a atenção;

• Estimular a operatividade das crianças;

• Favorecer o equilíbrio emocional;

• Dar oportunidade a expansão de potencialidades;

• Desenvolver a inteligência, a criatividade e sociabilidade;

• Proporcionar o acesso a um número maior de brinquedos, de experiências de descobertas;

• Dar oportunidades para que aprenda a jogar e a participar;

• Incentivar a valorização do brinquedo como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social;

• Enriquecer o relacionamento entre suas crianças e sua famílias;

• Valorizar os sentimentos afetivos e cultivar a sensibilidade.

A sua principal implicação educacional é a valorização da atividade lúdica, que tem como conseqüência o respeito às necessidades afetivas da criança de forma a promover o seu respeito e diminuir a opressão do sistema educacional que trás um ranço extremamente rígido.

Existe, na atualidade, uma grande preocupação em encontrar novas estratégias de ensino de criticas metodológicas e pesquisas científicas, podemos observar vários reflexos a nível acadêmico, onde já se fazem sentir a importância da utilização da brinquedoteca e as suas contradições enquanto recurso para a aprendizagem.

Para entender o avanço da criança no seu desenvolvimento, devemos perceber quais as modificações, tendências e incentivos que a colocam em ação. O brincar deste modo aparece como um aspecto dominante na infância, ele nos faz crer que o jogo funciona como "fator de desenvolvimento" por através dele ser possível estimular a criança no exercício do pensamento, desvinculando-o das situações Acredito ser de grande importância nos basearmos por caminhos

Acredito ser de grande importância nos basearmos por caminhosdesvendados por outros, mas isto é muito pouco para aqueles que acreditam em novas possibilidades, só os que ousam de forma prudente encontram novos caminhos para seus objetivos. Contudo, é necessário pensar com a própria cabeça, ousar a mudar de idéia quando se chega a uma conclusão e se descobre que esta é mais eficiente do que a de antes.

Quando a criança joga, ela opera com o significado das duas ações, o que faz desenvolver a sua vontade e ao mesmo tempo tornar-se consciente das suas escolhas e decisões. Por isso, o jogo apresenta-se como elemento básico para a mudança das necessidades, da consciência e do comportamento moral da criança.

A evolução do ser humano está diretamente relacionada ao seu nível de consciência e é papel também da educação ter dever de provocar a expansão do potencial das crianças não só a nível cognitivo, mas também a nível de consciência. O brinquedo representa uma diversidade de realidades, a representação significa dizer que existe algo presente no lugar de algo e que será ele responsável por substituir ou responder. O brinquedo, ao ser dado a uma criança, funciona como um mecanismo que a coloca na presença de reproduções, pois é ela uma representação de tudo que existe no universo, na natureza, no cotidiano e nas construções humanas, desde o real ao imaginável.

Apesar da realidade, quando representada, incorporar modificações no tamanho, na forma, nos traços simples ou estilizados quando é representada pelo brinquedo, ela incorporará também um imaginário pré-existente, seja por si ou por televisão, seriados, desenhos animados, ficções científica não deverá ser transportado este mesmo pensamento com relação a criança / homem.

Em muitas culturas, por terem formas diferenciadas de visualizar a criança, algumas tendem a ter uma concepção de criança como um homem em miniatura, nos revelando uma visão negativa, por ser elas seres inacabados, sem nada específico e original. Será esta postura uma atitude correta? Cabe-nos a reflexão.

Em análise a criança enquanto um ser em desenvolvimento não pode ser caracterizada como um homem em miniatura, mas também é desumano considerála como um individuo sem nenhuma especificidade e originalidade. Uma das grandes bandeiras levantadas a partir do século XVIII e defender a idéia de ser a criança um ser possuidor de uma especificidade infantil, de natureza própria que deve ser desenvolvida.

Este desenvolvimento através do brinquedo consiste em perceber que a infância expressa nele próprio o que contém no mundo real, repleto de valores, modos de pensar e agir e que a sua construção é constituída pelo adulto a medida que a sua criação está referida em contexto de aspirações e valores de uma sociedade dependente de percepções próprias, de adultos que trazem incorporado em seu ser memórias de seu tempo de criança.

Frobel (1912) apud Kishimoto (1997, p. 27) concebe "... o brincar como atividade livre e espontânea, responsável pelo desenvolvimento físico, moral, cognitivo e os dons ou brinquedos como objetos subsidiam as atividades infantis". Este filósofo em sua teoria metafísica pressupõe que o brincar permite o estabelecimento de relações entre os objetos do mundo cultural e a natureza, unificados

pelo mundo espiritual, foi ele o responsável pela introdução de brinquedos e brincadeiras no jardim de infância.

Ela tem maneiras diferentes de pensar, ver e sentir e que o aprendizado tem lhe oferecer, advindo de uma experiência que sobrepõe às lições verbais. A moralidade foi mais um dos temas abordados por Piaget em seu livro Juízo Moral. Nesta obra ele escolhe um campo muito peculiar da atividade humana, campo este de grande importância para o nosso estudo: que é o jogo das regras.

Conforme Piaget (1977), toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras.

Para este autor os jogos coletivos de regras são paradigmáticos para a moralidade humana. Podendo ser visualizado em pelo menos três razões, primeiramente ela representa uma atividade individual regulada por certas normas que, embora geralmente herdadas das gerações anteriores, podem ser modificadas pelos membros de cada grupo de jogadores, explicitando a condição de "legislador" por cada um deles. Em segundo lugar, embora tais normas não tenham em si um caráter moral, o respeito a elas devido é sim moral. É, em último plano, o respeito provem de mútuos acordos entre os jogadores, e não da mera aceitação de regras e normas impostas por autoridades estranhas à comunidade de jogadores.

As brincadeiras e os jogos das crianças funcionam como potencializadores do desenvolvimento e da aprendizagem, é no brincar e no jogar que as crianças entram em contato com as suas estruturas mentais, com a sua forma de pensar e com o conteúdo de seus pensamentos, bem como a sua maneira de agir. Segundo Ramos (2003), é nelas que as crianças organizam as suas experiências de vida, bem como a transição que passa da heteronomia para a autonomia através da prática e da consciência das regras contidas nos jogos e nas brincadeiras.

Em um de seus postulados Piaget (1990), traz a seguinte afirmação: "Não existe estrutura sem gênese, nem gênese sem estrutura". Ou seja, nos demonstra a idéia de que o indivíduo só é capaz de conhecer epistemologicamente o real sentido do que faz se estiver dotado de condições para tal, de modo a agir sob este determinado objeto de conhecimento, seja ele material ou cognitivo, podendo a partir de então inseri-lo em seu sistema de relações.

Enfim, as regras são para seus jogadores a representação dos limites, do que é permitido e do que não é permitido, são as regras que regulam a convivência entre as pessoas. É através das regras que podemos criar a variedade de atividades lúdicas, recriar todos os jogos de forma a descobrir e redescobrir a diversidade de meios do brincar, possibilitando a ela vários níveis de dificuldades, a ponto de determinarmos o grau de exigência, de descontração e coordenação das ideias de acordo com o tipo de jogo, estabelecido pelos seus jogadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das pesquisas realizadas durante este curso, fica possível perceber que a "atividade lúdica" intervêm no aprendizado da criança na sala deaula. O jogo é agradável, motivador e enriquecedor, possibilitando o aprendizado de várias habilidades e também auxiliando no desenvolvimento mental, na cognição e no raciocínio infantil. A ludicidade precisa ser trabalhada por todos os professores, independente da disciplina que atuam, dentro e fora da sala de aula.

Os professores devem usar a interdisciplinaridade para ensinar as crianças. Precisam planejar cuidadosamente os objetivos das aulas e trocar informações entre si.

Os professores precisariam se unir para trazer novamente o prazer às crianças em aprender. E também os próprios professores recuperarem a vontade de ensinar. O foco que devemos ter é apenas o benefício da criança, conhecê-la realmente, saber suas dificuldades e vontades; e é através do lúdico que conseguiremos reconhecer os problemas de cada criança, apresentando a elas um mundo real, misterioso e curioso para se aprender e transformar.

O jogo é o melhor caminho da iniciação ao prazer estético, à descoberta da individualidade e a meditação pessoal. Entretanto, deve ser usado pedagogicamente com rigoroso e cuidadoso planejamento, marcados por etapas muitos nítidas e que efetivamente acompanhem o progresso dos alunos.

Verá que o tempo não para e que a cada dia que passa se faz necessária a existência de profissionais mais comprometidos com o ato de educar, de forma a adentrar no campo de significação infantil, a ponto de perceber a ludicidade enraizada em seu existir, e com essa percepção, ser capaz de se auto regar de estudos de forma a poder brotar jogos, brincadeiras, brinquedos e espaços que ofereçam a cultura infantil à máxima que a vida lhe proporciona, que é a capacidadede viver e aprender.

A ludicidade faz parte das atividades essências da dinâmica humana,caracterizando por ser espontâneo funcional e satisfatório levando a realização de diversas atividades que englobam a criança dentro de sua especificidade contribuindo para uma satisfação pessoal.

Portanto, a ludicidade pode ser um tema atual, porém já era um lema estudado de muito tempo atrás.

Enfim, o brincar é a primeira etapa da criança e nesta vertente é que se pode atuar com qualidade no processo de ensino e interferir na aprendizagem com atuação do lúdico . Pois acredito que todos nós professores, que acreditamos em mudanças, que somos curiosos e que estamos sempre em busca de ações educativas eficazes, devemos sim, apostar no lúdico como processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. 3. Ed. Brasília: A Secretaria, 1998.

CLAPARÈDE, Eduardo. **Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental**. São Paulo: Editora do Brasil, 1956.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **O jogo e a Educação Infantil.** São Paulo: Pioneira, 2003.

MACHADO, Lourdes Marcellino et al (Orgs). **Pesquisa em Educação: passo a passo**. Marília – São Paulo. Editora: Edições M3T – Tecnologia e Educação. 2007, p. 12

PIAGET,Jean. **A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho; imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

RAMOS, Rosemary Lacerda. **Formação de Educadores para uma Prática Educativa Lúdica: pode um peixe viver fora d'agua fria**. 2003. Tese (Doutorado em Educação)– Faculdade de Educação da Bahia, Universidade Federal da Bahia. Salvador. ROSA, Sany. Construtivos e Mudança. São Paulo: Cortez, 2002.

TANI, Go et al. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

VYGOSTSKY, Lev Semenovich. **A formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo:Martins Fontes, 1998.

O Profícuo do Teatro Animado em Sala de Aula – O Boneco no Meio Pedagógico

Claudeci Ferreira Campos

RESUMO

A presente pesquisa vem apresentar um diálogo existente entre as metodologias do aprendizado infantil com a prática do uso do Teatro de Bonecos. Em uma época onde a tecnologia ganha preferência como metodologia de ensino nas escolas, muitos professores se encontram despreparados para atuarem com esta ciência tecnológica que se altera a cada dia. Para muitos, suas novidades são difíceis de se acompanhar e os próprios professores em muitos casos, são subjugados por seus alunos no quesito prática e conhecimento tecnológico. Em vista disto, há uma retomada nas práticas antigas do Teatro de Bonecos, que sempre esteve presente nos conceitos didáticos e na literatura da disciplina de Artes nos currículos escolares. Mas quem disse que esta é uma ferramenta ultrapassada? Este artigo visa esclarecer, dialogar e apontar o uso do boneco como ferramenta imprescindível na prática pedagógica atual como sendo inovadora, informativa, mediadora, inclusiva, lúdica e instrutiva.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro de boneco; contribuir; identidade.

ABSTRACT

This research presents an existing dialogue between child learning methodologies with the practice of using the Puppet Theater. In a time when technology gains preference as a teaching methodology in schools, many teachers are unprepared to work with this technological science that changes every day. For many, their news is difficult to follow and the teachers themselves are in many cases overwhelmed by their students in terms of practice and technological knowledge. In view of this, there is a resumption in the ancient practices of Theater Puppets, which has always been present in didactic concepts and in the literature of the discipline of Arts in school curricula. But who said that this is an outdated tool? This article aims to clarify, discuss and point out the use of the doll as an essential tool in current pedagogical practice as being innovative, informative, mediating, inclusive, playful and instructive.

KEYWORDS: Puppet theater; contribute; identity.

INTRODUÇÃO

Nos materiais didáticos que os professores de Arte-educação utilizam, sempre há a presença do "Teatro de Bonecos" ou a presença do boneco ali estabelecida. Para muitos profissionais da educação, pedagogos e simpatizantes, o uso do boneco é desprezado como elemento de forte ruptura na formação do aluno, pois é visto muitas vezes como algo ultrapassado da cultura brasileira, que está destinado aos museus e centros histórico ou como complemento da cultural. Este pensamento existe pela falta de preparo e aprofundamento dos professores/alunos nas universidades, que por sua vez, em poucos casos de exceções (salvo os cursos universitários de Artes Cênicas), dão pouca vazão a existência dos bonecos nos cursos de artes visuais e de pedagogia. O boneco é uma fonte rica e inesgotável de transição de conhecimento, como fonte mediadora e se torna um instrumento imprescindível nas interdisciplinaridades escolares, quando utilizado corretamente. O boneco aponta várias possibilidades nas séries iniciais como ferramenta educativa. Tragicamente, muitas vezes ligado historicamente como agente secundário na arte de "Contação de Histórias" ou

como mais um "coadjuvante" na sala de aula durante um teatro. Apesar de serem tão remotos como os atores ou o próprio teatro, junto a eles nos entretemos, instigamos, cantamos, educamos e deliberamos questionamentos em adultos e crianças de todas as classes, gênero e idades.

Em suma, "nos últimos anos, convencionou-se usar a palavra boneco como um termo genérico que abrange várias técnicas" (AMARAL, 1993, p.71).

BREVE RELATO DO SURGIMENTO DOS BONECOS

A história do surgimento dos bonecos ninguém sabe ao certo, há que diga por meio de pesquisas que a origem dos bonecos remonta ao antigo oriente, em países como a Índia, Java, a China e Indonésia entre outros, onde até hoje são comuns as tradições com os bonecos de forma milenares. De acordo com as autoras,

> O Teatro de Bonecos tem sua origem na mais remota antiguidade. Acredita-se que na pré-história os homens se encantavam com suas sombras movendo as nas paredes das cavernas. Nessa época, as mães teriam desenvolvido o teatro de dedos projetando, com as mãos, a sombras diversas nas paredes para distrair os filhos (LADEIRA & CALDAS,1993, p. 10).

A medida que o homem evoluiu, também suas criações de bonecos evoluíram, pois estes começaram a dar forma ao barro, porém sem movimento. Com o tempo articulações foram surgindo na cabeça e em partes do corpo como movimentos. Estes instrumentos (como até os dias de hoje ainda são) foram utilizados durante a Idade Média na Europa para alcançar e evangelizar outros povos. No Egito antigo, os bonecos eram utilizados em cerimônias sagradas, onde a divindades falavam e se articulavam por meio de representação de figuras tridimensionais.

Quando houve descobrimento do Brasil no Século XVI, também os colonizadores utilizavam em geral desta ferramenta influenciar os nativos, porém, estes mesmos nativos produziam seus próprios bonecos. Em nosso país, a região Nordeste foi a que teve maior intensidade de tradições e uso destes, através do Folclore, permanece ativo no estado de Pernambuco com os artesanais e mundialmente conhecidos, os "Bonecos Gigantes de Olinda".

Esta "evolução" dos bonecos pelo mundo, fez com que se expandisse por vários países diferentes técnicas, estilos e maneiras de se construir, manipular e interagir com os bonecos. Há uma incontável diversidade de uso e manipulação no território dos bonecos, no Brasil as mais conhecidas e utilizadas são:

- Fantoche ou Títere: Boneco que se veste na mão, de luva.
- Boneco de sombra: Figura articulada ou não, chapada, projetada através da luz.
- Boneco de vara: Movido por varetas.
- Marionete: Boneco movido à fios pelos dedos.
- Marotti: Mistura de Boneco de luva e de vara.
- Mamulengo: Os bonecos gigantes de Olinda.

Também são muitas as variações e técnicas dos bonecos pelo mundo a fora, isto porque os bonecos parecem ter vida própria, se reinventam; é logico, sempre com um bonequeiro ou manipulador como é comumente chamado. Essa transformação vem ocorrendo nos Teatros de Bonecos, onde novas nomenclaturas tem sido criada para especificar diferentes maneiras teatrais de apresentar o boneco como protagonista de espetáculos, onde o manipulador se torna a figura secundaria e muitas vezes nem existe, como é o caso da série americana criada na década de 60 e conhecida no Brasil como Vila Sésamo e Muppetshow.

Outra técnica de manipulação de Teatro de Boneco é a japonesa, agora muito difundida nos espetáculos pelo mundo, chamada "Bunraku". Onde a manipulação do boneco era tão incrivelmente perfeita, que o público pedia para que os manipuladores japoneses não se escondessem atrás de cortinas, antes mostrassem ao espectadores como faziam tais feitos, e atendendo os pedidos , as trupes teatrais japonesas quebraram o protocolo e passaram a se apresentar ao lado dos bonecos , apenas vestidos com uma roupa preta, as vezes para manipular apenas um boneco era preciso ter três manipuladores..

Muito tem se debatido no meio teatral dos bonecos, sobre o aparecimento ou não do manipulador, como aquele que interage ou apenas está ali. Durante muito tempo a animação do boneco era um mistério trancado a sete chaves, que se passava apenas de pai para filho em algumas culturas. Hoje, as universidades teatrais debatem sobre a questão de o boneco ser um protagonista, sem, no entanto, criar um suspense do "como é feito isso? ".

Este recebe o nome de "Teatro de Animação", "Teatro de Objetos" ou "Teatro de Formas Animadas". Nasceu na França, em 1980, com um grupo de artista que se dedicavam a criar micro dramaturgias pessoais e intimistas, majoritariamente voltado para o público adulto, com objetos arrancados do real e não mariotizados, explorando as suas características plásticas, funcionais, simbólicas e culturais. Consiste na apresentação de bonecos, seja em forma humana, animal ou mesmo a do objeto propriamente dito, como ele é. Todavia, seu manipulador está ali visível diante do público, podendo ou não interagir com ele. Ao tomar esta postura, o animador pode- se encontrar em cinco principais situações: como um segundo boneco que anima, como parte da cenografia, como um outro personagem fictício além do seu boneco, como um animador alheio aos acontecimentos da

cena ou como uma parcela de realidade, sendo ele mesmo um bonequeiro com seu boneco. Por que o que encanta o público não é mais a vida sublimada através do corpo vivo, mas sim a imitação e o surgimento de uma outra realidade de vida. O boneco de animação não é um falso semblante do homem, mas uma alegoria, uma metáfora da humanidade. Enquanto o boneco está sendo manipulado, carregado pelo seu ator bonequeiro, este desaparece aos olhos de seus observadores, como que engolido por uma presença que assume o lugar central, um boneco protagonista na cena.

Philippe Genty é um incrível visionário dramaturgo francês que cria suas apresentações teatrais com bonecos criado pela sua trupe e traz ao palco uma interação complexa, de bonecos e atores, onde a maravilha da imaginação e fantasia ocorre diante de seus olhos, sem se importar com quem é o protagonista da cena – o inanimado ou o humano. Em sua peça "Désirs Parede", de 1995 (pode ser encontrada partes dela no youtube), ele consegue transformar coisas inanimadas como papel Kraft em personagens.

> [...] tecidos extensíveis, filmes de plástico transparente, Kraft etc., adquirem um lugar preponderante, sempre deixando um espaço para a marionete. O inanimado e o ator se colocam em valor mutuamente, como se o inerte dessa mais vida ao vivente, e vice-versa (GENTY, 2009, p.65).

A ideia-chave neste tipo de trabalho é a pesquisa individual, o qual é o próprio artista que exerce e por meio desta pesquisa descobre novas maneiras de exibir sua arte. Esta forma de trabalho não é nova, o que é novo é a aceitação desta proposta como nova metodologia. Esta Arte teatral de "animar o inanimado" (objetos/bonecos), tem uma capacidade única de trabalhar através de fronteiras; de conectar o incomum, o inusitado, o peculiar e o popular, de tornar disponível discussões sobre metafísica, neurociências, emoções, anatomia e mecânica; tradição, patrimônio cultural, política, narrativa, educação, infância e alfabetização; música, religião; e praticamente qualquer campo que nós podemos imaginar.

Devido a esse aspecto é que trazer o uso dos bonecos para dentro da sala de aula se torna tão grande, não só pela ligação lúdica que um boneco tem com a criança, mas também porque o uso deste tipo de arte desenvolve novas linguagens dentro do campo da educação infantil em Arte, das Humanidades e das Ciências Sociais; pode levar a novos entendimentos significativos. Tem-se ficado evidente pelo mundo da arte, no âmbito dos projetos práticos, que a forma animada tem a capacidade de fazer que as crianças falem de áreas antes proibidas a elas, tabus ou de difícil abordagem; há um potencial que elas possam falar coletivamente, que mostram aspectos mais duros ou ocultos das suas histórias pessoais e da cultura familiar.

METODOLOGIA: DA TEORIA À PRÁTICA ESCOLAR

Como professor da disciplina de Artes, trabalhando com alunos do Ensino Fundamental I e Ensino Infantil, resolvi trazer para a sala de aula essa ferramenta. Depois de muitas pesquisas em livros, revistas sobre o assunto, vídeos no youtube, filmes e alguns anos de prática como bonequeiro e Arte Educador, coloquei meu amigo e fantoche "Miguel" em cena na sala de aula para mediar com os docentes.

Miguel é um fantoche criança, que é curioso, imaginativo, teimoso, sonhador e meigo (acho que aqui descrevi 90% de meus alunos), cujos questionamentos e histórias trazem conhecimento, instigação, ludicidade e risadas aos alunos sempre que este vem à sala de aula. A ideia veio depois de assistir o musical "Avenue Q", da Brodway", que também já contou com sua versão brasileira e pode ser vista no youtube. Então pensei: - Porque não levar isso para a sala de aula?

> Quando falamos de múltiplas linguagens, queremos ainda enfatizar o cinema a televisão, os jornais as revistas, os livros do teatro, as histórias infantis, pois são linguagens que serve de apoio ao processo ensino-aprendizagem. Cabe o professor, preparar aulas que incluam esses recursos como auxiliar e significativos ao seu ofício. A informática é outro recurso que pode ser explorado nas instituições de ensino, contudo que a criatividade consiga desenvolver a brincadeira, a arte e a literatura, mediada pelo corpo que se move, que comunica o que não é dito com palavras. Também são linguagens diferenciadas que a criança usa para internalizar o mundo a quem ela pertence e exteriorizar a sua percepção da realidade, são formas muito singulares de experimentação, de vivências de sensações e de apropriação da Cultura que também permitem o contato com as emoções, estreitamento das relações sociais e das negociações e o partilhar da vida em grupo (PLETSCH,2005,p.3).

Desde 1997, quando os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) foram publicados para se realizar o fazer pedagógico é necessário a utilização de múltiplas e diversas linguagens, sejam elas de ordem pedagógicas ou linguísticas que demandam um vasto campo de pesquisa. Para se transcender a aula do giz e lousa e livros escolares, isto é, a aula tradicional, as modalidades escolares introduziram novos recursos didáticos e novas linguagens na Educação Fundamental, Infantil e Ensino Médio como: História em quadrinho, cinema, jogos, literatura de cordel, cartoons, blogs, charges, redes sociais, teatro, visita a museus, tirinhas, revistas etc.… entre elas surge superficialmente o uso de bonecos como forma teatral.

Essas múltiplas linguagens não estão aí presentes como mero recurso de entretenimento ou passatempo recreativo, mas sim porque elas influem na forma como a criança elabora significação e em consequência elabora sentido. Logo, ela interfere na construção do seu repertório pessoal de saberes e sobretudo, da sua constituição como ser histórico. Para refletirmos sobre estas potencialidades didáticas e pedagógicas dos bonecos a fim de contribuir na construção do repertório do conhecimento da criança e de sua identidade, partimos do ponto que essa "modalidade teatral" no processo do ensino aprendizagem contribui substancialmente com a forma que as crianças dão sentido as informações.

De acordo com Vargas e Busssolet (2013), na área pedagógica o lidar com o Teatro de Boneco como recurso didático ampliou-se consideravelmente nos últimos tempos, sendo que a finalidade desse uso é fazer uma abordagem de conteúdos curriculares a partir de uma perspectiva lúdica onde os conteúdos curriculares em vez de serem apresentados de forma tradicional, são abordados de forma inovadora e diferenciada, o que faz com que a exibição feita pelo ator com seu boneco traga consigo os aspectos necessários a ludicidade.

O trabalho pedagógico no contexto da educação infantil tem suas raízes conectadas com o lúdico, com o imaginário e em especial com os traços simbólicos e representacionais da criança. A aplicação do uso de teatro de boneco como ferramenta didática pedagógica contribui substancialmente para a internalização dos conhecimentos construídos pelo aluno, o que favorece a (re)construção da identidade da criança.

> [...] as crianças pequenas inicialmente brincam sozinhas com os bonecos. Depois juntam-se espontaneamente e cada uma fala para o seu fantoche. É um princípio de socialização; cada criança começa a perceber a necessidade de esperar: esperar a sua vez de falar, ouvir o que os outros falam, respeitar a opinião dos outros, exprime seu desacordo com argumentos convincentes. (LADERA & CALDAS, 1993, p.13).

A maleabilidade e a plasticidade entre a criança e o boneco se encontram na sua inventividade e no seu alto grau de imaginação. Ocorre quando a criança tem a capacidade e o talento de vivificar, dar movimento e voz aos objetos às quais manejam, fazendo relação com seu cotidiano e desta forma deixando o seu universo mais cheio de vida, de ludicidade e de conhecimento, movimentando a criação e a recreação neste tipo de associação. O boneco tem uma ligação direta com o pensamento animista dos discentes, fazendo com que eles consigam imaginar histórias e viver essas histórias como se fossem reais e com isso atender os anseios que transformam os seus sonhos de poder. Se bem utilizada pelo professor, esta ferramenta pode ser de grande auxilio em sua ação pedagógica, porque através dela é possível desenvolver aspectos educacionais, afetivos, culturais, comunicativos, emocionais com seus alunos.

> [...] o teatro, no ensino fundamental, proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança e do adolescente sob vários aspectos. No plano individual, proporcionar o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. E no plano coletivo, por ser uma atividade grupal, oferece o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado de poder agir e pensar com maior liberdade (CAMARGO, 2003, p.39).

O uso do boneco na escola, como proposta de arte-educação, na educação infantil amplia a possibilidade do cognitivo, pois une o ato criativo com o processo assimilativo dos conhecimentos, criando espaços para favorecer os conteúdos escolares e os diversos saberes vivenciados pela criança, encadeando uma relação afetiva na sala de aula entre o grupo, professor, aluno e boneco, sem negar as emoções, sentimentos e formas diferenciadas de expressão.

Os fantoches são uma ferramenta muito poderosa e um recurso versátil na sala de aula para os jovens aprendizes, eles ganham vida como membros reais do grupo, promovendo um ambiente favorável e amigável e aumentando o engajamento e a participação. Para algumas crianças, um fantoche é um ponto de virada nas atitudes em relação às aulas, pois se sentem mais feliz, mais seguro e confiante na presença de um fantoche e é como se o foco da atenção fosse desviado da criança, com todos os olhos postos no boneco. O boneco tem uma vantagem adicional nas metodologias, pois desempenha o papel de falante. Um ambiente rico na oratória é aprimorado pela aparência de um segundo mediador, com quem as crianças constroem um vínculo emocional.

Os fantoches permitem uma variedade de usos, com benefícios claros para o professor e os alunos na sala de aula. Eles podem ser usados para: captar a atenção dos alunos, fornece suporte visual para aprimorar o significado da disciplina, construir situações naturais para discutir e praticar a disciplina, encorajar trocas divertidas e interativas para estimular as interações e construir a confiança dos alunos aumentando a motivação, criar uma atmosfera agradável na sala de aula e reforçar as estratégias de gerenciamento de sala de aula.

Em minha experiência pessoal com a prática pedagógica e teatral de manipulação inanimada, alguns cuidados com o manejo e apresentação do boneco, como mediador em sala de aula devem ser tomadas:

• Manter o contato visual entre o boneco e as crianças, verificar se o boneco olha de um aluno para o outro no ambiente.

• Observar o boneco enquanto você o anima, a fim de concentrar a atenção dos alunos no boneco, os alunos vão olhar para onde você estiver olhando.

• Tenha uma casa na qual o boneco possa sair e se esconder novamente, uma bolsa, uma caixa, uma mala, uma lata especial.

• Sustente a ilusão do boneco real, não deixando seus alunos verem que ele não está funcionando; as crianças realmente acreditam em um boneco e se conectam emocionalmente com ele. A mágica desaparece se eles o verem sem vida.

• Altere o papel dos fantoches para se adequar atividade;

• Um fantoche como assistente de ensino (um fluente falador para aumentar o aprendizado).

• Um fantoche aprendiz (um aluno que tem muito aprender e que fica confuso, faz perguntas e precisa revisar as informações, oferecendo lacunas reais), no que diz respeito as crianças os bonecos honestamente não sabem as respostas.

Para criar uma conexão entre as crianças e o boneco, ele precisa ter uma identidade distinta, uma personalidade e uma história (detalhes que lhe darão vida). Conte as crianças sobre a família e os amigos do boneco. Fale sobre os gostos dele e as aversões e também o que ele faz no fim de semana.

> "no Teatro de bonecos popular o tema é o cotidiano do homem, suas lutas e seu meio social, suas ilusões e decepções pessoais. Mas, mesmo tratando do cotidiano, ele se coloca no real. Não pretende fazer a cópia da realidade" (AMARAL, 1993, p.165).

O fantoche que me refiro é o que chamamos de fantoche de mão com boca articulável, porém ainda que o boneco que se tenha disponível seja aquele cuja boca não se mexa, não tem problema de se utilizar este, pois isso não significa que o boneco não possa falar ou se comunicar e levantar a questão de como você gostaria que o boneco interagisse na sala de aula. O fantoche pode ser um boneco silencioso, que sussurra no ouvido do professor e o professor diz aos alunos o que o boneco sussurrou ou o fantoche pode ser um bom escritor e deixar anotações e bilhetes na sala de aula e até mesmo, ele pode escrever uma pergunta do que se está estudando na lousa.

Mesmo os fantoches que não tem boca em movimento, ainda se pode dar uma voz à ele, como se estivesse fingindo que um bicho de pelúcia está falando.

Bonecos também podem por exemplo rugir, com o professor sendo o único que entende a linguagem do boneco, ele pode dizer coisas através de um rugido para o professor traduzir, o que permite algumas trocas de humor, talvez ele ruja quando algo está errado, quando identifica um erro (deliberadamente) cometido pelo professor ou quando estão se comportando mal na sala de aula.

Mesmo que se decida que o boneco será um boneco silencioso, ele não é tão silencioso quanto possa parecer. Os fantoches também são muitos expressivos através de seus corpos. O boneco pode acenar com as mãos, apertar as mãos das crianças, dar beijos e abraços, acenar com a cabeça ou balançar a cabeça, olhar em volta, coçar os olhos, nariz ou bochecha com as patas.

Ele pode participar com os estudantes ou oferecer suporte visual adicional para conceitos pedagógicos, atuando, demonstrando, apontando, sequenciando ou apenas segurando objetos.

> [...] a arte não só é conhecimento por si só, mas também pode constitui-se num importante veículo para outros tipos de conhecimento humano, já que extraímos dela uma compreensão da experiência humana e dos sus valores (ZAMBONI, 1998, p.20).

CONCLUSÃO

O trabalho com bonecos na sala de aula como ferramenta pedagógica podem produzir ações maiores do que apenas entretenimento e diversão, pois estes além de estimular diversas habilidades motoras ele também educa, trabalha as habilidades linguísticas, intelectuais, rítmica, visual-motora, interpessoal, espacial, corporal e intrapessoal, sendo de extrema valia para aprendizagem da criança.

REFERÊNCIAS

PLETSCH,G.K. . **As múltiplas linguagens na educação infantil**. In: Anais do 16 Congresso de Leitura do Brasil -. COLE, Campinas, 2003.

CAMARGO, Maria Aparecida Santana. **Teatro na escola: a linguagem da inclusão**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2003.

GENTY,PHILIPPE. **Carnet de fuite. In: Marionnettes: Carte blanch à... Charleville-Mézieres: Editeur St-Lambert et Mont de Jeux: Les amis de l'Ardenne**, nº 26, 2009.

VARGAS,V.S; BUSSOLETTI, D.M . **Teatro de Fantoches na educação infantil**. Blumenau- SC. Revista o Teatro Transcedente. nº1. p. 69-79, 2013.

CALDAS, SARAH; LADEIRA, IDALINA. **Fantoche & Cia**. São Paulo – SP; (Série Pensamento e Ação no Magistério), ed. Scipione,1993.

AMARAL, ANA M. **Teatro de formas animadas**. São Paulo, 2 Ed. EDUSP, 1993.

ZAMBONI, SILVIO. **A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores Associados, 1998.

REFERÊNCIA DIGITAL

Musical "Avenue Q" da Broway disponível: https://www.youtube.com/watch?v=qhcZqg_wkJY

ANEXO

Cena do musical "Avenue Q" disponível no youtube.com



Aula do Professor Claudeci Ferreira Campos e o Fantoche Miguel.



As Contribuições das Artes Visuais no Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil

Karina Blanch Galetti

RESUMO

Este artigo finalidade desenvolver uma reflexão acerca do conceito de Artes Visuais na Educação Infantil como potencializadora no desenvolvimento da autonomia, criatividade e sensibilidade das crianças. O objetivo é realizar um estudo sobre o conceito de arte, a arte na educação infantil e suas a contribuição das Artes Visuais no desenvolvimento infantil das crianças na fase da Educação Infantil, para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir dos teóricos Schiller (1793), Azevedo Junior (2007), Read (1943), Oswald (2011), Perissé (2014), Sousa (2003), Barbosa (1991), Lowenfeld e Brittain (1970), Martins (1998), Picosque Guerra (1998), Ferraz e Fusari (1993), Freire (1996), Moura (2012), Cava (2014), Almeida (1992), Gomes e Nogueira (2008) e por fim os documentos legais que apresentam a sistematização das artes visuais na educação infantil: Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Base Nacional Comum Curricular (2018) e Diretrizes Curriculares de Educação Infantil (2009). De acordo com os estudos, a arte é a forma de expressar os sentidos impulsionando as sensações e emoções, assim deve favorecer o senso crítico e estético, por meio de experimentações artísticas das crianças. Neste viés, se faz importante este estudo para as escolas e aos educadores da educação infantil compreenderem as contribuições das práticas pedagógicas artísticas na aprendizagem infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, Artes Visuais, Estética e Desenvolvimento infantil.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente algumas escolas de educação infantil ainda por influência de concepções tradicionais focam em ser conteudistas e priorizam outras áreas de conhecimentos como mais importantes, utilizando-se da arte somente como instrumento decorativos e em datas comemorativas.

Essas por sua vez, acreditam que seja apenas um mero passatempo, momento de descanso, recreação ou ainda como um simples aprendizado de técnicas. Em outras, são apenas espaços para desenho livre e pintar desenhos prontos, muitas vezes, xerocopiados, desconsiderando o processo de criação.

Para Gomes e Nogueira (2001):

> [...] a arte não tem sido valorizada como disciplina na escola, sendo menosprezada em relação às disciplinas tradicionais. Desse modo, podemos compreender que a arte ocupa lugar menos importante que disciplinas mais tradicionais ou que se ocupam de conteúdos tidos como fundamentais.

Desse modo, existe uma desvalorização quanto ao seu processo formativo para a apreciação das dimensões estéticas, suas potencialidades e formas de expressão, sentimentos e a sensibilidade no desenvolvimento das crianças.

Até mesmo, no processo de ensino-aprendizagem as atividades como recortar, colar, pintar e moldar deixam de

ter os seus significados reais, que de acordo com o Base Nacional Curricular Comum (2018, p.41) contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca.

Neste contexto, é primordial considerar as diversas experiências e vivências artísticas que envolva sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos, de modo a favorecer o seu desenvolvimento integral.

Ainda nesse sentido, de acordo com as Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil determina que as propostas pedagógicas na Educação Infantil envolvam princípios "Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais." (DCNEI:2010, p.16)

Logo, pretende-se resgatar o conceito da Artes Visuais na educação infantil e suas contribuições no desenvolvimento infantil, no que tange seu aprendizado cognitivo, social e afetivo, para isso pensar sobre "Qual a contribuição das Artes Visuais no desenvolvimento infantil das crianças na fase da Educação Infantil?" é de suma importância para as contribuições das práticas pedagógicas artísticas na aprendizagem infantil.

Diante disso, o presente artigo apresentará as contribuições das Artes Visuais, como uma ferramenta potencializadora para o desenvolvimento infantil, da mesma maneira que colabora para que não seja visto como uma recreação ou entretenimento, para ocupar o tempo ocioso das crianças.

Neste aspecto, será utilizada uma pesquisa bibliográfica sistematizando os assuntos estudados. Para o conceito de arte foram considerados os teóricos Schiller (1793), Azevedo Junior (2007), Read (1943), Oswald (2011) e Perissé (2014), na fundamentação das contribuições das Artes Visuais no desenvolvimento das crianças foram selecionados os teóricos Sousa (2003), Barbosa (1991), Lowenfeld e Brittain (1970), Martins (1998), Picosque e Guerra (1998), Ferraz e Fusari (1999) e por fim, no contexto das artes visuais na educação infantil foram utilizados os autores Freire (1996), Moura (2012), Cava (2014), Almeida (1992), Gomes e Nogueira (2008).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. CONCEITO DE ARTE

Para compreender as Artes Visuais é preciso buscar as suas características, entendendo o que é propriamente a palavra "arte", para que assim o educador consiga desenvolver suas práticas pedagógicas artísticas com êxito, no desenvolvimento das crianças.

A arte tem sua origem etimológica proveniente do latim "ars" e "arstis" que se refere a "técnica", "habilidade natural ou adquirida" ou "capacidade de fazer alguma coisa". (Dicionário Etimológico:2020).

Ainda na busca de entender o seu significado, segundo o dicionário de Língua Portuguesa Michaelis é um substantivo feminino que possui 25 aplicações, sendo alguns deles definido como: "6. A utilização de toda forma de conhecimento ou das regras de elaboração de uma atividade humana: a arte de pensar, a arte de refletir, a arte de raciocinar, a arte de executar, a arte de fazer, a arte da construção etc."; "7. A utilização da técnica de imitação da natureza, com vistas a um resultado prático que pode ser obtido por meios diferentes, em diversos campos de atividade: a arte de falar, a arte de pescar, a arte de nadar, a arte de dançar etc"; "8. Atividade que supõe a criação de obras de caráter estético, centradas na produção de um ideal de beleza e harmonia ou na expressão da subjetividade humana." e "9. A capacidade criativa do artista na expressão e transmissão da inteligência, sensações ou sentimentos; criatividade, talento." (Dicionário Michaelis Online: 2020).

Com base na compreensão etimológica da palavra e seus múltiplos significados tem se maior clareza do que é abordado como Arte, sendo uma ação humana associada à estética, que emergem a partir das emoções, percepções e ideias, com o objetivo de ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação.

A partir disso, o recorte dos conceitos teóricos são a partir das ideias de Schiller (1793), Azevedo Junior (2007) e Read (1943), apresentados a seguir, que trazem à luz as interpretações sobre a Arte.

Para Schiller (1793) a arte é algo associado ao estético, no qual a centralidade da arte é a educação estética, envolvendo a razão e emoção, na formação do homem.

Já para Azevedo Junior (2007, p.7) a "arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções".

E para Read (1943, cit por Sousa, 2003) a "a arte é a representação da realidade, a arte está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos"

Diante disso, é possível perceber que, para os três autores, a Arte é fundamentada pela sensibilidade estética, por meio de experiências e vivências e que emergem sentimentos e emoções.

Nesse sentido, para o desenvolvimento de imaginação e criatividade é preciso promover as habilidades de fruição e apreciação por meio do conceito de belo, dos sentidos e das sensações, tal como afirma Oswald (2011):

> A experiência estética é aquela que sensibiliza, que emociona, não tem haver necessariamente com o

> belo, com a contemplação de uma obra de arte, com o estado de transe que supostamente traz inspiração para o artista executar a sua obra. Experimentar algo esteticamente supõe impregnar-se do mundo físico e social pelos sentidos. É o que brota a flor da pele, é o que salta aos olhos, é o que me bole por dentro e me aperta o peito, e o que não tem medida, nem receita, é o que não tem juízo, como canta Chico Buarque "O que será, que será?" (...) porque, como entende Vygotsky a arte é uma técnica social dos sentimentos ela supõe o social em nós. Para ele não há imaginação e, portanto, criação, sem interferência social. (OSWALD, 2011, p. 25)

Nessa relação, emerge sensações de gosto e desgosto, prazer e desprazer, que afetam os sujeitos, originando uma aprendizagem estética que não ocorre via o conteúdo oficial, mas sim sentido pelos sujeitos, que no caso são as crianças.

> A experiência estética abre porta para uma compreensão radical da realidade e do ser humano. Uma obra de arte com a qual se possa relacionar de maneira a iluminar a concepção de mundo é uma via privilegiada de acesso também a si mesmo, um convite instigante para se repensar a própria conduta, para se reavaliar a hierarquia dos valores, uma provocação para se questionar possíveis conivências pessoais com a mediocridade, com a falta de criatividade que se nota em comportamentos intolerantes, autoritários, rígidos, pragmáticos, egocêntricos, materialistas, niilistas, reducionistas etc. (PERISSÉ, 2004, p. 75).

Nesse aspecto, a educação infantil é o espaço que promove possibilidades das as crianças se reconhecerem e compreenderem o mundo ao seu redor, por isso deve ser potencializadora de conhecimentos artísticos significativos, auxiliando em sua formação da personalidade e construção de valores, tornando-o mais sensível para um novo olhar sob o mundo.

2.2. AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES VISUAIS NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A presença das Artes Visuais no contexto escolar da educação infantil deve ser considerada como objetivos de ensino-aprendizagem, sendo primordial para o desenvolvimento do senso crítico, expressivo e afetivo das crianças, uma vez que desperta o senso criativo, descobertas e a consciência crítica.

Dessa forma, de acordo com Sousa (2003) as dimensões artísticas no cenário da educação são extremamente relevantes, pois envolvem suas diversas dimensões humanas, como: cognitivas, afetivas, sociais e motoras, possibilitando as expressões de suas emoções e sentimentos.

Este contato com a arte por meio dos sentidos impulsiona as sensações e emoções proporcionando maior desenvolvimento das potencialidades afetivas e sociais das crianças pequenas, assim como afirma Ana Mae Barbosa (1991):

> A criança, mesmo antes de aprender a ler e a escrever, reage positivamente aos estímulos artísticos, pois ela é criadora em potencial. Nesta fase, as atividades de artes fornecerão ricas oportunidades para o desenvolvimento das crianças, uma vez que põem ao seu alcance os mais diversos tipos de material para manipulação. (BARBOSA, 1991, p. 25)

Ainda nesse aspecto, segundo Lowenfeld e Brittain (1970) a "arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem".

Sendo assim, a criança na busca de compreender do mundo em que vive, utiliza-se de várias formas de linguagens, experimentos, fazendo e refazendo, se relacionando com o meio e com o outro. É pela arte que a imaginação e criatividade ganham espaços de descobertas, escolhas e significados.

Assim como destaca Martins (1998):

> "Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reapresenta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário..." (MARTINS, 1998, p.57).

Logo, a arte não pode ser ensinada apenas como técnicas e fundamentos ou ainda, como um processo de reprodução, mas sim orientada pela e na prática, ensinar e aprender juntos.

Nesse processo, o uso das artes visuais desvela ainda mais o desenvolvimento da autonomia, pois a apreciação da arte por diferentes linguagens possibilita a criança fazer as suas escolhas e iniciar seu processo criativo ampliando seu reportório. Assim como afirma Martins, Picosque e Guerra (1998):

> [...] o que "decoramos" ou simplesmente copiamos mecanicamente não fica em nós. É um conteúdo momentâneo, por isso conhecimento vazio que no decorrer do tempo é esquecido. Não faz parte de nossa experiência. Só aprendemos aquilo que, na nossa experiência, se torna significativo para nós. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA: 1998, p. 128)

Portanto, as crianças ao criarem, experimentarem e interagem com a arte criam significados e sentidos sobre o mundo ao seu redor, desenvolvendo também os aspectos afetivo, cognitivo, social e motor.

> [...] durante as criações ou fazendo atividades de seu dia a dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constitutivos dos objetos ou fenômenos á sua volta. Aprendem a nomear esses objetos, sua utilidade seus aspectos formais (tais como linha, volume, cor, tamanho, textura, entre outros) ou qualidades, funções, entre outros... Para que isso ocorra é necessário a colaboração do outro – pais, professoras, entre outros – sozinha ela nem sempre consegue atingir as diferenciações, muitas vezes sua atenção é dirigida às características não - essenciais e sim às mais destacadas dos objetos ou imagens, como por exemplo, as mais brilhantes, mais coloridas, mais estranhas... (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 49).

Essas vivências artísticas, a observação, a apreciação, a construção são formas que as crianças passam a explorar e inserir-se no mundo.

> [...] é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiura, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 42).

Desse modo, valorizando o seu processo formativo para a apreciação das dimensões estéticas, suas potencialidades e formas de expressão, sentimentos e a sensibilidade no desenvolvimento das crianças.

2.3. AS ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

As escolas de Educação Infantil como um espaço de desenvolvimento da criança deve promover situações de aprendizagem que considerem suas características próprias de cada faixa etária, bem como promover interações e brincadeiras significativas permitindo as crianças criarem elos, vínculos e proximidade na relação aluno-aluno e professor-aluno, tornando assim a aprendizagem significativa e lúdica.

Nesse sentido, o currículo da educação infantil deve promover situações de aprendizagem significativas que envolva o cotidiano e seus conhecimentos característicos de cada faixa etária, incluindo as práticas artísticas e o brincar.

Ao conhecermos historicamente a educação infantil podemos perceber a importância na vida de uma criança, tendo em vista que os primeiros anos de vida no ambiente escolar são extremamente significativos na vida de um indivíduo.

Assim como afirma as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2010) a criança é um sujeito histórico social que aprende pelas interações:

> "Sujeito histórico e de direitos que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimente, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo a cultura.(BRASIL, p.13 2006)

Com isso, a criança na busca de compreender o mundo em que vive, utiliza-se de várias formas de linguagens expressivas, sendo o brincar a sua forma de interação e de se comunicar. É pela brincadeira que a imaginação, criatividade e tomada de decisões ocorrem, modificam as regras, inventam e se reinventam.

Para isso, promover a educação artística das crianças considerar que diversas experiências e vivências artísticas que envolva sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos, de modo a favorecer o seu desenvolvimento integral.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nos termos do artigo 26, garante o ensino das "artes visuais, a dança, a música e o teatro" (BRASIL, 1996) como componente curricular obrigatório, creditando a essas disciplinas a responsabilidade da promoção cultural dos alunos.

Ainda nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) em seu art. 9º, que devem ser garantidas experiências que:

> [...] favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, bem como [...] promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. (p. 25-26).

De acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) determina o campo de experiência denominado como "Traços, sons, cores e formas" que deve possibilitar experiências e situações de aprendizagem:

> Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras.(BNNC: 2018, p. 42)

Nessa perspectiva, as Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil enfatizam que as propostas pedagógicas na Educação Infantil devem seguir determinados princípios, como o estético:

"da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais." (DCNEI:2010, p.16).

A partir disso, segundo Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 102) a "arte é a linguagem básica dos pequenos e deve merecer um espaço especial, que incentive a exploração, a pesquisa, o que certamente não será obtido com desenhos mimeografados e exercícios de prontidão".

Nesse sentido, o processo de criação deve ser promovido de modo que a criança possa desde cedo vivenciar e experimentar ser e estar no mundo, como um agente social. Ser produtor, criador, protagonista se refere ao processo de desenvolvimento da autonomia, no qual remete-se a Paulo Freire em seu livro "Pedagogia da Autonomia" a importância desse papel social.

Assim, segundo Freire (1996, p. 24) não é possível estar no mundo sem ser protagonista:

> Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem "tratar" sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência ou tecnologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível. (FREIRE, 1996, p. 24)

Nesse sentido, a importância dos espaços e tempos de aprendizados no ambiente escolar da Educação Infantil, como forma de criar, recriar, significar e ressignificar aprimorando seus aspectos sensíveis.

> As artes, como linguagens, são expressões de conhecimentos sociais e culturais que possibilitam às crianças exercer seu potencial imaginativo e criativo. Nas atividades artísticas, as crianças conectam-se com seus sentimentos, dando forma à imaginação (MOURA, 2012, p.77).

Para isso, segundo Ferraz e Fusari (1993) o professor deve conhecer plenamente o processo de desenvolvimento das crianças e as contribuições da arte para as crianças. Assim, compreendendo o seu real significado de mundo expressivo, pois a criança ao desenhar, pintar, dançar e cantar, o faz com entusiasmo, alegria e emoção, descobrir o que leva a criança agir é fundamental para promover e criar diferentes estratégias de aprendizado.

Dessa forma, conforme Cava (2014) ensinar Artes não deve se restringir apenas para o aprendizado de técnicas e habilidades manuais, mas proporcionar a interação com o meio e suas múltiplas linguagens.

Isso fica evidente a partir da afirmação de Almeida (1992, p.48) "a maioria dos professores acredita que desenhar, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é bom para o aluno, mas poucos são capazes de apresentar argumentos convincentes para responder "Por que essas atividades são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar?".

Com isso, as escolas de educação infantil devem oportunizar os diversos tipos de linguagens artísticas de forma contextualizada e significativas, de modo a dar espaço para a expressão das crianças, bem como não apenas utilizar-se da arte como um instrumento decorativo e em datas comemorativas. Ou ainda somente como um mero passatempo.

3. CONCLUSÃO

A partir dessas reflexões é possível compreender a importância das Artes Visuais para o desenvolvimento infantil das crianças na Educação Infantil, uma vez que com um aprendizado estruturado e sistematizado, as crianças possam vivenciar, experimentar e explorarem as diversas dimensões artísticas, assim promovendo seu desenvolvimento na totalidade.

A Arte no ambiente escolar deve oportunizar a criação de significados permitindo o reconhecimento e exploração das diferentes linguagens, como artes visuais, dança, teatro, música, entre outras, sendo fundamental para intervir, recriar e transformar a realidade.

Com isso, se faz necessário que as escolas de Educação Infantil valorizem também a Arte como uma área do conhecimento e não somente língua portuguesa ou matemática, para possibilitar o seu desenvolvimento de autonomia e criação, principalmente por considerar a criança como um sujeito histórico e social que interage com o mundo.

Ainda, as escolas devem dar um novo significado sobre a Arte no contexto escolar, de modo que seja desmistificado como conceitos de passatempo ou descanso. Ampliando seu repertório para além dos aprendizados de técnicas e habilidades artísticas.

Nesse sentido, garantir que as crianças possam interagir com o meio e com as pessoas ao seu redor são necessários para sua compreensão de mundo, pois determina sua forma de forma de agir e pensar sobre o meio social em que está inserida.

Por isso, estabelecer uma rotina pedagógica que possibilite um ambiente prazeroso e motivador para as crianças determinaram a forma que a criança irá aprender sobre sua realidade e sobre o mundo, percurso de criação e construção individual.

Assim, contribuindo para o desenvolvimento do senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cercam, potencializando o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição.

Desta forma, o professor deve fazer o uso das observações, análises e registros nos espaços escolares, identificando o fazer artístico dentro do processo de formação do conhecimento da Arte pela criança.

Neste viés, devem serem trabalhados de forma entrelaçada o desenvolvimento da criança, currículo de arte, propostas de atividades e avaliação, pois são indissociáveis, para promover autonomia, expressão e o prazer da criação.

Nesse contexto, promover contextos de vivência, aprendizagem significativas e desenvolvimento, organizando os tempos das atividades, os espaços, os materiais utilizados e disponíveis. Para isso, a organização do trabalho docente o professor deve planejar atividades que contemple os aspectos do desenvolvimento da criança e os objetivos de aprendizagem de cada faixa etária, como estabelecido nos campos de experiências da BNCC.

Logo, se faz necessário, a formação de professores teórica para associarem a prática e principalmente incentivar fazer o uso da arte como base formas de exploração, produção, apreciação e valorização da arte na educação infantil.

Portanto, ter ciência e conhecimento acerca dos conceitos embutidos no uso da Arte será primordial para que as situações de aprendizagem sejam sistematizadas e organizadas prezando a liberdade de aprender por meio mais singelo e eficaz: a arte.

Por fim, esse estudo se faz importante para compreender as contribuições das Artes Visuais no desenvolvimento das crianças e as contribuições das práticas pedagógicas artísticas na aprendizagem infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C.M.C. **Concepções e Práticas Artísticas na Escola**. In: FERREIRA,S. (Org.). O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas-SP: Papirus,2001.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: i

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília/DF: MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em 01 de jun de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. RESOLUÇÃO N. 5, de 17 de DEZEMBRO DE 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília/DF. LDB. 9394/1996.

CAVA, Laura Célia Sant'Ana Cabral. **Ensino de arte e música**. Londrina: UNOPAR, 2014

Dicionário Michaelis. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues. Acesso em 10 de abril de 2020.

Dicionário Etimológico. Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/arte/. Acesso em 10 de abril de 2020.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. ed. 25. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Karina Barra; NOGUEIRA, Sonia Martins de Almeida. **Ensino de Arte na escola pública e aspectos política educacional: contexto e perspectivas**. Revista Ensaio, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, out./dez, 2008.p. 583-596

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

As Relações Entre a Razão e a Emoção na Aprendizagem

Graziella da Costa Principessa[1]

RESUMO

A neurociência trata-se de um estudo que vem direcionando a educação à análise dos processos cognitivos e emocionais, de modo que ocorra uma interferência nas situações de aprendizagem significativas, interligando as funções emocionais e racionais humanas ao funcionamento do cérebro. Assim, ao considerar a emoção e a razão como dois elementos independentes, o estudo da neurociência acaba recebendo impedimentos ao orientar as ações que direcionam ao processo de aprendizagem. As emoções interferem no comportamento humano, mas não dificultam as maneiras como o indivíduo raciocina, pois o cérebro pode ser estimulado conforme as situações de prazer cotidianas, propiciadas pelas influências do meio, levando à promoção do conhecimento. Deste modo, este trabalho buscou apresentar as relações entre a razão e a emoção que interferem diretamente na aprendizagem dos indivíduos, desenvolvendo os saberes humanos.

(1) Professora de Educação Infantil e ensino Fundamental I na CEU EMEI Dom José Gaspar, formada em Pedagogia pela Universidade São Marcos, no ano de 2011

PALAVRAS-CHAVE: Neurociência. Aprendizagem. Razão. Emoção

ABSTRACT

Neuroscience is a study that directs education to the analysis of cognitive and emotional processes, so that interference occurs in significant learning situations, interconnecting human emotional and rational functions to the functioning of the brain. Thus, by considering emotion and reason as two independent elements, the study of neuroscience ends up receiving impediments in guiding the actions that lead to the learning process. Emotions interfere with human behavior, but they do not hinder the ways in which the individual reason, for the brain can be stimulated according to everyday pleasure situations, propitiated by the influences of the environment, leading to the promotion of knowledge. In this way, this work sought to present the relations between reason and emotion that interfere directly in the learning of the individuals, developing the human knowledge.

KEYWORDS: Neuroscience. Learning. Reason. Emotion

INTRODUÇÃO

O cérebro humano é responsável pela produção dos pensamentos, comportamentos, capacidades, habilidades, entre todas as demais funções dos indivíduos. A mente representa o espaço que armazena e processa as informações adquiridas cotidianamente, construindo o conhecimento humano, além de transformar as ações que uma pessoa pode exercer o que caracteriza o século XX como o período dos estudos cerebrais (MORIN, 2007).

A relevância desta pesquisa representa-se no interesse pelo estudo da neurociência, tratando-se de uma área em expansão diante da necessidade de entender os processos biológicos, psicológicos e neuronais, além de considerar as ciências que envolvem a educação, direcionando para as formas de aprendizagem do cérebro humano.

Algumas situações pesquisadas remetem ao reconhecimento de que a cultura humana atual desvaloriza as emoções e supervaloriza a razão, a fim de afirmar as distinções entre as espécies vivas, caracterizando o homem como ser racional. Apesar desta realidade, existe a importância de compreender que mesmo os seres mais racionais necessitam de emoção para sobreviverem, situação que não impede a manifestação da razão.

Conforme afirmam Moraes e Navas (2010, p.13): "Nos contextos escolares a razão mantém um status predominante e privilegiado em relação à emoção, como se essas duas dimensões eminentemente humanas pudessem se separar".

Diante desta realidade, destaca-se como questão norteadora desta pesquisa: "Como a razão e a emoção interferem na aprendizagem humana?". Para justificar a temática, o trabalho relacionou os conhecimentos da neurociência às funções emocionais e racionais, pertencentes ao processo de ensino-aprendizagem, apontando a importância de não separar sentimentos de pensamento, privilegiando a realidade multidimensional dos indivíduos.

Com a finalidade de responder aos questionamentos levantados, o trabalho objetivou estabelecer as relações emocionais à aprendizagem diante da realidade que reafirma a racionalidade como fonte do conhecimento. A intenção foi considerar a razão e a emoção como dois processos fundamentais na aquisição do conhecimento, inter-relacionados de maneira que não ocorra a dissociação das capacidades humanas para a organização e seleção das informações adquiridas em diferentes situações diárias da vida humana.

A metodologia utilizada para alcance dos objetivos deste trabalho foi à pesquisa bibliográfica, considerando a publicação de artigos realizadas em domínios públicos, além de livros e revistas impressas. Dentre os teóricos que embasaram ao trabalho, destacam-se: Relvas (2010), Cosenza e Guerra (2011) e Morin (2007).

1. A APRENDIZAGEM

Segundo as afirmações de Grispun (2008), a aprendizagem caracteriza-se como um processo de mudanças quanto ao conhecimento e comportamento de um indivíduo, ocorrido devido às vivências cotidianas que constroem as relações emocionais, neurológicos, sociais e culturais.

Já nas concepções de Relvas (2010, p.31): "a aprendizagem é um 'mix' de memória, atenção, concentração, interesses, desejos, estímulos intrínsecos e extrínsecos que permeiam a mente e o cérebro humano".

Neste contexto, a aprendizagem pode ser interpretada como a construção de experiências, baseadas em situações cotidianas que consideram os fatores emocionais, permitindo que os indivíduos sejam influenciados pelo meio, podendo refletir em desvios no comportamento, na aprendizagem e na formação de todas as capacidades humanas (GRISPUN, 2008).

Para Cosenza e Guerra (2011) o ambiente escolar pode transformar os momentos de aprendizagem, considerando o contexto social e familiar como propulsor de responsabilidades afetivas, ou seja, mesmo que a criança esteja na escola, a família e o meio influenciam na aprendizagem, pois as capacidades emocionais assumem papel de oportunizadora do conhecimento e interação dos indivíduos a partir do momento que consegue suprir as necessidades externas à escola, como as diversidades e ausências afetivas.

Durante muitos séculos, a aquisição do conhecimento esteve relacionada às questões racionais, considerando que a aprendizagem ocorreria em contato com a necessidade do indivíduo de abstrair as informações, agrupando os fatos e relacionando as essências dos objetos, a fim de construir as ciências. A abstração era considerada como uma função essencial ao universo, enquanto a emoção justificava apenas o desenvolvimento da sensibilidade (BORUCHOVITCH, 2009).

Em contrapartida, com o crescente interesse pelas formas de aprendizagem, estudiosos como Moreira (2008) determinaram que, além da importância da capacidade racional do indivíduo para ampliação do conhecimento, as questões emocionais influenciam de maneira significativa na aprendizagem, uma vez que a emoção permite ações voltadas à sobrevivência, deste modo, não pode existir separação entre as ideias comportamentais e os sentimentos, caracterizando a aprendizagem como um processo emocional e racional.

Diante desta realidade, a aprendizagem depende da capacidade intelectiva e emocional dos indivíduos, além das experiências que levam ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas e psicomotoras, contribuindo para a formação humana e as maneiras de pensar, sentir e atuar na sociedade. A produção do conhecimento trata-se de um processo que relaciona pensamento às ações, construindo a produção em uma determinada situação (MOREIRA, 2008).

1.1. COMO O CÉREBRO APRENDE

O cérebro é o órgão responsável pelas ações do corpo humano, seja de maneira voluntaria ou não, relacionando a capacidade de controlar as situações habituais, como caminhar, falar, alimentar-se, às necessidades humanas que não dependem da ação do indivíduo, como as necessidades fisiológicas. A divisão do órgão ocorre em dois hemisférios, responsáveis pelo desenvolvimento das habilidades humanas (COSENZA E GUERRA, 2011).

O cérebro precisa dos neurônios para que o funcionamento ocorra eficazmente, dependendo de substâncias que o alimente, como oxigênio. As relações entre o órgão, os neurônios e sua alimentação caracterizam um conjunto estimulado pelo meio, a fim de obter respostas aos questionamentos e necessidades do indivíduo. Tais estímulos podem ser proporcionados por meio de recursos realizados cotidianamente, como os exercícios físicos e a alimentação humana, permitindo a melhora no desenvolvimento da capacidade cognitiva, levando ao crescimento dos neurônios (COSENZA E GUERRA, 2011).

Para Silveira (2009, p.11): "É por meio das informações que são conduzidas por circuitos específicos e processadas pelo cérebro, que tomamos conhecimento do que está acontecendo ao nosso redor e podemos interagir de forma satisfatória". Ao longo das situações cotidianas, o indivíduo recolhe informações por meio dos sentidos, mas o desenvolvimento direciona-se as funções em que os receptores são específicos, como a capacidade visual mais ampliada em relação à capacidade auditiva, por exemplo. Neste contexto, os processos sensoriais captam a informação que passa pelas células e chega ao cérebro, cabendo ao córtex cerebral o processamento da informação, transformando-a em conhecimento ao promover associações e correspondências com a realidade vivida, armazenando conforme a relevância para o indivíduo (SILVEIRA, 2009).

2. NEUROCIÊNCIA E APRENDIZAGEM

As relações entre neurociência e a educação justificam-se na capacidade de aprendizagem humana, considerando as formas como o cérebro responde aos estímulos ensinados durante as vivências do indivíduo, influenciados pelos saberes, ações e metodologias utilizadas pelo docente. A neurociência na educação, portanto, aborda as necessidades pedagógicas do homem caracterizadas pela multidisciplinaridade entre as áreas do conhecimento e as funções cerebrais (RELVAS, 2010).

A neurociência e o funcionamento do sistema nervoso central determinam como as diferentes áreas do conhecimento atuam e fortalecem as informações, fundamentando a aprendizagem. Deste modo, a educação embasada nas características do estudo da neurociência permite a validação de um processo interdisciplinar, mas que depende da ação docente para reconhecer as potencialidades e dificuldades em aprender dos alunos, mediadas pela interferência do cérebro na aprendizagem (QUEIROZ, 2012).

Segundo as afirmações de Relvas:

> As experiências feitas em relação às suas aprendizagens mostram que o condicionamento, oportunidades e estímulos são fatores que desencadeiam reações e auxiliam no entendimento do funcionamento do cérebro em seus hemisférios e lóbulos, bem como o uso pela neurociência cognitiva e relações com o cérebro [...]. O estudo da neurociência favorece a ação educativa permitindo um diagnóstico precoce de transtornos de aprendizagem, oportunizando diferenciações, no sentido de mudança da estrutura educativa atual, engessada em padrões antigos e de pouco interesse, devendo, então, introduzir-se diferentes métodos do ensinar –o brincar lúdico – trazendo o real para a sala de aula numa construção observativa, principalmente no que se refere à afetividade (RELVAS, 2010, p.77-78).

As situações de aprendizagem que proporcionam a ludicidade direcionam ao desenvolvimento de instruções relacionadas ao cotidiano do aluno, desencadeando assimilações entre o que o cérebro registra e aprende. Sendo

assim, a neurociência depende de um olhar observador e investigativo do professor, a fim de que a aprendizagem ocorra de maneira significativa, caracterizando as habilidades e capacidades dos indivíduos (LENT, 2008).

Nas concepções de Relvas (2010), o cérebro aprende conforme o ambiente estimulador, acolhedor e desafiador, de modo que esteja propício à exposição das ideias, além das discussões que remetem à análise de situações, formando o conhecimento. As atividades práticas realizadas em sala de aula contribuem para a promoção de modificações estruturais do cérebro, assim como a oportunidade do aluno em escolher as atividades realizadas ampliam as responsabilidades e autonomia do indivíduo. A autora inda ressalta que o cérebro responde mais facilmente aos estímulos visuais, dramatúrgicos e musicais, levando ao desenvolvimento da capacidade expressiva e motivadora de cada sujeito.

A neurociência contribui para a aquisição do conhecimento, sofrendo interferências de aprendizagem, pois os processos biológicos incidem nas respostas que o cérebro atribui às situações cotidianas, ocorridas no meio que o indivíduo está inserido. Assim também as questões do meio interferem nas relações biológicas, mas participam da construção do processo cognitivo, como a memória, o raciocínio, a linguagem, as emoções, entre outros (RELVAS, 2010).

Segundo Lent (2008), a neurociência e a aprendizagem relacionam-se quando o indivíduo recebe uma informação e consegue associá-la a algo já existente em sua memória, levando ao conhecimento significativo e não a simples memorização de situações. Quando um impulso cerebral transmite um conhecimento, a capacidade humana de aprendizagem é compreendida na memória, formando uma rede de interligações que podem ser retomadas conforme a necessidade do indivíduo em utilizá-la, envolvendo a emoção e a razão humana.

3. A RAZÃO E A EMOÇÃO NA APRENDIZAGEM

A emoção e a razão foram tratadas, durante muitos anos, como sentimentos opostos, relacionando a razão à inteligência humana, cabendo à emoção a característica de capacidade sensível dos indivíduos, além da separação entre ambos os sentimentos, de modo que as pessoas mais emotivas eram referenciadas como irracionais (DAMÁSIO, 2006).

Apesar desta realidade, a neurociência vem buscando investigar e integrar a capacidade racional à tomada de decisões, considerando a emoção como parte fundamental para este processo, quebrando os paradigmas de que a razão ocorre apenas na ausência da emoção e considerando a emoção como auxiliadora ao raciocínio, especialmente em situações de conflito (DAMÁSIO, 2006).

"As emoções constituem aspectos centrais na regulação biológica e estabelecem uma ponte entre os processos racionais e os não racionais, pois a base afetiva da vida pode ser podada por uma lesão neurológica (SACKS, 2005, p.22)".

Morin (2007) justifica a origem desta separação entre emoção e razão nas bases da herança cartesiana[2], determinando que a mente humana precisa desconsiderar as funções emocionais para alcançar a plenitude racional. Mas quando se trata da aprendizagem, este pensamento deve receber uma nova percepção, considerando a ligação entre razão e emoção como fundamentais para o desenvolvimento das capacidades humanas em sua plenitude, conforme ressalta o autor:

> Poder-se-ia crer na possibilidade de eliminar o risco de erro, recalcando toda afetividade. De fato, o sentimento, a raiva, o amor e amizade podem nos cegar. Mas, é preciso reconhecer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade (MORIN, 2009, p. 20).

Deste modo, compreende-se que não existe uma sobreposição entre razão e emoção, mas uma ligação importante, caracterizando o sentir indispensável ao pensar, a fim de construir os comportamentos racionais e cognitivos do indivíduo. Ao direcionar os estudos para a necessidade de relacionar razão à emoção, a aprendizagem alcança revelações que podem ampliar a inteligência humana, pois o sistema racional fundamenta-se nas funções emocionais (MATURAMA, 2010).

Nas concepções de Morin (2007), faz-se necessário entender que a emoção caracteriza-se por meio de um conceito, não se resumindo a momentos de alegria ou medo, por exemplo. A emoção trata-se de um fenômeno de assimilação entre as manifestações alteradas pela fisiologia e processos mentais do homem, ou seja, a capacidade de sentir do indivíduo forma-se quando o organismo aproxima-se dos confrontos e afasta-se da tomada de decisões.

Já as situações racionais estão baseadas no equilíbrio humano, construído através de momentos lógicos em que é predominante a capacidade de analisar e resolver um momento de conflito. Porém, não é possível perceber as capacidades racionais do indivíduo quando separada das funções emocionais, pois toda a ação humana apresenta reflexos nas ações emocionais (MATURAMA, 2010).

A cultura humana considera a emoção como um elemento que pode gerar perturbações para a tomada de decisões

(2) Segundo Descartes, acredita-se que as concepções humanas acerca o mundo baseiam-se na divisão entre a natureza da mente e do espírito, caracterizando o pensar ao sentir como situações absolutamente postas (MORIN, 2007, p.16).

de caráter racional, pois as emoções tornam externas as sensações do indivíduo, que podem ser observadas por meio de sudorese, dilatação da pupila, expressões diversas, entre outras manifestações corporais humanas. Assim também pode ocorrer internamente com a aceleração cardíaca, por exemplo (COSENZA E GUERRA, 2011).

Portanto, o comportamento emocional do indivíduo pode estar associado às respostas fisiológicas, dependentes do sistema límbico[3] e do processamento cerebral da informação recebida, ou seja, conforme o indivíduo sofre uma situação, os órgãos do sentido emitem informações ao cérebro por meio dos neurônios e, quando existe relevância emocional no estímulo, o sistema límbico capta e mobiliza a atenção do sujeito até conscientizá-lo da necessidade de externar seu sentimento (MATURAMA, 2010).

"No cotidiano, as informações sensoriais podem ser neutras ou virem acompanhadas de um valor emocional, positivo ou negativo [...] que acrescentado à informação, atinge regiões que processam as emoções" (MORIN, 2007, p.29).

Neste contexto, as emoções representam uma importante função às ações humanas, tal como nos animais, mas o que diferencia as espécies é a maneira como o homem consegue conscientizar-se da ocorrência destes fenômenos, sendo capaz de identificar os sentimentos e controlá-lo, na maior parte das situações, reagindo aos estímulos emocionais quando não é viável manifestá-los. Assim, os processos cognitivos e emocionais do cérebro precisam de uma conexão e interação, a fim de proporcionar ao indivíduo a percepção de algo, transformando informações em aprendizagem e conhecimento (RELVAS, 2010).

Conforme afirmam Cosenza e Guerra:

> As emoções são um fenômeno central de nossa existência e sabemos que elas têm grande influência na aprendizagem e na memória. Certamente as pessoas se recordam com muito mais nitidez das lembranças e dos sentimentos que tiveram quando vivenciaram situações marcantes em suas vidas. Esta é mais uma evidência de que as emoções servem também para facilitar o processo de memorização. Nos momentos em que experimentamos uma carga emocional ficamos mais vigilantes e que nossa atenção está voltada para os detalhes considerados importantes, pois as emoções controlam os processos motivacionais, além de influenciar na consolidação da memória (COSENZA E GUERRA, 2011, p.103-104).

Para que a aprendizagem seja eficaz, os processos educacionais devem considerar as manifestações racionais e emocionais do indivíduo, a fim de proporcionar prazer na aquisição do conhecimento, ativando o sistema de recompensa do aluno.

A neurociência estuda também, as maneiras como ocorre a formação docente, permitindo que as estratégias didáticas do professor auxiliem na aprendizagem dos alunos, cabendo ao docente escolher os conteúdos de modo a torná-los mais interessantes aos discentes, transformando a sala de aula em um espaço motivador, desafiador, criativo e ilimitado, que pode relacionar o aprender tanto à manifestação das expressões, como à análise mais crítica na tomada de decisões (RELVAS, 2010).

O cérebro precisa aprender a superar os obstáculos relacionados à educação, como o medo do indivíduo de expor suas ideias, de modo que a informação não seja bloqueada, mas transferida à memória. Esta situação ocorre principalmente, quando existe um trabalho dinâmico, contextualizado e significativo na sala de aula, pois o aluno precisa sentir-se a vontade diante dos ensinamentos realizados pelo professor, captando a informação a ponto de compreendê-la, o que permite ativar o sistema de recompensa cerebral, caracterizando a aprendizagem como algo prazeroso (COSENZA E GUERRA, 2011).

"Aprender é se informar, e quando convertemos essa informação em conhecimento, modificando nosso comportamento, então aprender passa a ser se transformar" (GAZZANIGA E HEATHERTON, 2015, p.132).

Deste modo, para que a aprendizagem seja transformadora e ocorra verdadeiramente na vida do indivíduo é preciso que aconteça um confronto entre as realidades conhecidas e desconhecidas, de maneira que seja enfrentada intencionalmente, ou seja, a medida que o professor assume que os eixos de aprendizagem partem do aluno, ele busca formas de estimular o conhecimento por meio das situações que o sujeito já conhece. E, ao entender que o cérebro é o órgão da aprendizagem, o docente compreende a importância de promover o ensino facilitando a aprendizagem dos alunos (RELVAS, 2010).

A aprendizagem ocorrerá quando o ambiente for estimulante e o aluno sinta- se reconhecido no processo educacional, cabendo ao professor identificar e reduzir as ameaças que impedem a aquisição do conhecimento, como o estresse, momento em que o aluno sente-se desamparado e encontra dificuldades para superar suas limitações (GAZZANIGA E HEATHERTON, 2015).

"Da mesma forma, ameaças, depreciações ou chacotas vindas de colegas ou professores, exageros na disciplina ou no processo de avaliação também são fontes de estresses" (COSENZA E GUERRA, 2011, p.106).

(3) Conjunto de estruturas envolvidas no processo emocional, presentes em diversas áreas do sistema cerebral, ativadas ou inibidas, conforme a necessidade humana (MORAES, 2009, p.64).

O professor pode iniciar sua aula com apresentação ao tema, estimulando o aluno por meio de perguntas desafiadoras, respondendo conforme o decorrer da aula. A razão e a emoção dos indivíduos estarão presentes no desenvolvimento de associações para que as dúvidas em sala de aula sejam sanadas, a fim de que o enfoque esteja na aprendizagem significativa e reflita na participação do aluno como protagonista na busca pela conquista da potencialização de suas habilidades. Deste modo, conforme a aula estimula a inteligência do aluno, sua emoção também direciona as funções cerebrais para estender a aprendizagem a algo marcante na memória do indivíduo (RELVAS, 2010).

Portanto, o professor tem papel fundamental nesta relação quando pode transformar a aula em algo eficiente para o funcionamento do cérebro, por meio da utilização de estratégias pedagógicas adequadas ao desenvolvimento do aluno, despertando a emoção com aulas que envolvam o indivíduo, proporcionando situações que desafiem a capacidade racional dos alunos, além de valorizar a interferência do meio nas situações de aprendizagem, introduzindo aos conteúdos situações realistas e contextualizadas, que sejam significativas aos alunos (COSENZA E GUERRA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emoção traduz a capacidade humana de externar as reações, que podem ser alteradas conforme o funcionamento do sistema cerebral, levando ao raciocínio lógico e coerente, interferindo na cognição dos indivíduos. Neste contexto, a neurociência surge como um estudo para compreender as funções cerebrais, levando o sistema educacional a pensar em teorias e métodos que auxiliem a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

A educação trata-se de um elemento fundamental para favorecer a aprendizagem, o que considera a importância de entender as funções do cérebro para relacionar a maneira como o indivíduo interage com o meio, assim como a forma como pensa e sente, caracterizando suas habilidades e capacidades de aprender e desenvolver-se.

A neurociência ainda intenciona analisar como a aquisição do conhecimento pode ser melhor assimilada em ambientes agradáveis e equilibrados, dependendo da afetividade para ocorrer significativamente, pois uma vez que o aluno sente-se confiante e acolhido na sala de aula, suas emoções transformam-se em motivação para que a capacidade racional seja amplificada nas situações de aprendizagem.

Portanto, a aprendizagem ocorre diante de ações concretas, experimentadas a fim de possibilitar a ativação cerebral que permite aos indivíduos articular as diferentes linguagens humanas, além das dramatizações, expressões, sensibilidades, entre outros fatores, permitindo que o aluno construa meios para alterar a capacidade racional para resolver problemas, garantindo um cenário propício às ativações neuronais das habilidades humanas.

Diante desta realidade, o cérebro pode ativar os aspectos neuronais humanos, o que permite a construção de ferramentas para facilitar à aprendizagem ao relaciona-la aos estudos da neurociência, pois o docente pode receber intervenções auxiliares à escolha por estratégias pedagógicas, promovendo a facilitação das funções cognitivas e interesses humanos, guardados na memória e acessados de acordo com as necessidades do sujeito.

Assim, as razões consideram a informação como algo selecionado e enredado de maneira coerente, proporcionando o conhecimento e o processo racional. Mas, as emoções podem influenciar este contexto diante da interligação entre a motivação em aprender e a importância de aprender para resolver situações de conflito. Estes elementos podem construir a aprendizagem fundamentada em bases cognitivas que estabelecem relações com a afetividade e emoção, interferindo diretamente na aquisição do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BORUCHOVITCH, E.. **A motivação do aluno** (4.ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B.. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed , 2011.

DAMÁSIO, A. R.. **Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GAZZANIGA, M.S.; HEATHERTON, T. F.. **Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

GRISPUN, M.P.S.Z.. **Os novos paradigmas em educação: os caminhos viáveis para uma análise. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 75 no. 179, Brasília, 2004.

LENT, R.. **Neurociência da Mente e do Comportamento**. RJ: Guanabara Koogan, 2008.

MATURANA, H.. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. 2° ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MORAES, A.P.Q.. **O livro do cérebro**. Vol 1. São Paulo: Editora Duetto - 2009.

MORAES, M. C; NAVAS, J. M. B. (Org.).. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

MOREIRA, M.A.. **Aprendizagem Significativa Crítica**. Porto Alegre, 2008.

MORIN, E.. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 12° ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

QUEIROZ, F. A. P.. **As Contribuições da Neurociência para a educação escolar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RELVAS, M. P.. **Neurociência e Educação, gêneros e potencialidades na sala de aula**. Rio de Janeiro, 2ª ed. WAK Editora, 2010.

SACKS, O.. **Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais**. Trad. de Bernardo Carvalho. Revisão de Carmem Simões da Costa, Ana Maria Barbosa. 1 ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2005.

SILVEIRA, M. M. S.. **O funcionamento do cérebro no processo de aprendizagem**. 2004. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, Poços de Caldas: Sociedade Brasileira de Química, 2009.

Inclusão Social e o Ensino de Artes Visuais

Ketti Rodrigues Machado

RESUMO

Vivenciamos uma etapa onde muito se fala sobre a educação e a inclusão social. No que diz respeito a obrigatoriedade a legislação é explicita, no entanto não basta apenas a inserção dos alunos com necessidade educacional, é precioso ir além, buscar e criar meios para que todos possam desenvolver suas capacidades em face ao ensino aprendizagem. Frente a essa temática o estudo busca refletir sobre o desenho infantil, de modo que o mesmo nos possibilite identificar sua influência norteadora no pensamento e no desenvolvimento da criança no início da vida escolar e a inclusão daqueles cujos são portadores de necessidades espaciais. Sabendo-se da importância que o desenho tem para o desenvolvimento da criança o estudo busca uma releitura sobre autores consagrados e que defendem essa linha de pesquisa, norteado em referencias buscamos compreender as inúmeras interpretações passíveis de serem feitas nos desenhos infantis. Esta monografia objetiva buscar metodologias e discutir o conceito de infância e os diferentes modos de linguagem que envolve a Arte e a alfabetização. Embasados nas teorias de grandes autores será apresentado a importância acerca da inclusão social. De modo sucinto será abordado às especificidades do desenho infantil de forma, a saber, como estimular as crianças, visando uma melhor progressão do seu desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo. Por meio de pesquisas buscou compreender esse paradigma e objetiva fazer uma reflexão acerca dos conceitos e preceitos da legislação e da prática pedagógica vinculada no campo da arte visual enfatizando o desenho. Para atingir tais objetivos e atingir o pressuposto almejado utilizaremos pesquisas bibliográficas, levantamento de obras referentes ao tema, onde por meio de publicações científicas e a partir das discussões teóricas será concluindo a pesquisa sobre a importância da Arte na inclusão social.

PALAVRAS CHAVE: Desenho Infantil; Inclusão Social; Grafismo; Educação inclusiva.

INCLUSÃO SOCIAL E O ENSINO DE ARTES VISUAIS

A pesquisa norteia pela busca e identificação sobre a influência do trabalho com artes, desenho na educação infantil e sua percepção na tangível da inclusão social. Diante deste contexto, realizou-se um estudo bibliográfico a fim de coletar dados suficientes para desenvolver as páginas do trabalho.

Este estudo foi embasado decorrente das inquietações que nos acompanharam ao longo do trajeto acadêmico e enquanto profissional atuante da área. Convém ressaltar que a dissertação desta pesquisa é dada por investigação bibliográfica para fundamentar e enriquecer a temática. Há, no entanto passos largos e com lentidão acerca da Educação Social. Diante deste contexto fica evidenciado que abordar a temática não é apenas um fato de modismo, nem tão pouco considerá-la uma tendência no espaço pedagógico, mas sim uma indagação naquilo que consta como questão de direitos humanos.

O pressuposto de cidadania se constitui em um envolvimento atuante e consciente de todos os cidadãos. Entretanto, é preciso ser capaz de enxergar os contornos sociais de modo sucinto e crítico, reconhecendo as diferenças históricas e culturalmente constituídas. De modo que a cidadania também é um método de inclusão organização e planificação das condições necessárias de vida em sociedade, torna-se imprescindível delinear propósitos de vida comuns que acondicionem os valores humanos e que refreiem de algum modo as desigualdades e injustiças sociais.

A escolha do tema “A inclusão social e o ensino de Artes Visuais” se deu pela nossa preocupação e necessidade em trabalhar de maneira prazerosa e qualitativa com alunos da educação infantil, uma educação de qualidade, que comporta as diferenças e sabe trabalhar com a inclusão. Por se tratarem de crianças e adolescentes, é sabido que essa fase etária é muito atraída pelas formas, figuras, sons e o desenho numa totalidade.

Tendo como objetivo de estudo compreender e interpretar os desenhos infantis de modo que, na qualidade de educadores, possamos auxiliar as crianças em seu desenvolvimento. O trabalho tem como objetivos específicos identificar essa relação existente entre educação e inclusão e artes visuais fazendo um paralelo amparado pelos renomados autores citados nas referencias bibliográficas a fim de concluir de maneira objetiva a nossa pesquisa.

Por hipótese tem-se o resgate da arte na infância, com foco no desenho e grafismo e sua contribuição na inclusão escolar, e utilizá-la em prol do desenvolvimento sócio afetivo e cognitivo da criança, por meio da compreensão e interpretação dos desenhos infantis.

Na realidade escolar essas especificidades são explicitadas quando o aluno apresenta uma qualidade de aproveitamento abaixo do esperado, ou abaixo daquilo que é considerada normal na esfera educacional. Assim no processo pedagógico é diferenciado da maioria dos demais, tendo como referência inicial a idade e o grupo social a qual pertence.

A metodologia adotada foi à pesquisa bibliográfica a qual por meio de autores referenciados certifica nossas escritas onde num primeiro momento disserta sobre a educação de ontem e a da atualidade, na qual sofremos frequentes mudanças quanto às formas e maneiras de ensinar, em especial acerca da educação especial.

1. UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Falar em educação escolar, primeiramente nos remete a escola e se a mesma cumpre eficientemente esse papel. É comum ouvir na atualidade frases que apresentam a escola de nossos antepassados com um modelo de ensino estruturado e produtivo." Antigamente se aprendia mesmo ", dizem alguns," naquele tempo os alunos eram bem mais educados ", dizem outros.

Sem querer discutir a eficiência dessa escola e sem querer discutir ou questionar se os alunos daqueles tempos eram mais obedientes do que educados, pretendemos apontar os porquês que nos levam a rever e discutir conceitos e práticas escolares centenárias, buscando criar novas oportunidades, como o empreendedorismo que se afirmar hoje como um novo passo em educação.

Nunca passou tanto tempo em educação como nos dias atuais. Artigos, congressos, palestras e cursos problematizam o tema, levantando hipóteses, discutindo experiências e propondo caminhos. Com tudo isso, resumirá em poucas palavras, a razão pela escolha do nosso tema, por meio da seguinte pergunta: Porque nós, educadores, temos que rever constantemente nossa prática?

Dentro dessa mesma questão, qual o papel da família? Como somar esforços entre família e escola para obter resultados expressivos na formação do aluno? Sabemos que tanto a família quanto a escola passaram por várias situações e mudanças no decorrer dos anos.

Muitos questionam e desconhecem o modelo de escola firmado hoje, o qual e o mais apropriado. Outros preferem um modelo educacional com mais conteúdo e disciplinador, alegando que a escola de hoje é muito permissiva. Exceções à parte entendem que para grande parte dessas pessoas, ainda param dúvidas sobre qual o melhor modelo de escola.

Disso decorre que aquela máxima das famílias sobre educação de priorizar para seus filhos apenas um curso preparatório visando o ingresso em uma universidade, não funciona mais. Da mesma forma que a escola deve ser gerida como uma pressa produtiva que oferece educação de qualidade, a família deve entender que educação básica é investimento prioritário.

A física nos ensina que vida é movimento. A história diz que sociedades surgem e desaparecem. A escola não deve ficar na contramão das mudanças sociais. Disso deriva nossa idéia de que formar sujeitos empreendedores é um novo passo na educação. Para isso precisamos prioritariamente rever conceitos, práticas e modelos escolares.

Uma boa solução para enfrentar este problema é montar na escola um programa de leitura que se utilize, de livros de literatura. Em países como o Canadá e os Estados Unidos, muitas escolas já aboliram definitivamente o livro didático e utilizam-se dos livros de literatura para ensinar os mais diferentes conteúdos, mas principalmente utilizam os textos literários para ensinar os alunos a ler e os contos, para que peguem o gosto pela leitura por meio de um mundo de fantasias e magia.

> O reconhecimento da escola como nó estratégico (Reforço do papel dos estabelecimentos escolares na gestão do sistema educativo) é desencadeado, na maioria dos casos, pela vontade das autoridades escolares de afirmarem sua firme determinação de modernizar o sistema educativo (THURLER, 2001, p. 37).

Para Fullan e Hargreaves (2000) ao mesmo tempo em que existem forças na sociedade induzindo a mudança, poucos educadores se encontram em condições de realizá-la, pois esta experimenta sobrecarga de trabalho, isolamento, fragmentação de esforços e desespero crescente.

A maior parte dos professores e diretores não costuma se cumprimentar, se apoiar e reconhecer os esforços uns dos outros. Uns até reagem adversamente a um desempenho bem-sucedido. Ensinar como diz Paulo Freire (2011, p. 29), "não se esgota no tratamento do objeto ou do conteú-

do superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível".

De acordo com Philippe Ariés (2001) esse sentimento teve início no século XVII; quando a sociedade passou a ter consciência da peculiaridade e da particularidade infantil, particularidade essa que ao atribuir aos pais a tarefa pela educação da criança pequena, o que neste período da história representava um grande acontecimento, pelo fato dos pais, até então, não terem essa responsabilidade, Comênios (1981) fundamenta sobre a importância desse período e suas influencia na vida do ser humano.

Sua contribuição ampliou-se ainda mais ao esboçar o que deve ser trabalhado nesse período: a óptica, geografia, Metafísica, ciências Físicas cronologia, história, aritmética, geometria, astronomia, estática, artes mecânicas, dialética, gramática, retórica, poesia, música, política, moral (ética), economia doméstica, religião e da piedade.

Diante dos fatos citados podemos perceber, que não foram poucas as inquietações de Comênios (1981) em relação ao que a criança até 6 anos deveria aprender. Entretanto não podemos deixar de citar que o Plano da escola Materna, elaborado por Comênios (1981), apresentou aspectos importantes que, até hoje, são fundamentais na elaboração de propostas educativas junto à criança.

A Arte foi incorporada ao léxico acadêmico e passou a ocupar um universo com grande significância nos debates sobre a função da arte na educação atual. Após o período da década de 1970, Ana Mae Barbosa desencadeou uma reflexão sobre o ensino de arte no Brasil por meio de suas elaborações teóricas.

A princípio, no entanto pode-se considerar que essa abordagem não possui diferencial, porém ao buscarem concepções teóricas e razões epistemológicas que a embasou, se verifica a divisão em vários posicionamentos sobre a função da Arte.

Para Barbosa (2008) todo o esforço acerca da ampliação dos conhecimentos artísticos e estéticos dos outros é Arte-educação. Assim sendo a Arte é visível no museu ou na rua, quando há uma imensa obra de arte pública.

Sucinta Barbosa (2008) que o professor pode inovar para prender a atenção dos alunos quando ministra arte, levando-os ao contato direto com o fazer artístico e fazendo-os pensar no que estão vendo, sentindo e apreciando a Arte. A Pedagogia Questionadora de Paulo Freire é ainda a melhor estrada e incita a pensar e formular significados.

O primeiro referencial teórico norteador da Arte nacional realça o desenvolvimento criativo e estético dos alunos, sobretudo no referido aos seus processos de produção e apreciação artística. Este referencial é denominado de histórico-social, devido incorporar em seu seguimento teórico-metodológica e a relação com as práticas e o acesso ao conhecimento da arte.

> Arte-educação seria certa epistemologia da arte. A Proposta Triangular integra os componentes: a "leitura de obra de arte", a "história da arte" e "a criação" (fazer artístico). Porém, nenhum deles desenvolvido de forma isolada corresponde à epistemologia da arte. O conhecimento em artes se dá na intersecção da experimentação, da decodificação e da informação (BARBOSA, 2004, p. 32).

Esse referencial designa para uma conexão do fazer, do representar e do exprimir. Deste modo, em um abrangente contexto histórico-social que engloba o artista, sua obra artística, os difusores de comunicação e o público, a Arte é apresentada como produção, construção e trabalho. (FUSARI; FERRAZ, 2004).

> Em vista disso, deve-se considerar que ao tratar das concepções de estética e artística, a arte educadora vinculado ao referencial histórico- social, deve considerar que os julgamentos artísticos envolvem julgamentos estéticos (BEST, 1985). E o estético em arte se refere, entre outros aspectos, à compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico inserido em um determinado tempo e espaço sociocultural. Todavia, a experiência estética pode ser mais ampla e não necessariamente derivada da arte, embora a arte seja uma de suas principais fontes de aplicação (EAGLETON, 1990, p. 51).

Os professores que seguem o referencial histórico-social são remanescentes ou originados da Escolinha de Arte do Brasil e da ECA/USP - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Em consonância ao referencial histórico-social embasado no modelo e no conteúdo, se desenvolveram a partir de meados do século XX, reflexões que abrangem as questões referentes a posição do arte educador diante da sociedade e a relação da arte com o público, são chamados de referenciais modernistas da Arte-educação.

2. ARTES VISUAIS E A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Nessa relação das artes visuais com o contexto social, é possível afirmar que a arte contribui como mediadora entre o sujeito e o mundo. Segundo Rocha (2008) com base em Vygotsky apud Stumm (2004):

> A arte é vista como um processo de comunicação social, envolvendo sentidos e significados inteligíveis a qualquer pessoa, combinando as vivências individuais com a recepção do produto estético, percebido como produto social da cultura (STUMM, 2004, p. 362).

A arte instiga a criatividade e a imaginação, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem. E, um dos objetos de estudo neste projeto foi o desenho, sendo que nos ateremos a ele como linguagem e elemento de mediação em Educação Inclusiva.

Selecionou-se o desenho, pois nele é percebida a relação da criança com o meio, o que auxilia na construção e no domínio das funções sociais e psicológicas. Na perspectiva de Pillar (1996)

> O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações, etc. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo (PILLAR, 1996, p. 3).

Ainda aponta que crianças com necessidades especiais, estão simplesmente passando pelos estágios de desenho num ritmo mais lento do que a criança regular.

Segundo Cox (2001) pode-se encontrar referências ao emprego do desenho para diagnosticar as capacidades e estado mental das crianças, como a maturidade intelectual, as dificuldades de aprendizagem, personalidade, ajuste emocional, entre outros.

Considerando a Educação Inclusiva em sala de aula, os educandos com necessidades educativas especiais, por meio da integração sociocultural com as crianças sem necessidades educativas especiais, podem trocar experiências, o que propicia a construção de relações sociais com o meio, a compreensão das diferenças, de como lidar com diversas situações, ampliando seu repertório visual, no qual se insere o desenho.

Nessa perspectiva, a arte é um fator importante em Educação Inclusiva, pois possibilita que a criança, além do reproduzir como comunicador social desenvolva a intuição, a percepção, as habilidades motoras, sendo fundamental no processo de aprendizagem, desenvolvimento e expressão individual.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) de Arte têm sido discutidos e analisados em vários âmbitos, mas estava faltando este olhar específico da educação especial. Ao observarem-se os documentos e outras estratégias de intervenção percebe-se a preocupação com as novas diretrizes mundiais que tratam do respeito às diferenças, da crítica aos atos discriminatórios, da inserção de valores éticos e culturais, e da apreensão desses valores como uma das metas prioritárias da ação pedagógica.

Tais ideias embasam os PCN de Arte e visam principalmente ao aprimoramento do aluno como indivíduo participativo e consciente de suas

possibilidades e deveres sociais. A melhoria da qualidade do ensino é um desafio para todos os docentes e os PCN procuram mostrar que o valor da aprendizagem é mais evidenciado quando reflete em profundidade o sentido e o fortalecimento da cidadania, preparando os alunos para a vida.

Mas será que os professores de arte, em suas práticas, estudos e reflexões sobre os PCN, estão realmente conscientizados sobre a extensão da diversidade cultural, e para agir com a arte junto a diferentes alunos, principalmente às crianças e jovens portadoras de deficiências, ou para compreender os benefícios que a inclusão e a integração podem trazer para todos? Sobre essas questões parecem existir ainda muitas lacunas. Elas se manifestam quando os professores não têm clareza de suas ações profissionais ou das possibilidades que a Arte tem.

Para a viabilização de projetos de arte que inclua os portadores de necessidades especiais é preciso conhecer-se a extensão de suas dificuldades, e saber como tratar o domínio de linguagens artísticas e a busca de novos caminhos e novas manifestações do pensar e do agir; bem como uma maior integração.

Os procedimentos em arte são direcionados para o conhecimento de saberem artísticos e estéticos, mas também estão assentados em princípios que norteiam as práticas de inclusão social: aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa, respeito à própria produção e à dos demais, aprendizagem com ênfase na experimentação e cooperação mútua.

Se forem desenvolvidos adequadamente, os cursos de arte favorecem a apreensão desses princípios e podem abrigar outros conhecimentos, atendendo as propostas de integração social e transição para futuras inserções profissionais. São os saberes que cercam uma educação para a experiência, a descoberta, o autoconhecimento.

É importante explicitar-se também as possibilidades integradoras do ensino e da aprendizagem artística e estética na escola para que os professores que lidam com a arte possam compreender a abrangência do seu papel e saber; primeiro, se estão incluindo ou excluindo as crianças e jovens da experiência da arte, e, em segundo lugar, se entre elas também incluem as portadoras de deficiências mental, física, visual, auditiva e múltipla, por exemplo.

Por outro lado, para que se possa tratar efetivamente da inclusão, há necessidade de preparação profissional e de inúmeras adaptações organizacionais na escola, currículos etc.

Finalmente, se esperamos uma atuação profissional consistente e que atenda tais expectativas, devemos pensar nos cursos de formação dos professores de arte. Isso quer dizer que os cursos devem prepará-los discutindo questões como essas que apresentamos, e abrir espaços para as pesquisas e estudos de educação especial, com fundamentação teórica e experiências práticas em ateliês, centros de saúde, centros de convivência, lares abrigados, hospitais, enfim tanto na escola como na comunidade em geral.

3. PORQUE A CRIANÇA DESENHA

É sabido que a criança desenha por vários motivos e podemos considerar que ela desenha porque tem vontade, para se divertir, por necessidade, para se expressar, para explorar um novo material ou até mesmo para chamar atenção. A criança pode desenhar para se auto afirmar, para se entender, para entender e elaborar o mundo a sua volta. Todas essas razões podem levar a criança a desenhar, mas sem dúvida juntamente com isso, a principal função do desenho é a comunicação.

De acordo com Duarte (2001) existe uma indissociabilidade entre objeto, representação e palavra. Tanto a representação gráfica quanto a oralidade, reproduzem, repetem, em contra partida mantém o significado. Duas camadas de expressão ocorrem simultaneamente revelando um único discurso. Passa a existir uma coesão entre a percepção e a memória, fazendo a figura do objeto, enquanto a palavra o indica, o nomeia. Á partir da fotografia se protagoniza a cena e o sentido se revela.

> Pode-se caracterizar o desenho como um momento, e um movimento de acesso a realidade, e como uma ação de pensamento. O desenho ali representa experiências concretas da vida. O desenho, ligado às atividades do pensamento e à linguagem verbal, nomeia objetos, qualifica personagens, descrevem cenários, ou combinam cenários e personagens demonstrando possibilidades de ações humanas (DUARTE, 2001, p. 114).

> A criança projeta no desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel. Os traços, os rabiscos, as garatujas estão ali, à mostra, escondendo os índices de uma realidade psíquica não imediatamente acessível, exibindo uma atividade profunda do inconsciente. Existe uma vontade de representação como também existe uma necessidade de trazer à tona desejos interiores, comunicados, impulsos, emoções e sentimentos (DERDIK, 2003, p. 51).

Deste modo, trabalhamos visando a perspectiva de que são conteúdos presentes nos desenhos infantis, o cotidiano da criança, as relações de valores e importância dada aos acontecimentos.

> Acredita-se que o meio onde a criança vive e as pessoas com que convive aparecerão com mais frequência em seus desenhos, tendo esta influência direta tanto sobre seu processo criador, quanto sobre os temas e conteúdos trazidos por seus desenhos, ou seja, quanto mais se desenvolve sua conscientização das pessoas e da influência destas em sua vida, a criança passa a adotá-las numa grande porcentagem do seu conteúdo temático (LOWENFELD & BRITTAIN, 1977, p. 44).

De acordo Vygotsky (2006)

> A criança desenha ou escreve poesias não por possuir um potencial artístico, mas porque este é um ato de criação estética necessário para ela neste momento e que este é um potencial imaginativo presente em todos nós (VYGOTSKY, 2006, p. 17).

Segundo Vygotsky (2006, p. 17) o processo criador se divide em duas etapas, a primeira como uma Grande concepção, onde relações se estabelecem em seu espaço interior e experimentos são feitos inúmeras vezes de modo inconsciente; e a segunda a associação onde existe a combinação de imagens isoladas, onde o meio é tido de grande importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vygotsky (2006) utiliza as palavras fantasia e imaginação no sentido da psicologia, onde são base de toda a atividade criadora e se evidenciam em todos os aspectos da vida cultural, oportunizando a criação artística, científica e técnica.

Para Vygotsky (2006) a imaginação ou fantasia se nutre dos acontecimentos vividos pela pessoa, e a partir deste ponto o autor afirma: “Quanto mais rica for à experiência humana, tanto maior será o material colocado à disposição da imaginação. Por isso, a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, por ser menor sua experiência”. (VYGOTSKY, 2006, p. 18).

> Existe uma relação entre a memória e a imaginação, podendo a imaginação se apoiar na experiência, assim como a experiência pode ser construído a partir de material imaginário. “A fantasia não está contraposta à memória, mas se apoia nela e dispõe de seus dados em novas e novas combinações” (VYGOTSKY, 2006, p. 18).

Vygotsky (2016) salienta outro ponto importante, segundo o autor sendo esta existência de uma relação entre o real e o imaginário no que diz respeito ao emocional. O autor trata desta questão como retroalimentação de um sentimento ou estado emocional por meio da fantasia ou imaginação, e nomeia esta lei de “lei da dupla expressão ou da realidade dos sentimentos”.

Duarte (2000) cita que, ao desenhar, seu produtor age como narrador, relatando situações e eventos que aconteceram ou poderiam ter acontecido a outrem ou consigo mesmo.

Para Luquet (1979) esse tipo de produção, é denominado de Narração Gráfica e as divide em três tipos distintos. O primeiro, chamado de Simbólico, composto por uma única cena em que retrata o momento auge da narrativa; o segundo do tipo de narração e o Sucessivo onde aparecem em um mesmo desenho momentos diferentes da cena apresentada;

e o terceiro o autor o chama de Epinal, uma forma de representação em quadros, semelhante às estórias em vistas em quadrinhos.

> No desenho de narrativa, a representação gráfica de ações, aliadas às palavras que as explicitam, evidencia um modo de refletir, de pensar e assimilar conceitos. O desenho é ao mesmo tempo, uma percepção e uma reflexão que é externalizada, configurada, é uma compreensão que se internaliza (DUARTE, 2001, p. 108).

Artes com as crianças. Pois enquanto vistas e trabalhadas essas considerações, a criança adquiri experiências essenciais para seu desenvolvimento, além de sensibilizar a criação em suas relações com o ambiente, apreciando o esforço da criança quando esta consegue transmitir sua própria experiência para a obra artística, seja ela qual for.

REFERÊNCIAS

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Investigação de representações sociais**. In: TRINCA

W. (org). **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997.

ARIES, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2001.

ARNHEIM, R. **Consideraciones sobre la educación artística**. Barcelona: Paidós, 1999.

AZEVEDO, F. A. G. **Arte e inclusão: construindo uma pedagogia crítica**. Anais XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil. UFG, Goiânia, abril de 2003.

BARBOSA, A. M. T. B. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, A. M. T. B. **A imagem no ensino de arte**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BARBOSA, A. M. T. B. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 2003.

BAUSBAUM, R. **Quatro teses sobre a arte na sociedade de controle**. Rio de Janeiro, Mestrado em História da Arte: PUC-RJ, mimeografado, 1988.

BOSSA, N. A;; OLIVEIRA, V. **Avaliação psicopedagógica da criança de 7 a 11 anos**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOSSA, N. A.; OLIVEIRA, V. M. B. (orgs). **Avaliação psicopedagógica do adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. PCN - **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. RCNEI. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. LDBEN. **Lei nº. 9394/96**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional IN: Diário Oficial da União, Ano CXXXIV, nº. 248, 23.12.96, p. 27833-27. 841.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BUCK, J. N. H-T-P. **Casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação**. Trad.: Renato C. Tardivo. São Paulo: Vetor, 2003.

BUORO, A. B. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CAMPOS, D. M. S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e norma de interpretação**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CECCONELLO, A. M; KOLLER, S. H. **Avaliação da representação mental da relação de apego através do desenho da família: um estudo com crianças Brasileiras**. Arquivos Brasileiros de Psicologia. v. 51, n. 4, p. 39-51, 1999.

COMENIOS, J. A. **Didática Magna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1985.

CORMAN, L. **O teste do desenho da família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

COX, M. **Desenho da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CUNHA, J. A. et al. **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DERDIK, E. **Formas de pensar o desenho – desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 2003.

DUARTE, M. L. B. **Arte, ensino e procedimento de criação**. Revista Tuiuti Ciência e Cultura. n. 23, 2001.

DUARTE, M. L. B. **O Realismo no Desenho Infantil**. Revista Tuiuti Ciência e Cultura. n. 16, 2000.

EAGLETON, T. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FERRACINA. et al. **Aspectos psicológicos das crianças com glaucoma do desenvolvimento**. Arq Bras Oftalmol. v. 67, n. 6, p. 859-62, 2004.

FONSECA, A. R; CAPITÃO, C. G. **Abuso sexual na infância: um estudo de validade de instrumentos projetivos**. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, v. 6, n.1, p. 27-34, Jan./Jun, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, F. A; NORONHA, A. P. P. **School psychology clinic: a survey of instruments used in psychofiagnostics process**. Psicol. esc. educ., v. 9, n.1, June, 2005, p. 37-46.

FROEBEL, F. **A educação do homem**. Trad. Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo, UPF, 2001.

A Inclusão da Educação de Jovens e Adultos e Processo Socio Histórico

Márcia Mariane Silva Eufrásio

RESUMO

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada. O desenvolvimento da alfabetização de adultos no Brasil acompanha a história da educação como um todo e teve início com o trabalho de catequização e ensino das primeiras letras, realizado pelos jesuítas, durante o Brasil colônia. Ao longo do tempo, o avanço econômico e tecnológico passou a exigir mão-de-obra cada vez mais qualificada e alfabetizada, com isso várias medidas políticas e pedagógicas foram sendo adotadas. Este trabalho teve como objetivo realizar um estudo sobre o processo de inclusão dos alunos que estão fora da idade adequada com relação ao processo de ensino aprendizagem no ensino regular. Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa, com consulta a obras publicadas por especialistas no assunto em sites, blogs, google acadêmico e em publicações em livros. Com o findar desse estudo, conclui-se que a E.J.A. é uma modalidade diferenciada que exige que o professor tenha um olhar de acolhimento e acima de tudo que entenda o quanto estes necessitam de cuidado individualizado para superar as suas dificuldades e progredir nos estudos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos, Inclusão. Professor. Aprendizagem

1. INTRODUÇÃO

A educação no Brasil, ao longo de sua trajetória tem sido marcada pelo aumento quantitativo da democratização do ensino, porém, a este aumento seguiu- se uma proporcional diminuição da qualidade.

Segundo Gadotti (2005), é necessário oferecer escola pública para todos, adequada à realidade onde está inserida para que seja de qualidade. Neste sentido, ela deve ser democrática pela gestão participativa, que integre a comunidade e os movimentos populares na construção e definição de sua identidade.

A falta de investimentos dos recursos necessários ao ensino público por parte do Estado e os problemas de ordem social, econômica e cultural, elevam o país a altos índices de analfabetismos e uma das formas adotadas pelo Estado para "remediar" esse problema é por meio de projetos voltados à Educação de Jovens e Adultos.

Cabe ressaltar o que afirma Gadotti; Romão (2005, p.31), a respeito dos alunos adultos trabalhadores:[...] "os jovens e adultos trabalhadores lutam pra superar suas condições precárias de vidas (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo".

Entretanto, além da construção de uma política pedagógica é preciso pensar nesta modalidade de ensino como um importante instrumento de transformação social, ou seja, uma educação que considere o aluno no seu processo de desenvolvimento atual, respeitando as suas experiências de vida e criando possibilidades para o exercício pleno da cidadania.

Sendo assim, ainda segundo Gadotti; Romão (2005, p.16) "Respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos, as crianças, jovens e adultos, os educadores e educadoras populares têm neles um ponto de partida para a sua ação".

Diante disso, entende-se que é fundamental que o educador considere as especificidades do público dessa modalidade educativa, pois o aluno que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se é um indivíduo que já faz parte de uma sociedade letrada, escolarizada e urbana, cujas necessidades de se adaptar às tecnologias de comunicação e informação, modos de viver e trabalhar, são urgentes.

Deste modo, os autores acima citados, afirmam que "O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo".(2005, p.39)

Partindo desta concepção de Educação de Jovens e Adultos, este trabalho de pesquisa pretende propor uma reflexão acerca dos motivos que conduzem os jovens a retornarem ou procurarem pela primeira vez uma sala de aula em idade avançada e quais as implicações dessa escolha para a sua vida.

O primeiro capítulo apresenta um histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e aponta os avanços obtidos nesta modalidade de ensino ao longo de diferentes momentos sócio-históricos.

Já o segundo capítulo, aborda o tema do currículo escolar na construção do conhecimento, metodologia e algumas ideias de Paulo Freire acerca dessa modalidade de ensino, como uma possibilidade de educação voltada à libertação e a conscientização do educando.

No terceiro capítulo será abordado o papel do professor na formação do aluno da EJA e como ele poderá contribuir para um conhecimento significativo.

2. O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS E O PROCESSO HISTÓRICO DE INCLUSÃO

A preocupação com a educação de jovens e adultos no Brasil é algo recente, embora desde o Brasil Colônia se falasse numa educação voltada para a população adulta e um dos objetivos era doutriná-los segundo os princípios religiosos jesuítas. Nesta época o ensino destinado aos adultos compreendia a catequese e o manejo dos instrumentos necessários para o trabalho agrícola, não havendo a necessidade da leitura e da escrita, deste modo, Gadotti; Romão (2005, p.35), no livro Educação de Jovens e Adultos: Teoria, prática e propostas, enfatiza que a Educação de jovens e Adultos, neste sentido seria apenas funcional, ou seja, profissional, visando o treinamento da mão -de -obra para que o adulto fosse mais produtivo.

Esta concepção de educação só começou a mudar com a chegada da Família Real Portuguesa para o Brasil em 1808.Na época do Brasil Império havia um "interesse" na formação de classes noturnas que atendessem aos adultos analfabetos, no entanto verificava-se por parte do governo uma preocupação maior em criar uma escola que atendesse aos objetivos do Estado, direcionada principalmente ao ensino superior e a formação da elite dirigente do país.

Com o fim da Monarquia e o início do período Republicano, pouco se faz pela educação elementar e o índice de analfabetismo aumenta cada vez mais. Em 1854, é estabelecido por meio de regulamento a obrigatoriedade do ensino, assim, como as discussões sobre uma educação popular tornava-se frequentes.

Somente a partir de 1870, a educação dos adultos começa a se desenvolver, ainda que sem estrutura e de forma precária com a criação de escolas noturnas. Em 1890 cerca de 85% da população sabia ler e escrever. A educação popular passa a ser rediscutida como prioridade, quando a Constituição de 1891 restringe o direito do voto ao analfabeto. A partir disso é caracterizado um período de luta contra o analfabetismo, considerado a causa de todos os problemas do país. Torna-se importante ressaltar segundo que afirma Gadotti; Romão (2005, p.32), a respeito do analfabetismo: "O analfabetismo é expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta. Seria ingênuo combatê-lo sem combater suas causas".

Sendo assim, em 1920 surgiram movimentos que conduziram a novas reformas educativas e a criação dos sistemas estatais. Entretanto, a educação nesta época não era vista como vinculada a sociedade pelos reformuladores da época.

A crise na educação elitista na década de 1920 foi um dos grandes fatores que possibilitaram a Revolução de 30. A partir desta Revolução, profundas modificações ocorreram no processo educacional brasileiro, assim com surgiram os ideais de uma sociedade mais democrática com participação popular, pois segundo Gadotti; Romão (2005 p.39): "O primeiro direito da alfabetizando é o direito de se expressar", pois só assim, ele estará exercendo sua cidadania".

O maior avanço da Revolução de 1930 no campo educacional, foi uma política nacional de educação, com seus princípios inscritos na Constituição. Durante esta década, os investimentos na educação básica e o reconhecimento por parte do Governo Federal da importância de oferecer ensino gratuito a todos possibilitou também a delimitação da educação básica para os adultos no campo das políticas educacionais.

No que se refere à educação de jovens e adultos, a Constituição de 1934 instituiu em seu artigo 150:" ensino primário gratuito e a frequência obrigatória , extensiva aos adultos".

Dessa forma é possível considerar que a educação de jovens e adultos sempre assumiu um "contorno" característico da situação política vigente, sendo valorizada ou não de acordo com o momento histórico e cultural no qual está inserida.

Neste sentido afirmam Gadotti: Romão (2005, p.32) a respeito do analfabetismo: "O analfabetismo não é uma questão pedagógica, mas uma questão essencialmente política".

Na década de 40, verifica-se uma preocupação mais acentuada na educação de adultos frente aos altos índices de analfabetos existentes no país. O período de 1946 a 1964 caracterizou-se pela atuação de diferentes movimentos de educação popular, com ênfase na alfabetização de adultos e patrocinados pelo Governo Federal.

Em 1947 a Campanha de Educação de Adultos coordenada e idealizada pelo professor Lourenço Filho até 1950, possibilitou alfabetizar adultos e posteriormente oferecer-lhes o curso primário. A campanha ajudou a desmistificar a visão preconceituosa da época que considerava o analfabeto, um indivíduo a margem da sociedade, incapaz psicológica e socialmente, sendo importante ressaltar que "os jovens e adultos lutam para superar suas condições precárias de vida [...] (GADOTTI; ROMÃO, 2005, p.31)

Sobre a Nova Escola, proposta por Lourenço Filho(1978), um de seus precursores no país, as discussões propiciadas pela campanha que conduziram a elaboração de propostas pedagógicas e métodos específicos de alfabetização.

No entanto, no final da década de 50, novas concepções sobre alfabetização de adultos no que se refere ao método utilizado e a adequação do mesmo, às diferentes culturas regionais, assim como deficiências administrativas e financeiras presentes na Campanha, conduziram a educação de Jovens e Adultos a outros caminhos.

> [...] aprende-se observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas , quer em situações de sentido social e moral , reais ou simbólicas. (LOURENÇO FILHO,1978, p.151)

É, neste sentido, que a escola nova deve preparar para a vida real, o pensamento pedagógico de Paulo Freire possibilitou que se repensasse o analfabetismo e a educação de jovens e adultos num contexto em que era necessário estabelecer novas relações entre o indivíduo analfabeto e a estrutura social. Tal pensamento foi a base para elaboração de programas de alfabetização e educação popular no Brasil.

A educação popular defendida por Paulo Freire aparece como uma alternativa político-pedagógica de atender as reais necessidades e interesses da população em oposição à proposta educacional vigente do Estado, que até então, atendia apenas as sociedades elitistas do país.

Este movimento de Educação Popular no Brasil se concretiza a partir da década de 60, por meio de mobilizações em igrejas, universidades, movimentos estudantis, sindicatos, associações, além das campanhas de alfabetização de adultos.

O marco fundamental deste movimento foi a possibilidade de contextualizar a educação nos diferentes grupos, segundo suas características específicas ligadas as condições locais, aos interesses do grupo e seus valores culturais, a partir disso foi possível falar em educação transformadora da realidade social, numa ação democratizante. Segundo Paulo Freire (1999, p.150) "só assim, a educação cobra sentido".

Para concretizar na prática tal objetivo, foi iniciada em 1963 o Programa Nacional de Educação baseado nos princípios de participação popular e com o propósito de alfabetizar adultos de acordo com a proposta do educador Paulo Freire. Em meados de 1964, com o início de o governo militar, a Educação Popular pautada nos ideais do catolicismo social e das ideologias revolucionárias, é desestruturado frente a uma oposição do Estado. Com isso, é possível dizer que a tentativa de tornar a educação um processo de tomada de consciência que se concretiza na ação transformadora da realidade, passou a ser substituída por um modelo político de educação que atendia as aspirações do Estado, o MOBRAL.

3. O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ADAPTAÇÃO NECESSÁRIA

Quando se trata de currículo e seus elementos (conteúdo, avaliação, relações, conhecimento), referem-se a tudo aquilo que uma escola pode oferecer aos alunos de forma objetiva. Os conteúdos programáticos de cada disciplina, as ações, a divisão do tempo para o desenvolvimento de cada tarefa, tudo que possa contribuir com o processo ensino-aprendizagem.

No entanto, ao considerar o currículo, a questão do conhecimento também

envolve aquilo que somos a nossa identidade, portanto, o currículo de forma mais ampla define a formação da sociedade e de homem. Perceber que o currículo não deve estar voltado exclusivamente para questões técnicas e metodológicas é um desafio posto à escola, onde muitas vezes, o currículo é abordado sem considerar os aspectos sociais e culturais dos alunos.

O currículo na EJA deve ser considerado numa perspectiva de orientação para o desenvolvimento integral do ser humano. Partindo destas propostas, a tentativa é de ultrapassar a concepção de que os currículos escolares são apenas uma seleção de conteúdos e disciplinas organizadas em uma grade curricular. É preciso unir as vivências e experiências dos alunos a um currículo com conteúdos específicos, que possa valorizá-las e enriquecê-las. Neste sentido, Freire (2000, p.21), afirma que os "Métodos de alfabetização têm um material pronto: cartazes, cadernos de exercícios. Quanto mais o alfabetizador acredita que aprender é enfiar o saber - de- quem-sabe no suposto vazio de- quem-não-sabe, tanto mais tudo é feito de longe e chega pronto, previsto." Freire propôs que um método de educação construído em cima da ideia de um diálogo entre o educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro num processo de interação.

Um currículo voltado para esta modalidade de ensino, requer uma didática especial onde o educador deve se mostrar como um bom conhecedor e acreditar na proposta. Segundo Freire (2001, p.16) "Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade".

As práticas em sala de aula são pautadas nos livros didáticos, em que o currículo é tratado simplesmente como conhecimento a ser aprendido, que não atende às necessidades dos alunos, pois estes apresentam características específicas que precisam ser consideradas durante o processo de elaboração da proposta curricular. Para (GADOTTI, 2003, p.298), "a maior parte da aprendizagem ocorre casualmente e, mesmo, a maior parte da aprendizagem intencional não é resultado de uma instrução programada. [...] A escola é ineficiente no ensino das habilidades, principalmente porque é curricular".

Portanto, uma organização curricular para a EJA, deve considerar a realidade dos alunos, o seu trabalho, a sua cultura e seus valores, para então ser significativa.

Diante deste contexto, as diretrizes curriculares nacionais para a EJA servem de eixo para os profissionais envolvidos com essa modalidade de ensino, pois nelas são destacadas as funções atribuídas a EJA, funções estas que devem integrar as discussões em torno da proposta pedagógica da escola visando a todos uma educação e uma escola de qualidade, reconhecendo os grupos sociais que não tiveram acesso à educação escolar na idade adequada. Aliás, este é um ponto fundamental contra a evasão e a falta de motivação que se verifica neste segmento.

Como a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos é construída a partir das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, é fundamental a formação para o exercício da cidadania.

> "São essas definições que servem de norte para o trabalho das diferentes áreas curriculares que estruturam o trabalho escolar: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira, e também para a abordagem das questões da sociedade brasileira, como aquelas ligadas a Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e etc." (PCN,2002, p.3)

Neste contexto, os cursos destinados à Educação de Jovens e Adultos devem oferecer a quem os procura a possibilidade de desenvolver as competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, e estes devem ser específicos, e condizentes com a realidade social e cultural dos alunos desta modalidade.

4. O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO TRANSFORMADOR SOCIAL

Partindo da realidade de uma especificidade da educação de jovens e adultos, também é necessário que o professor desta modalidade tenha um perfil adequado a uma metodologia diferenciada que estabeleça relação professor/aluno.

É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária, ser motivador, planejar, avaliar e criar situações de aprendizagem que problematizem e interfiram no processo de construção do conhecimento de seus alunos. Sendo importante para isto conhecer os saberes e habilidades, respeitando as diferenças sociais, culturais e religiosas.

> "Os educadores precisam respeitar as condições culturais, do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico- econômico do grupo ou comunidade que irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico e o saber popular".(GADOTTI, 1995, p.28).

Sendo assim, surge a importância do diálogo, entre o professor e os alunos para que juntos, eles possam construir conhecimentos e criar condições necessárias para que todos aprendam.

Ele é, portanto, um organizador, mediador e incentivador, que para apropria- se desta mediação, precisa conhecer as condições dos alunos.

Na educação de jovens e adultos precisamos contar com profissionais abertos à troca de experiências, dispostos a aprender com o outro, que vibram com o avanço da aprendizagem em seus alunos e acreditam em suas capacidades. O professor precisa estar preparado para desenvolver as atividades pedagógicas com os alunos jovens e adultos, e isto exige formação. Mas é importante que o professor esteja motivado para ensinar, e ser um incentivador na construção do saber.

Brandão, quando se refere ao método Paulo Freire, nos diz:

> [...] "ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, não pode ser imposta. Educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado [...] Há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende". (BRANDÃO, 1981, p. 21).

Quando se trata de alunos da EJA, o professor precisa considerar a bagagem de conhecimento e experiência que seu aluno já possui, para transformar as informações já adquiridas pelos alunos, em conhecimento útil, descartando de sua prática pedagógica métodos de ensino infantilizados e vazios, privilegiando a exposição de suas idéias, pontos de vista, sonhos, garantindo o processo de democratização e cidadania de educação para a EJA.

A qualidade do educador e dos métodos utilizados na educação de jovens e adultos influência muito na permanência ou não do aluno em sala de aula, sendo o papel do professor da EJA determinante para evitar um novo fracasso escolar.

> "É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não

> o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos". (FREIRE, 1997, p. 19)

Abordar temas pertinentes à realidade do aluno, fazer conexões entre as disciplinas e suas relações culturais, econômicas e sociais, é primordial para prender a atenção do aluno, pois torna o aprendizado mais atraente, despertando o seu interesse, e fazendo com que descubra na educação um verdadeiro significado, um poder transformador da sociedade e de sua própria vida.

> "Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo".(FREIRE, 1997.p.)

4.1. METODOLOGIAS E MATERIAIS ADEQUADAS AO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

Métodos e práticas educativas adequadas à realidade cultural dos jovens e adultos são fundamentadas com a metodologia Freireana que se dá entre outras razões por seu caráter dialógico, por considerar as reais necessidades do educando, partindo de sua realidade e respeitando o seu processo de conhecimento.

Segundo Freire (1987, p.44) é necessário uma metodologia em que se respeite a fala do aluno e do professor. Por meio desta interação, as aulas passam a ser significativas aos alunos, pois estes expressam na fala, as palavras do seu mundo e da sua cultura , facilitando o processo de aprendizagem, e a conscientização.

> "A existência porque é humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado, aos sujeitos pronunciantes, e exige deles novo pronunciar."

As palavras geradoras do método Paulo Freire, são então, descobertas. A quantidade de palavras geradoras pode variar entre 18 a 23 palavras, aproximadamente. Depois de composto o universo das palavras geradoras, elas são apresentadas em cartazes com imagens.

> "Estas palavras são chamadas de geradoras porque,através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras.Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou re-constituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou, dentro delas se configuram.Tais significações são plastificamente codificadas em quadros,slides,filminas e etc.,representativos das respectivas situações, que, da experiencia vivida pelo alfabetizando passam para o mundo dos objetos.O alfabetizando ganha distancia para ver sua experiencia : "ad- mirar".Neste instante começa a descodificar."(FREIRE, 1987,p.6)

Então, nos círculos de cultura inicia-se uma discussão para significá-las na realidade de cada um dos educandos, para Freire (1987,p.6) ao "objetivar seu mundo,o alfabetizando nele se reencontra-se com os outros e nos outros[...]"

À partir desta concepção de educação serão construídos saberes significativos aos educandos, "ler e escrever de modo consciente e conseqüente a sua própria realidade" (BRANDÃO,2000,p.79).

Sendo assim, para Paulo Freire, a base da pedagogia é o diálogo, pois, principalmente por meio dele, o educador conhecerá o educando, facilitando o processo de alfabetização e a construção do conhecimento, sendo assim, este mesmo processo é mais facilitador ainda quando o educador é do próprio meio. De acordo com isso Gadotti; Romão afirma:

> "Os educadores precisam respeitar as condições culturais, do jovem e adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico – econômico do grupo ou comunidade que irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico e o saber popular. Gadotti; Romão."(1995, p.28)

Neste contexto, Paulo Freire elaborou uma metodologia de ensino de alfabetização de adultos baseado na conscientização partindo da realidade de cada aluno, foi um dos métodos mais usados e eficazes, não só pela rapidez da leitura em tão poucos dias mas também pela conscientização.

Sendo assim, os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica, onde conscientizar através da ação dialógica é o fio condutor do processo da alfabetização de Freire. Nessa perspectiva de prática educativa libertadora, o conhecimento é produzido pela conscientização, partindo da análise crítica da realidade existencial, tornando os sujeitos para a tomada de decisão e para as ações transformadoras necessárias.

Segundo Paulo Freire, (1987, p.10)

> "os alfabetizados partem de algumas poucas palavras que lhes servem para gerar seu universo vocabular. Antes, porém, conscientizam o poder criador dessas palavras..são elas que geram o seu mundo. São significações que se constituem em comportamento seus; portanto , significações do mundo,mas sua também. Assim, ao visualizarem a palavra escrita, em sua ambígua autonomia,já estão conscientes da dignidade de que ela é portadora- a alfabetização não é um jogo de palavras , é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução

> crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra. “

Portanto, uma metodologia capaz de unir o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprender, deve considerar os conhecimentos que o aluno jovem e adulto traz para a sala de aula. Cabe ao professor trabalhar as metodologias adequadas com o intuito de contribuir no processo de aprendizagem, tendo como ponto de partida a própria vivência dos educandos.

É nesse sentido que se percebe a importância da teoria desenvolvida por Paulo Freire, no sentido de se promover uma educação voltada para a realidade do educando e a importância da valorização da realidade do aluno para a conquista de uma educação como prática da liberdade na busca da autonomia do educando, pois, [...] “o método de cultura popular: conscientiza e politiza”.(FREIRE, 1987, p.11)

4.2. PREPARAÇÃO DO ALUNO DA EJA PARA O MERCADO DE TRABALHO QUE ATENDA SUAS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS.

Para uma pessoa adulta que retoma aos estudos, o desejo maior é de se preparar para o trabalho, de ter autonomia e de ter sucesso profissionalmente para o pleno exercício da cidadania. Muitos alunos dizem estar na escola para poder “arrumar um emprego”, “conseguir um trabalho melhor”, “crescer na profissão”.(COSTA; CARBONELL ÁLVARES; BARRETO, 2002, p.24)

Neste contexto, educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado, é o que garante a LDB 9.394/96, em seu art. 2: “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Segundo a mesma lei, em seu art. 37 “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente ao ensino profissional, com a educação profissional, na forma do regulamento”. Integração esta, que não existe na pratica.

Ainda, por meio do decreto 5.478 de 24/06/2005.O Programa de Integração da Educação Profissional do Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, o PROEJA revela uma política pública inclusiva de formação técnica a jovens e adultos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na Educação Básica na idade própria. E ainda, regulamenta a formação de jovens e adultos trabalhadores em nível de Educação Profissional Técnica de nível médio, sendo os cursos oferecidos pelo programa destinados à formação inicial e continuada desses trabalhadores. , que “revela a decisão governamental de atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação profissional técnica de nível médio, da qual, em geral, são excluídos, bem como, em muitas situações, do próprio ensino médio”. (Documento Base PROEJA, 2006).

O desafio proposto para a EJA na atualidade se constitui em reconhecer o direito do jovem adulto de ser cidadão; mudar radicalmente a maneira como a EJA é concebida e praticada; buscar novas metodologias, considerando os interesses dos jovens e adultos; pensar em novas formas de EJA articular o currículo ao mundo do trabalho; investir seriamente na formação de educadores; e outras ações.

> “Pode ser interessante pensar sobre as habilidades que a escola pode ajudar a desenvolver e que contribuam para uma atuação mais eficiente nesse universo diversificado e competitivo que é o do trabalho. Não queremos dizer com isto que a escola deva tomar para si a responsabilidade da preparação do trabalhador, nem deixar a responsabilidade da conquista de um “emprego melhor” nas mãos do(a) aluno(a). Como já sabemos, esta é uma responsabilidade social mais ampla e mais próxima das políticas governamentais e empresariais. O que queremos pensar é justamente nas formas da escola potencializar essa competência que os jovens e adultos já desenvolvem em sua vida cotidiana de administrar suas finanças e sua sobrevivência.”(COSTA; CARBONELL ÁLVARES; BARRETO, 2006, p.21)

Espera-se que essa integração se realize, de forma que a EJA e o ensino profissionalizante passem a constituir um direito, e não um favor prestado em função da disposição dos governos, da sociedade ou dos empresários. Trata-se de ter em vista a formação para o desenvolvimento amplo do ser humano, tanto para o mercado de trabalho, mas também para o viver em sociedade. Comunicar-se de forma competente com clareza, ordenação de ideias, argumentação; conhecer as diferentes formas de trabalho da nossa sociedade nos dias atuais, o trabalho formal e o informal, por exemplo; dominar os caminhos possíveis para a obtenção de empregos, a procura por agências, a preparação de currículos; ver na construção de uma pequena fábrica, na abertura de um comércio em sua região um possível canal de trabalho; conhecer, em sua região ou comunidade, os espaços gratuitos de formação técnica cursos de eletricidade, pintura, computação, confecção e outros são saberes passíveis de serem aprendidos na escola. Ela funcionaria, assim, como espaço de conhecimentos ligados ao mundo do trabalho.”(COSTA; CARBONELL ÁLVARES; BARRETO, 2006)

4. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo realizar um estudo sobre as reais necessidades do ensino de jovem e adulto e como é possível incluir as necessidades educacionais e adequar esse segmento ao respeito, a metodologia a ser utilizada.

Observou-se o quanto é imprescindível que os professores desta modalidade promovam atividades pedagógicas condizentes à realidade do aluno e os preparem para o mercado de trabalho, dentre outras.

O interesse pelo tema Alfabetização e Cidadania: Um estudo sobre as motivações e expectativas de alunos da Educação de Jovens e Adultos, foi despertado durante a minha experiência com os estágios desta modalidade, pois houve momentos em que me encantei com a diversidade no que se refere a faixa etária, com os relatos das experiências vivenciadas pelos alunos, com o alto índice de inclusão, com as expectativas e as motivações em relação ao curso. Houve momentos também, que me indignei com o despreparo de alguns professores desta modalidade de ensino, bem como, com a falta de estrutura e com as atividades infantis e descontextualizadas que são utilizadas no decorrer das aulas.

As respostas a este trabalho demonstraram que alguns professores ainda são resistentes ao aluno participante da construção do conhecimento, ou seja, ao professor cabe adquirir informações sobre o perfil do aluno, sobre os conhecimentos prévios, sobre as habilidades e a história de vida dos educandos. Tais informações importantes contribuem com o processo de construção do ensino-aprendizagem.

Quanto aos alunos, eles demonstram carinho, respeito e admiração pelos professores, tais sentimentos, parecem mútuos.

Dentro deste contexto, caberá então, principalmente ao professor, o papel importante de utilizar a melhor estratégia para adaptar o currículo escolar, as aulas, às reais necessidades dos alunos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. In. Formar Educadores e Educadoras de Jovens e Adultos. In. Soares, Leôncio (org.) **Formação de Educadores da Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica,secad mec , / unesco, T 2006

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**.16ªed. São Paulo.Brasiliense,1981

COSTA, Elisabete; CARBONELL ÁLVARES Sônia; BARRETO, Vera. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: Alunas e alunos da EJA**, Brasília: MEC, 2006.

_____.**Trabalhando com a educação de jovens e adultos. A sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem**, Brasília: MEC, 2006.

FILHO. Lourenço. **Introdução ao estudo da Escola Nova**.São Paulo: Melhoramentos.

FREIRE, Paulo.**Educação como prática da Liberdade**.23.ed.Rio de Janeiro.Paz e Terra,1999.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e educação**:. 5ª ed., São Paulo; Cortez, 2001

_____. **Professora sim, tia não:Cartas a quem ousa ensinar**; São Paulo;Editora- Olho d'Água,1997.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos - A Experiência do MOVA-SP.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996.

_____. **História das idéias pedagógicas**. Editora Ática – 8ª edição, São Paulo – SP: 2003.

GADOTTI; Moacir e Romão, José E (Orgs). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta** – 7 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005 (Guia daEscola Cidadã; v. 5)

_____.**Lei 9394/ 96**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

_____.**Ministério da Educação**. Documento Base PROEJA. Brasília: MEC, 2006.

_____.**Ministério da Educação. Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos.**Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: MEC, 2002

HADDAD, Sérgio. **O estado da arte das pesquisas em Educação de Jovens e Adultos no Brasil** (1986-1998). São Paulo: Ação Educativa, 2000.

PAIVA, Vanilda Pereira - **Educação Popular e Educação de Adultos**-5ª edição – São Paulo -Edições Loyola – Ibrades – 1987.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo, Editora Ática, 2002..

Brincadeiras, Brinquedos e Suas Contribuições Para o Desenvolvimento da Criança

Fabíola Dos Santos Oliveira

RESUMO

Brincar é um elemento importante na tarefa pedagógica com as crianças, pois exige do professor um exercício hermenêutico e fenomenológico que se torna a interação entre as diferentes linguagens que o bebê usa para comunicar seus pensamentos, emoções e ideias refletir sobre o espírito científico da primeira infância refere-se

a pensar, por um lado, como sua lógica se desenvolve e funciona, e a necessidade de reconhecer no ambiente sociocultural as possibilidades de estimular talentos ou as limitações que demarcam seu desenvolvimento e, por outro, na prática pedagógica, para estabelecer cenários de diálogo com crianças em idade escolar, a fim de ler suas necessidades e interesses e orientar suas pesquisas. É possível conhecer o outro, no seu nível.

PALAVRAS CHAVE: Brincadeira, Brinquedo, Desenvolvimento

INTRODUÇÃO

Desvendar o imaginário que foi tecido em torno do conceito de infância, assumido e refletido no contexto escolar por professores e outros membros da comunidade educacional, envolve questionar as relações que existem entre o imaginário da criança e a prática pedagógica cotidiana. Diferentes comunidades e instituições educacionais do país, para estabelecer rupturas que permitam uma aproximação ao desenvolvimento do espírito científico dos bebês.

Este estudo procura contribuir com a prática das brincadeiras em ambientes escolares para que as crianças sejam beneficiadas diretamente com essa pratica, em seu crescimento pessoal envolvendo seu intelecto e as suas funções motoras.

Buscando elementos teóricos para embasar-se no artigo apresentado referenciando autores que contribuíram para pesquisa feita.

BRINCADEIRAS E JOGOS

O prazer lúdico facilita a criação de espaços onde as crianças desenvolvem novas experiências de inter-relação do antropológico, social e pisco afetivo, que lhes permitem estimular essa práxis como complemento ao trabalho habitual, com a probabilidade de gerar benefícios, como a satisfação de certas necessidades em perspectiva de desenvolvimento em escala humana e o progresso sustentável da sociedade. Brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento, social, psicológico e cognitivo da criança, pois é brincando que ela expressa seus sentimentos. A brincadeira facilita o processo de aprendizagem, pois promove a construção do reflexo, da autonomia, tornando-a mais criativa, constituindo a relação prazerosa entre o jogo e a aprendizagem.

Desvendar o imaginário que foi tecido em torno do conceito de infância, assumido e refletido no contexto escolar pelos professores e outros membros da comunidade educacional, envolve questionar as relações que existem entre o imaginário da criança e a prática pedagógica cotidiana.

O brincar na educação infantil adéqua a criança a cumprir e a formar regras diante de um grupo, cooperando para a sua integração na sociedade, é importante explorar e incentivar a capacidade que a criança tem de criar, pois o lúdico beneficia com eficácia todo o seu desenvolvimento e criatividade. Em algumas brincadeiras a criança utiliza objetos disponíveis para auxiliar em seu desempenho educativo, isso pode ocorrer em jogos diferenciados voltados para educação. O desafio posto na Educação contemporânea é exatamente como estimular esses diversos tipos de inteligência. É apropriado que cada criança apresentará habilidades mais aprimoradas em determinadas áreas do que em outras, de modo que é necessário oferecer contato com possibilidades transformadas, a criança descobre o mundo ao seu em torno diretamente do próprio indivíduo, experimentando situações difíceis em que se encontram no espaço. Eles estão em extenso adiantamento e utilizam todas as probabilidades que lhes são proporcionadas eles não cessam: sobem, declinam, pulam entram e sai de pequenos ambientes, ampliando assim a notícia de espaço e momento. É na fase de dois e três anos que acontece o tempo pré-operacional, pois a criança age sobre os componentes e busca adquirir opiniões em experiências com o ambiente físico e igualitário para construir a informação do espaço no qual se encontra.

> As brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica. É o adulto, na figura do professor, portanto, que, na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Consequentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar. Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem. (BRASIL, 1998, p. 28. v.3).

> (...) O efeito educativo da brincadeira infantil, na qual as crianças se sentem ligadas por toda uma rede de regras complexas ao mesmo tempo aprendem a subordinar-se a regras a essas regras como a subordinar a elas o comportamento das outras e a agir nos limites rigorosos traçados pelas condições da brincadeira. (VIGOSTSKI, 1934 p.263).

O brincar é uma das características principal do bebe, pois auxilia no desenvolvimento de sua capacidade,

como: atenção, imitação, memória e a imaginação, além de ser importante no desenvolvimento da função simbólica da criança. A brincadeira para os pequenos de certa forma os auxiliam em suas expressões, pois é durante o ato de brincar que ele sente-se livre e coloca em prática tudo aquilo que assimilou ao seu redor.

A atividade lúdica proporciona a espontaneidade e a criatividade, nela trabalha-se a aceitação das regras sociais e morais vendo que é brincando que a criança se humaniza, aprendendo assim a conciliar de forma efetiva a afirmação de si mesmo á criação de vínculo afetivo e duradouro.

A ludicidade ocasiona a cultura contextualizada no tempo e no espaço, alguns tipos de brincadeira como, por exemplo, jogos com regeras começa proporcionar a criança uma elaboração progressiva da perda de uma característica relativa dos cuidados maternos, e assim consegue encontrar forças para estratégias e enfrentar os desafios de agir e pensar para que ele possa começar assumir a responsabilidade por seus atos constituindo uma preciosa ferramenta que dispõe para aprender a viver. O conhecimento da criança em seu ambiente é uma oportunidade de onde eles podem acessar seu mundo, observando a maneira como se relacionam com seus pares, ouvindo suas línguas, favorecendo em sua interação sua curiosidade em torno da questão. Dispositivo de investigação e rota para a pesquisa inata, como elementos que contribuem para o aprimoramento da prática pedagógica. Estimular a curiosidade inata das crianças torna-se uma longa jornada para resgatar talentos por meio de relacionamentos com o meio ambiente e pelas diferentes experiências às quais eles ampliaram o acesso na vida escolar, enquadrados em situações de aprendizagem que favorecem o cultivo do espírito de pesquisa e colocar a questão como eixo do processo de formação e desenvolvimento de habilidades, configurando-se em outro olhar para a investigação do pensamento do aluno, brincar e brincar são elementos substanciais da lógica das crianças, baseados na construção de relacionamentos em situações cotidianas que envolvem desafios e desafios de acordo com sua individualidade; Esses elementos enriquecem as experiências como facilitadoras do desenvolvimento do pensamento crítico em bebês.

A escola é um ambiente importante para mediar o desenvolvimento da criança em inúmeras capacidades, elas podem ter o contato direto com jogos, brinquedos e fazer diversos tipos de brincadeiras onde se torna um espaço simples em um ambiente lúdico desenvolvendo seus conhecimentos e aprendendo novos desafios. Brougère (2002) salienta que o jogo não é naturalmente educativo, mas se torna educativo pelo processo metodológico adotado, ou seja, por meio de jogos e brincadeiras que o professor pode desenvolver metodologias que contribuam com o desenvolvimento. O brincar é a necessidade básica da criança. Na educação, a prática do brincar é estimulada no cotidiano e, sempre que possível utilizada como estratégia de intervenção no cuidado. Eles têm sido extensivamente estudados, tanto como jogo livre quanto a relação com a promoção e desenvolvimento, bem como intervenções que melhoraram. A dramatização livre auxilia no desenvolvimento afetivo social da criança, ela experimenta papéis e descobre como resolver problemas e conflitos de ordem psicológica, ajudando-a a se ajustar a si mesma e ao meio ambiente social à sua volta. (Rizzo, 1991, p. 193)

> A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é "não--brincar". Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar--se. Nesse sentido para brincar é preciso apropriar--se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (RCNEI, v.1, p.27).

A criança consegue comunicar-se através dos brinquedos e do brincar que possui o significado de liberdade ao agir e reagir para ela, é uma forma de expressar-se simbolicamente desenvolvendo a interação e o contato com o outro, a escola deve sempre promover a realização de atividades em grupos para que possa ocorrer a socialização de forma agradável aquele aluno. A ludicidade deve ser vivenciada com a intenção de aumentar o potencial da criança, tendo em vista que o conhecimento é obtido através das relações com o meio social estabelecido durante a formação absoluta da mesma, ou seja, as atividades lúdicas desenvolve a criança em todos os aspectos necessários para a fase de aprendizagem que está se formando. A partir da educação integral do indivíduo, oferecida de forma acessível, é possível contribuir para melhorar a qualidade de vida da população, aumentar as atividades produtivas no lazer, melhorar o desenvolvimento motor e cognitivo. Foi uma conquista as creches serem reconhecidas como ambiente educacional, pois a criança passou a merecer uma qualidade na vida educacional desde a creche e pré- escola, portanto foi garantido a ela o seu desenvolvimento pleno.

> A base para as aprendizagens humanas está na primeira infância. Entre o primeiro e o terceiro ano de idade a qualidade de vida de uma criança tem muita influência em seu desenvolvimento futuro e ainda pode ser determinante em relação às contribuições que, quando adulta, oferecerá à sociedade. Caso esta

> fase ainda inclua suporte para os demais desenvolvimentos, como habilidades motoras, adaptativas, crescimento cognitivo, aspectos sócioemocionais e desenvolvimento da linguagem, as relações sociais e a vida escolar da criança serão bem sucedidas e fortalecidas. (PICCININ, 2012, p. 38)

> Brincar é meio de expressão, é forma de integrar-se ao ambiente que o cerca. Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade. (Ribeiro, 2002, p. 56).

As brincadeiras desenvolvidas com as crianças despertaram interesses e através disso podemos agregar novos conhecimentos que remete as crianças ao faz de conta despertando a curiosidade e o prazer, esse mundo de jogos e brincadeiras que representa novos desafios, sempre respeitando sua faixa etária. (CARVALHO, 1992). O/a educador/a deve ser instigado a inserir o lúdico na sua forma de trabalhar, sendo levados a ter consciência das vantagens de transmitir seus conhecimentos através de jogos e brincadeiras.

Vygotsky (1991), a brincadeira é entendida como atividade social da criança, cuja natureza e origem específicas são elementos essenciais para a construção de sua personalidade e compreensão da realidade na qual se insere.

A criança quando brinca tende a ser mais feliz, espontânea, comunicativa dentre muitas características positivas que vão auxiliando sua evolução, por este motivo foi preciso buscar informações sobre esse ato nobre que colabora com a evolução de um ser humano, o objetivo é elencar a importância do lúdico dentro da sala. Porém muitos têm a dificuldade de compreender o quão importante é a brincadeira, um exemplo são as creches que antes eram vistas apenas como lugares para o "cuidar" da criança tornando-se assistencialista e hoje são consideradas ambientes de formação do individuo, onde a criança desenvolve seu potencial motor, simbólico, expressivo, afetivo e cognitivo.

> (...) o brincar e o jogo documentam como o adulto coloca-se com relação a criança e mostra suas concepções e representações do sujeito criança. O jeito de lidar, organizar, propor, respeitar e valorizar as brincadeiras das crianças (...). A criança expressa-se pelo lúdico e é desse ato que a infância carrega consigo a brincadeira. (...). (DORNELLES, 2001 p. 103).

Este trabalho também sintetiza o escopo do Projeto "Os brinquedos da infância: história e mediação", onde se agregou a confluência interdisciplinar para a abordagem do jogo e do brinquedo, a possibilidade de intervir na sua preservação. Isso foi possível porque os campos da História da educação e da Epistemologia da brincadeira convergiram com as ações do Museu do Brinquedo. As reflexões e intervenções teóricas analisadas neste trabalho visam revitalizar um diálogo, um encontro entre a herança lúdica que traz histórias, valores, afetos e visões de mundo socioculturais; aqueles que mediam em sua construção e as crianças atuais estão ligados à particularidade desses brinquedos com as crianças do passado.

Nesse projeto, jogos e brinquedos visam resinificar-se como mediadores socioculturais e na avaliação de suportes inevitáveis da memória coletiva. A abordagem histórico-lúdica nos permite compreendê-los na possibilidade de articular passado, presente, temporalidade, sobrevivência e mudança. Lá, os sujeitos e seu vínculo Intergeracional são reativados contra o mundo globalizado, que desmonta as formas tradicionais e introduz novas. Nesse sentido, essa apresentação integra os campos disciplinares da História da Educação e da Epistemologia da Brincadeira, para reavaliar o jogo e o brinquedo, não apenas como objeto de pesquisa, mas como valiosos substratos da memória coletiva e biográfica. Kishimoto (2003) relata que na Grécia antiga e em Roma já havia o uso de atividades lúdicas como jogos educativos para que as crianças tivessem maior desempenho diante das atividades sugeridas a elas.

Nos tempos antigos, muitos dos brinquedos eram feitos pelas próprias crianças ou por seus parentes (avós, tios) e eram o resultado de um trabalho caseiro, dedicado e com muito carinho, até rudimentares. Em seguida, surge à figura do artesão, que construiu os brinquedos sob demanda e em pequena escala. Eram brinquedos de características simples que levaram em mais de uma ocasião o modelo que os pais fizeram. As dinâmicas e transmutações analisadas mostram como, a partir do brinquedo, é possível observar mudanças que ocorrem em cenários socioeconômicos e políticos mais amplos, revelando, por um lado, quais formas recreativas tradicionais são preservadas e quais brincam a referência e, por outro, como surgem novas formas como resultado de mudanças e inovações industriais, tecnológicas, de mercado, publicidade, etc. Embora a partir da evolução do brinquedo tenham sido capazes de preservar mais referências de elaboração industrial do que artesanal, seu valor não era tanto se fosse estrangeiro ou nacional, mas em sua capacidade de conter histórias de membros da mesma geração e de gerações diferentes. Lá, brinquedo e assunto se encontram de uma maneira única e particular. Tudo aquilo do mundo real que for usado pela criança para fazer suas experiências e descobertas, para expressar-se e lidar com seu mundo interno e subjetivo diante da realidade desses objetos, das coisas concretas e objetivas, podem ser considerado brinquedo. Machado (2003, p. 35)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a brincadeira abrange vários aspectos de desenvolvimento da criança, como: físico, afetivo, cognitivo e social. Desse modo, torna se essencial que a escola, pais e professores sejam participativos das novas perspectivas educacionais que forem sugeridas.

As escolas devem ter um espaço harmonioso e aconchegante que possibilite a prática das atividades lúdicas necessárias na educação infantil, os pais precisam acompanhar atentamente o processo escolar da criança e estar cientes das metodologias pedagógicas propostas pela escola e cabe ao professor trabalhar e acreditar na possibilidade de ensinar brincando.

A ludicidade deve ser vivenciada com a intenção de desenvolver o potencial da criança, tendo em vista que o conhecimento é obtido através das relações com o meio social estabelecido durante a formação absoluta da mesma, ou seja, as atividades lúdicas desenvolve a criança em todos os aspectos necessários para a fase de aprendizagem que está se formando.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. V.1

____BRASIL. **Referencial Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998,

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CARVALHO, A.M.C. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

DORNELLES. Leni Vieira. **Na escola infantil todo mundo Brinca se você Brinca**. In Carmen Craidy, Gládis E. Kaercher. Educação Infantil, Pra que te quero? Org. – Porto Alegre: ed. Artmed 2001.

KISHIMOTO. Tizuco Morchida. **Jogos tradicionais infantis; O jogo a criança e a educação**. Petrópolis. Rio De Janeiro: Vozes,1993.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança - A importância do brincar, atividades e materiais**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014. 5ª edição. São Paulo, SP: Loyola, 2003.

RIBEIRO, Paula Simon. Jogos e brinquedos tradicionais. In: SANTOS. Santa Marli PICCININ, Priscila Vanessa. **A intencionalidade do trabalho docente com as crianças de zero a três anos na perspectiva Histórico-Cultural**. 2012. 77 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

Pires dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 7ª Edição. Petrópolis, RJ:Vozes, 2002.

RIZZO, Gilda. **Creche, organização, montagem e funcionamento**. 3ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1991.

VYGOTSKY, Lev. S. **A Formação Social da Mente**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1998. . Psicologia Pedagógica/ L. S. V Vygotski : tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Arte Cênica, uma Reflexão Pedagógica

Camila Nascimento Spioni de Paula

RESUMO

A arte está presente na vida humana desde os passados mais remotos agregando várias formas de expressão. Este estudo se direciona na arte teatral e procura apresentar a importância de seu emprego na educação. Através da arte cênica se observa uma maior inclusão entre as crianças, e trabalha o desenvolvimento da timidez, da oralidade, da autoestima, e da criatividade. A pesquisa fundamenta por meio de uma ampla referência de autores e pesquisadores que abordam o teatro como importante no desenvolvimento pedagógico. Divide-se em três capítulos, referenciando a origem histórica, a arte cênica no Brasil seus conceitos e definições, a inclusão da arte no processo de ensino e os benefícios do teatro de fantoche na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Cênica; Educação; Teatro de Fantoche; Criança.

ABSTRACT

The art is present in human life since ancient past adding various forms of expression. This study directs the theatrical art and seeks to present the importance of their use in education. Through the scenic art is observed greater inclusion among children, and works the development of timidity, of orality, self- esteem, and creativity. The

research is based through an extensive reference authors and researchers who approach the theater as important in educational development. It is divided into four chapters, referencing the historical origin, the scenic art in Brazil its concepts and definitions, the inclusion of art in the teaching process and the benefits of puppetry in education.

KEYWORDS: Scenic Art; Education; Puppetry; Child.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o ensino de Artes Cênicas ganhou espaço no meio educacional, com isso surge à necessidade de um trabalho mais acentuado, direcionado para o desenvolvimento do educando que busca aprendizagem necessária para inteirar suas necessidades e compreensão de maneira coerente para integra-lo a sociedade atual.

Segundo Barbosa (1997) o teatro hoje é considerado fator importante no desenvolvimento humano, e as instituições de ensino precisam elaborar métodos de adequação para desenvolver este processo de ensino de forma a gerar aquisição de conhecimentos e que possam ser inclusos na grade escolar como prática educacional de progresso individual e social, que cada aluno necessita para seu desempenho escolar.

A Arte possibilita ao aluno manifestações de diversas formas do saber sensível. O uso de linguagens artríticas possibilita ao aluno criação e recriação de incontáveis possibilidades de expressão por meio de sua capacidade criadora. Na intenção de obter uma pratica pedagógica concreta a Arte Cênica deve ser desenvolvida de maneira organizada, capaz de levar aos estudantes o entendimento e a importância dessa disciplina como método de ensino e aprendizagem.

*Entre as inúmeras possibilidades de expressão e criação, a linguagem da Arte Cênica, apresenta de maneira integrada e mais complexa diante das demais linguagens correntes no mundo da Arte, uma vez que, a linguagem teatral desenvolve habilidades que possibilitam a expressão através do corpo, sendo este o elemento principal na representação da dramaturgia. Este conteúdo por ser mais complexo exige do aluno mais habilidades, tendo como principal aspecto desta linguagem a excelência.

A Arte Cênica favorece o desenvolvimento integrado do aluno, privilegiando não somente seu potencial, mas suas emoções, seus conhecimentos e a sua subjetividade. Este aspecto educacional da à criança momentos possíveis de se ver em outro mundo, onde pode ser mostrado aspecto de sua personalidade, de seu comportamento individual ou com trabalho em grupo. Trabalhar o teatro na educação infantil incentiva à criança a improvisar, a coordenar a socializar, a memorizar, a criar, a ler e ainda melhora o vocabulário e sua habilidade oral.

Diante desta percepção sobre o significado e a necessidade da Arte Cênica como veículo de conhecimento e manifestação cultural, este trabalho busca compreender como a arte teatral está vinculada as práticas pedagógicas, e seu reflexo sobre o desenvolvimento da potencialidade das crianças.

Considerando o trajeto histórico da Arte e suas consequências, buscamos investigar como essa linguagem está presente e quais seus benefícios para a educação. Pretende-se analisar as ações educativas e suas relevâncias no quesito aprendizagem de forma a envolver a arte cênica e diagnosticar em quais momentos e, como os professores desenvolvem esta prática educacional.

O trabalho é fundamentado em uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais e em autores que contribuem com reflexões sobre conceitos e definições desde os primeiros momentos da história até a prática pedagógica com a arte cênica na educação, busca também investigar quais as técnicas utilizadas pelos professores em salas de aula. A partir de referências bibliográficas buscamos também identificar quais contribuições o teatro de fantoches agrega a educação e qual a sua relação no ensino-aprendizagem.

2. CONCEITO E DEFINIÇÃO

2.1. PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL

Desde a existência do ser humano na terra há indícios da arte e no decorrer da história assumiu-se vários aspectos e utilidades, que vai desde ilustração até expressar emoções, ideias, sentimentos, ou na explicação da história do homem.

Cada época da história houve manifestações artísticas deixadas pelo povo em sua existência. A mais antiga manifestação artística catalogada são as pinturas rupestres no período pré-histórico

Na Grécia e em Roma ainda na antiguidade eram classificados como arte: a dança, o teatro, a pintura, a música, a oratória e a poesia. Assim considera-se que o surgimento da arte está relacionado com a evolução do homem, tendo como atividade de expressão criadora o desenhar, o pintar e o modelar.

Os gregos tinham a arte como à busca pela perfeição, eles buscavam na representação de suas artes o mais fiel e meticuloso possível. Suas obras eram voltadas para o tempo presente, a natureza era tida como visão de contemplação e sempre representada com precisão. A beleza, o amor e o racionalismo eram sempre ostensivos na criação.

Os egípcios tinham na arte a ligação com os deuses, com os espíritos. A busca pelo divino era padronizada esteticamente por todos os artistas em seu processo de criação. Ao esculpir nas pedras os egípcios representavam os deuses e os faraós em posição de serenidade,

sem indicar emoção alguma. As figuras compostas dava a impressão de majestade, de força. Os egípcios destinavam suas artes às tumbas e aos mortos, pretendiam traduzir nas esculturas a ilusão de imortalidade, devido ser fixados pela vida pós a morte.

A igreja católica com seu crescimento e domínio significativo, intervia para reprimir as ciências, os estudos e as produções artísticas, com o intuito de favorecer o cristianismo. Segundo CRUZ (2009, P. 16) "sendo toda produção que não seguisse tal rigor temático e ideológico duramente suprimido".

> Nesse período houve um domínio da arte bizantina, uma arte cristã do império romano do oriente que abrangia arquitetura (cúpula), pintura e mosaico com caracteres bidimensionais e simbolismo. Além da arte gótica e românica, otoniana, dentre outras. (CRUZ, 2009, P. 16-17).

Segundo a autora com o Renascimento houve a transição da Era Medieval para a Moderna. Este período da baixa idade Média foi marcado por transformações e conspirações contra a Igreja o que galgou a libertação intelectual e cultural. Artistas mesmo os financiados pela Igreja Católica ocultavam em suas obras diversos conhecimentos como a metafisica e astrologia. Estes artistas contribuíram para estudos posteriores relacionados à anatomia, mecânica, hidráulica dentre outras áreas do conhecimento humano e para o surgimento da Modernidade.

> Nesse movimento renascentista, artistas como Da Vincci, Botticelli, Michelangelo e Rafael lideraram um resgate estético ao período clássico da arte antiga, inspirando-se nos gregos e seu antropomorfismo, e de certa forma, também o simbolismo e gnosticismo e suas pinturas assumem aspectos ainda mais elevados, enquanto o conhecimento e as ciências começam a aparecer novamente, mesmo ainda sendo suprimidos. (CRUZ, 2009, P. 17).

Fonterrada (2008) relata que a partir do século XVII surge na Europa à modernidade, que logo ganha proporções mundiais. A Idade Moderna é marcada pelo pensamento cartesiano onde atitudes de reflexão, busca pela verdade, questionamento constante, deixa de lado a era medieval e sua obscuridade. Nesse contexto o homem passa a ser considerado o centro do Universo. Os artistas rompem as tradições anteriores, passam a se expressar de novas formas, a razão é valorizada e assumem uma natureza racional e real.

> No Brasil esse processo de modernização se deu de uma forma muito particular acompanhando o movimento de reinvenção estrutural estética, o grande responsável pelo modernismo no Brasil foi Villa Lobos, que trouxe uma tendência folclórica e regionalista para sua música, rompendo com a estética europeia, e criando algo genuinamente brasileiro, enquanto Carlos Gomes seguia fielmente a influência europeia, principalmente de Beethoven. Villa Lobos juntamente com Tacila do Amaral (nas artes plásticas), Osvald de Andrade (na poesia) e Glauber Rocha (cinema), entre outros criaram o modernismo no Brasil que veio também a ter grande impacto e absorção em todo o mundo. Em consequência veio o pós-modernismo através da qual as fronteiras estéticas se desfazem novamente (CRUZ, 2009, P. 18).

Com o pós-modernismo formam as tendências de mercado e a Arte passa a ser um produto valorizado, o que acarreta na formação de uma indústria de extensão mundial em caráter cultural, segundo Cruz (2009).

2.2. ARTE UMA DEFINIÇÃO ENIGMÁTICA

A Arte tem a visão como crucial no processo de apreensão e avaliação a uma determinada representação imaginária ou real de mundo. Está relacionada com a venustidade, a sensibilidade estética e a criatividade que o individuo possui capaz de manifestos e criações de obras atraentes e agradáveis de ver.

De acordo com o dicionário Houaiss, a palavra se origina do Sânscrito e significa "capacidade de dominar a matéria, ideia básica (ajustar, moldar)", sendo esta uma ação transformadora que o homem realiza. Segundo os latinos *artis* ou *ars* significa maneira de agir ou ser, habilidade que se adquiri ou algo natural. Assim considera-se arte todo conhecimento técnico de fabricação humana.

De acordo com a época ocorrem mudanças no contexto da Arte, formas diversas surgem em acordo à necessidade e a motivação de cada civilização ou tempo. No entanto seu conteúdo original permanece que é a capacidade de lidar com produtos, sendo por meio de métodos ou materiais com o uso de conhecimentos essenciais se dão forma a expressões, sentimentos e ideias.

Segundo os antropólogos a Arte possui variados conceitos, ela é parte da cultura de uma nação, assim cada nação tem sua arte desenvolvida relacionada à cultura local. Mello (2001, P 430) diz que "O que é belo para determinado povo pode não sê-lo para outros. Em suma, negar tudo isso é negar à arte sua condição de atividade cultural e social".

> A arte aparece em todos os povos de todos os continentes em todas as épocas. A arte é a necessidade humana de se expressar de se comunicar com seu deus, com seus semelhantes consigo mesmo, criar e mostrar seus mundos, mas seu desenvolvimento, como arte, depende da sociedade, do ambiente no qual o sujeito sonhante está imerso (MENDES E CUNHA, 2004 P. 80).

Após o romantismo a ideia sobre arte foi alterada, o que antes era reduzido à especialidade de lidar com tal atividade, entendido como produto de atividade artística, passou a ser valorizada pelo sentimento em nível superior ao conhecimento técnico.

> A concepção de arte de Platão repousa na própria concepção da reminiscência, isto é, na ideia de que o mundo real é a cópia ou simulacro do mundo ideal. Nesse caso a arte sendo uma espécie de cópia do mundo real (da natureza e da natureza transformada pela cultura) seria inferior a este e este por seu turno inferior ao mundo ideal. (MELLO, 2001 p. 427-428).

Conforme Mello (2001) a arte se rompeu com o principio platônico e passou a ser vista como escola especial da consciência humana. Para Platão a arte não era considerada uma manifestação plena da ideia, segundo sua teoria objetos modificados naturalmente eram referencia de originalidade, algo modificado pela mão do homem não capita a forma original da ideia com fidelidade, sendo de um nível inferior de projeção. As modificações realizadas pelo individuo teriam da ideia original, somente o material a ser usado, como tecido ou madeira, e sua função no olhar de Platão é secundário com significado estético ou prático.

A Arte não possui uma linha de obediência fixado na razão ou na lógica, nela é permitido tudo, ela esculpiu um universo de possibilidades onde tudo é rompido e recriado.

> Ela reproduz as ideias eternas apreendidas mediante pura contemplação, o essencial e permanente de todos os fenômenos do mundo, e conforme a matéria em que ela reproduz, se constitui em artes plásticas, poesia ou música. Sua única origem é o conhecimento das ideias; seu único objetivo, a comunicação deste conhecimento. (Schoppenhauer 1991, P. 17)

A Arte em seu dinamismo possui uma variedade de conceitos, onde sua manifestação tem como base os primórdios de um povo por meio de seu olhar, de sua cultura e de seu tempo. Schoppenhauer (1991 P. 25) ressalta que "o artista nos permite contemplar o mundo por seus olhos".

2.3. PROFESSOR DE ARTES E SUA FORMAÇÃO

O ensino de Arte no Brasil iniciou-se com a vinda da família real, com o intuito de adequar as necessidades da corte portuguesa que se instalava no paísl. Várias instituições foram construídas principalmente no Rio de Janeiro, sede do governo da época. No século XVII chega ao Brasil a Missão Francesa, em 1826 é efetivada a primeira escola de Artes no país com sede no RJ. A partir deste momento surgiram novas instituições de Ensino Superior, no entanto varias destas não objetivavam e ainda não objetivam formar profissionais para atuar como educador de Arte nas escolas.

Em 1973 foram publicados os parâmetros a ser aplicado na formação de professores de Licenciatura em Educação Artística. O número de instituição que oferecia a formação era insuficiente diante da demanda que estava em expansão na época, este fato acarretou consequências graves conforme respalda o autor:

> Sem profissionais suficientes para atuar neste novo curso e sem controlar a qualidade de ensino que era oferecido, os cursos de Licenciatura em Arte foram se desenvolvendo, desde sua origem, com muitas deficiências e carências, problemas que, ainda hoje, são percebidos em muitas instituições que oferecem esta modalidade de ensino. (FRANCO, 1998,39).

A formação na área seguia o modelo de outras licenciaturas com estrutura de formação rápida, com dois anos de duração. Os professores formados neste período não obtiveram conhecimento suficiente para atuar com Educação de Arte na educação básica. Por um longo período o curso de Arte era voltado para o tradicionalismo. Algumas exceções como UNICAMP (Universidade de Campinas), USP (Universidade de São Paulo) entre outras, mantinham o curso com duração de quatro anos.

Segundo Coutinho (2002) em 1980, evidencia o fracasso das licenciaturas curtas e começa então a discutir sobre o assunto. A autora ressalta que a Licenciatura em Arte passou por um processo avaliativo, buscando adequar aos PCN's para ministração de aulas no Fundamental e Médio, e de acordo com os Referenciais Curriculares para o ensino de aula na Educação Infantil seguindo as normas da LDB 9394/96.

De acordo com a autora ainda existem estilhaços dos cursos antigos de Licenciatura em Artes no momento atual, mesmo com toda preocupação de repensar na grade curricular na formação acadêmica. Ela afirma que

> Para que haja uma efetiva atualização na concepção dos currículos se faz necessário um maior compromisso dos educadores em arte envolvidos no processo... A questão é complexa e não se solucionará apenas com novos modelos e padrões, pois envolve posturas conceituais dos sujeitos envolvidos, postura definida por matizes ideológicos. (COUTINHO, 2002,155).

Segundo Franco (1998) três dimensões podem ser observadas para aprimorar questões teóricas do ensino num entendimento critico e criativo: O saber Arte; o saber fazer Arte e o saber ensinar Arte. No entanto duas outras dimensões podem ser acrescentadas e deveriam ser referência na formação do educador de Arte. A política como eixo central visando o desenvolvimento consciente crítica, com

capacidade reflexiva para atuar numa sociedade democratizada. Outra dimensão a ser acrescentada é iniciação científica, esta contempla formar educadores pesquisadores.

2.4. A ARTE NO AMBIENTE ESCOLAR

A Arte na escola é um fator desencadeante que concentra desenvolver cultura, conhecimento, criatividade, sensibilidade e liberdade de expressão. Através deste ensino é possível trazer para o aluno o analise, a observação e a reflexão do mundo em sua volta.

3. INCLUSÃO DA ARTE NO PROCESSO EDUCACIONAL

3.1. O ENSINO DE ARTE E O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL

Para a educação infantil segundo o Referencial Curricular Nacional (RCN), é composto de três volumes. Leite Filho (2001) relata que este documento apresenta sugestões essenciais aos professores que atuam na educação infantil, porém o documento a que se refere não possui caráter obrigatório, cabe à equipe pedagógica querer ou não incorporar as propostas por ele apresentadas.

Segundo o RCN (BRASIL, 1998) a educação infantil deve proporcionar as crianças acessibilidade cultural contribuinte para o seu desenvolver e sua interação social. De acordo com este documento a construção da identidade da criança é fundamentada no desenvolvimento emocional, afetivo e cognitivo e somente a educação embasada na interação social contribui para este processo.

Publicado em 1998, pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), o RCNEI (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil) tem como objetivo ser material de natureza instrumental e didático, sendo opcional a instituição incluir por integral ou agregar a outras propostas de ensino. Composto por três volumes (volume I – Introdução, volume II – Formação Pessoal e Social, volume III – Conhecimento de Mundo).

Observam-se na termologia utilizada pelos RCNEI termos como meio e suporte. Suporte é o material utilizado para desenvolvimento de um determinado trabalho (cartolina, isopor, etc.), e meio é o instrumento utilizado para tal finalidade (pincel, lápis, borracha, etc.), sendo estes termos específicos de conhecimento do profissional de Arte.

O educador que ministra Arte na educação infantil não possui formação na área especifica, sendo ele um professor polivalente, ou seja, com formação em pedagogia. Conforme o documento RCNEI o professor polivalente deve ter conhecimento de conteúdos diversos, que vão desde cuidados básicos essenciais até conteúdos específicos do conhecimento, contendo uma formação profissional bastante ampla. (BRASIL, 1998).

A formação do professor polivalente expressa o pensamento de redução na pseudoformação, sendo que é quase impossível ter conhecimento assimilado de diversas áreas educacionais. No entanto é aceitável afirmar que a formação do educador polivalente possui apenas informações extrínsecas e mastigadas das variadas áreas de ensino. No entanto ao ler o documento, o Referencial presume a existência de um docente com alta qualificação, capaz de compreender diferentes nomenclaturas, com capacitação para moldar determinadas praticas educacional e refletir sobre estas diariamente, ou seja, o documento apresenta um pouco distante da realidade uma vez que esta área educacional ainda necessita de atenção.

Segundo o RCNEI a conceituação de Arte se dá como "linguagem, portanto uma das formas de expressão e comunicação humana, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de modo geral, e na educação infantil, particularmente" (BRASIL, 1998, P. 85). Conceituar Arte como linguagem é entendido que nela há um elemento de comunicação, onde todas as dramatizações artísticas comunicam algo aos indivíduos espectadores.

Adorno (1986) o ensino de Arte não deve se limitar em como ensinar e sim em o que deve ser ensinado aos alunos, de modo a possibilitar o uso do pensamento.

Segundo o Referencial o ensino de Arte deve ser articulado e embasado nos seguintes dados:

> • **Fazer artístico:** produção de trabalhos de arte realizados pelas crianças, a fim de propiciar o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal;
>
> • **Apreciação:** observação das obras, articulando tanto os elementos da linguagem artística quanto os materiais e suportes utilizados pelos artistas. Visa a desenvolver, por meio de observação, reflexão e prazer, o reconhecimento, a análise e a identificação de obras de arte e de seus produtores;
>
> • **Reflexão:** considerada tanto no fazer artístico como na apreciação. É um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor, no contato com suas próprias produções e as dos artistas (BRASIL, 1998, V. III P. 91).

De acordo com esses aspectos a finalidade do ensino de Educação Artística na Educação Infantil é formar indivíduos conhecedores da linguagem da Arte e sensível ao mundo. Assim entende que as escolas de educação infantil tem a obrigação de garantir por meio de práticas educacionais oportunidades para que seus alunos sejam preparados e capacitados para ampliar seus conhecimentos.

O documento orienta os educadores da educação infantil para criar oportunidades onde as crianças possam descobrir e explorar com liberdade vários materiais como giz de cera, lápis, carvão, papel entre outras inúmeras variedades. Segundo os RCNEI imagens, histórias ou fatos do dia a dia aumentam as possibilidades das crianças enriquecerem seus trabalhos com temas vivenciados.

No que diz respeito à avaliação pedagógica o documento informa que deve ser formativa, desviando de julgamentos como certo ou errado, feio ou bonito. O professor deve avaliar com ênfase em fornecer elementos necessários para adequar a prática e melhor estrutura-la.

De acordo com o RCNEI, (BRASIL, 1998) o educador deve garantir à criança compreensão e conhecimento as diversas formas de produção artística. Deve possibilitar aos educandos o uso de diferentes materiais, respeitar as diferentes concepções de pensamento de cada criança e entusiasmar as crianças a trocarem experiências.

Inserir a Arte nas séries iniciais possibilita o contato e a apoderação do conhecimento referente à Arte por varias camadas da sociedade, o que favorece uma maior expansão deste conteúdo beneficiando a inserção em reflexões e discussões. Este ensino favorece o compreendimento de elementos ligados a obras, exigindo um esforço do individuo relacionado nesse processo pedagógico.

É importante lembrar que na educação infantil se aplica todas as diretrizes e princípios voltados para a educação num todo, pois ela constitui a primeira fase da educação básica. Assim segundo a LDB 9.394/96 art. 1° "A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a pratica social". Art. 2° "a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Tais fatos levam ao entendimento de que o conhecimento em Arte visa à introdução social no contexto produtivo

3.2. ARTE SEGUNDO OS PCN'S

Para Paulo Freire (1996) ensinar não consiste apenas em transmitir conhecimentos, mas sim criar possibilidades de produzir e construir. O autor defende que estas capacidades só podem ser adquiridas com o envolvimento de todos no processo prático da educação, buscando algo consciente e concreto de envolver a sociedade no entendimento de criação e numa prática educacional positiva para este desejado processo.

Os PCN's consideram fundamentais a polivalência das linguagens no currículo escolar. No documento PCN de Arte considera principio de formação para cidadania não apenas o teatro mais outras linguagens artríticas, a dança, a música e artes visuais. Argumentam que a polivalência de linguagens é essencial no currículo escolar. A instituição de ensino tem como responsabilidade decidir qual modalidade artística irá trabalhar qual momento mais adequado para desenvolver o estudo e o tempo de cada uma das atividades curriculares

Segundo o PCN de arte, o educador deve capacitar seus alunos de maneira que possam dominar com mais qualidade as linguagens artísticas, na realização de trabalhos individuais ou em grupos com autonomia. De acordo com o documento as crianças irão adquirir o saber artístico ao desenredar proposições e argumentos pessoais relacionados a teoria e a prática já adquirida e construída. Assim como também eles reconhecerão com mais percepção que existe apresentação do contexto histórico social e assinatura pessoal nos trabalhos artríticos

Para os PCN cabe ao educador o auxilio aos alunos para que possam identificar o posicionamento de comunidade no contexto de produção cultural, com posicionamentos, interpretações e comparações das variadas produções artríticas da região, e de outras regiões. Com essas informações as crianças passam a estabelecer conexões entre os trabalhos na escola e a cultura extraescolar.

O PCN aponta que as instituições de ensino que trabalham com crianças de 0 a 3 anos devem garantir oportunidades para que as mesmas sejam capazes de:

> • Ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística;
>
> • Utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação (BRASIL, 1998, v. 3, P. 95).

Para as crianças de 4 a 6 anos devem aprofundar e ampliar os conhecimentos obtidos anteriormente e gerar oportunidades para que possam:

> • Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura;
>
> • Produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação. (BRASIL, 1998, v. 3, P. 95)

A partir da didática do teatro a criança pode ter um desenvolvimento mais significativo. É na escola que a criança é estimulada a explorar e conhecer o mundo, se socializar com outras crianças e aprende a compartilhar e dividir

seus brinquedos e a atenção das pessoas com as quais convivem e também aprendem a conviver com a diversidade. Diante desses argumentos é importante que a escola tenha uma proposta de ensino que desenvolva a atividade teatral como instrumento de desenvolvimento da criança na sociedade e por esse meio despertar na criança um olhar de cidadão consciente e critico. Nesse sentido o teatro tem importante destaque na formação da identidade da criança enquanto aluno, e segundo Os PCN' de Artes:

> A criança, ao começar a frequentar a escola, possui a capacidade da teatralidade como um potencial e como uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta. Cabe à escola estar atenta ao desenvolvimento no jogo dramatizado oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. Deve tornar consciente as suas possibilidades, sem a perda da espontaneidade lúdica e criativa que é característica da criança ao ingressar na escola (PCN: Arte, P. 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a importância da Arte Cênica no desenvolvimento educacional. No decorrer da pesquisa evidenciou claramente a importância não somente no aspecto progressista das varias formas de expressão, mas também no desenvolvimento criativo, oral e motor e como principal aspecto a socialização.

O trabalho possibilitou conhecimento avaliativo e técnicas metodológicas de ensino que auxiliam e podem ser inseridas e utilizadas no processo de implantação de Artes Cênicas na grade de ensino.

O Referencial atual, elaborado segundo uma visão pragmática, com o intuito de atender os interesses de uma época capitalista, aforam a natureza útil e racional das disciplinas, um útil que por ventura não ultrapassa a acepção pratica do termo, no entanto se ampliarmos essa definição para além do conveniente pode verificar o quanto a Arte pode ser útil para melhorar os resultados educacionais.

Considerando a divisão de trabalho como fator decisivo, onde os indivíduos cada vez mais estão especializados, a Arte é uma maneira de alforriar a totalidade do homem, totalidade esta que abrange as várias extensões humanas: cognitiva, social e afetiva, numa conexão de integridade racional e emocional, afetivo e cognitivo, subjetivo e objetivo, fragmentando as funções do pensar, do olhar e do falar, assim as pessoas são incapazes de dar o seu melhor, sendo fragmentos impossibilitados de construir a sua totalidade.

A educação atual é preciso ser repensada sob uma nova perspectiva, é preciso ser vista e considerada em sua estética como lúdico, contrariando os princípios da sociedade capitalista e social. No entanto pouco se vê dessa experiência lúdica e estética, é algo que não está presente no cotidiano do profissional e do aluno devido a exigências do enérgico.

A educação em Arte não deve levar em consideração somente como um meio para outras áreas educacionais. O conhecimento em Arte deve ser considerado como finalidade para si somente, como uma interação carregada de peculiaridade com objetivos próprios fundamentados em uma estética que vai além dos muros da escola. Arte é um trabalho de criação, um pensar de emoções específicas produzidas pelo homem. Este conteúdo deve ser visto como atividade estética, de ensino criador com integração entre aprendizagem racional e estética que vão além do ensinamento de Educação Artística.

Por meio desta reflexão e considerando a Arte como via de acesso ao conhecimento pensante e criador possível de causar experiências singulares, no individuo frente à sociedade, este trabalho dentre todas as formas de Arte apresentou os efeitos causados pela Arte Cênica no ambiente educacional. No entanto dentre as várias modalidade de artes cênicas destaca-se o teatro de fantoches devido à riqueza de conteúdo, beleza e história dos mesmos.

A origem histórica dos fantoches destaca seu valor em diferentes áreas e culturas, no entanto todos com as mesmas semelhanças. Reconhecer que o trabalho com fantoches em Artes Cênicas pode ser um instrumento de aprendizado de forma lúdica e que ao inserir nas aulas teatrais instiga a criatividade, a imaginação, os movimentos motores, causa melhora na oralidade e ainda auxilia o trabalho do educador com seu educando pode considerar que a educação artística traz equilíbrio psicológico e físico.

Arte é a mais importante concentração de conhecimento no processo de ensino, é o equilíbrio entre o homem e o mundo até mesmo nos momentos mais críticos. A Arte engloba um vasto tipo de conhecimento e visa à criação de significações exercitando a constante oportunidade de transformação do indivíduo. As atividades em Artes Cênicas entrelaçam com as habilidades sensório-motores fundamentais para desenvolver os movimentos, o raciocínio, as ações, a oralidade e integração com a sociedade sensório-motor da criança.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **O fetichismo na música e a regressão da audição**: In. Os pensadores. São Paulo. Nova Cultura, 1986.

AMARAL, Ana Maria. **O ator e seus duplos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de Formas Animadas: Máscaras, Bonecos, Objetos**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

ANDREA, Isabel. **História de Fantoches**. (2007). Disponível em: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1626672-história-dos-fantoches/> Acesso em: 14 julho 2016.

ARAÚJO, Paulo. **Personagens na palma da mão**. (2009). Disponível em: <http://novaescola.org.br/arte/pratica-pedagogica/personagens-palma-mao-429709.shtml> Acesso em: 14 julho 2016.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte educação Contemporânea**. São Paulo. Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte educação no Brasil**: 5°. Ed. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**, Belo Horizonte/arte, 1998.

BLOIS, Marlene Montezi; DE BARROS, Maria Alice Santos Ferreira. **Teatro de Fantoches na Escola Dinâmica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1967.

BORBA FILHO, Hermilio. **Fisionomia e espírito do mamulengo: (o teatro popular do Nordeste).** São Paulo: Comp. Ed. Nacional: Ed. Univ. S. Paulo, 1966.

BRASIL, CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer n° 022/98 de dezessete de dezembro de 1998.

COUTINHO, I. **Transformações no ensino da arte: algumas questões para reflexão conjunta**, in: Barbosa, A.M.T. (org.), Inquietações e mudanças no ensino da arte, São Paulo: Cortez, 2002.

CROSS, Jack. **O ensino de arte nas escolas**, São Paulo: Cultrix, 1983.

CRUZ, Aline Jezica da Paixão, **A música e a infância: uma reflexão sobre as contribuições da música na educação infantil**; 2009; disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-Aline-Jezica- da-Paixao-Cruz.pdf> Acesso em: 08 julho de 2016.

CUNHA, Ademilson Henrique da Cunha. **Teatro na escola: proposta para a educação moderna**. Disponível em: http://www.fapa.com.br/monographia. Acesso em: 11 de junho de 2016

DUARTE JR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 7ªed. Campinas: Papirus, 2002.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Metodologia de ensino de arte**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, Idalina Ladeira. **Fantoche & Cia**. 2ªed. São Paulo: Scipione, 2002.

LEITE FILHO, Aristeo. **Proposições para uma educação infantil cidadã**. In: GARCIA, Regina Leite; FILHO, Aristeo Leite (orgs). Em defesa da educação Infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss01_09.pdf> Acesso em: 12 julho 2016.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.

PORCHER, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade?** Tradução: Yan Michalski – São Paulo: Summus, 1982.

REGIANI, Rosana Silvia Borba; **Arte Cênica na Educação Infantil**; Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos-academicos/19013-arte-cenica-na-educacao-infantil> Acesso em: 11 de julho de 2018.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**, III parte. Tradução: Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia M. e O. C. 5ªed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SILVEIRA, Tejada da Silveira. **Teatro na escola: Possibilidades de uma "prática educativa- crítica".** Acesso em: 20 de maio 2009.

SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil**. Tradução: Tatiana Belinky – São Paulo: Summus, 1978.

SOUZA, Juliana Barbachã; **A criação e manipulação de bonecos no processo de aprendizagem teatral da criança**. (2014). Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/geppac/files/2014/02/TCC_JULIANA-BARBACH%C3%83-SOUZA.pdf> Acesso em: 12 julho 2018.

Políticas Públicas Para Desigualdade de Gêneros, Diversidade e Diferença na Educação

Valeria Izidoro

RESUMO

A desigualdade de gênero é um assunto bastante abrangente e pouco debatido no cotidiano escolar devido a implementação de políticas públicas que possam diminuir esse espaço na educação. A necessidade de formação dos professores para entender e trabalhar com esse tema em sala de aula, também é urgente. Embora, já exista documentos oficiais

como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ainda assim, há uma defasagem de materiais voltados para desigualdade de gênero na educação. Este artigo tem como objetivo descrever algumas especificidades das políticas públicas referentes a desigualdade de gêneros nas escolas, bem como demonstrar a importância que este tema tem dentro e além dos muros da escola. Sendo assim, espera-se que este estudo possa auxiliar na implementação de materiais voltados para o desenvolvimento de políticas públicas para questões que ainda são vistas com descaso na sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: Desigualdade. Diversidade. Gênero. Educação.

INTRODUÇÃO

No sistema de ensino, o desenvolvimento de políticas públicas, ainda não foi apreendido, pois este, repete a desigualdade de gênero de várias formas.

As relações de gênero na escola não têm a devida atenção por parte dos educadores que muitas vezes a considera como algo sem valor. Essa dificuldade em enxergar à proporção que a desigualdade de gêneros acontece no ambiente escolar, deve-se em parte a uma falha nos cursos de formação de professores, nos quais não são abordados estes temas.

Esse artigo tem como objetivo descrever algumas especificidades das políticas públicas referentes a desigualdade de gêneros nas escolas, bem como demonstrar a importância que este tema tem dentro e além de seus muros.

Neste estudo serão abordados os seguintes tópicos: Relato histórico da construção de leis e Políticas públicas de desigualdade de gêneros e a Escola como mediadora da desigualdade e as políticas públicas, ambos os temas relevantes para estudo e reflexões sobre o assunto em questão.

Dessa forma, espera-se que esse breve estudo possa trazer informações importantes aos educadores presentes em sala de aula e as pessoas que convivem diariamente com crianças e jovens que sofrem com a desigualdade de gênero nas escolas

RELATO HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DE LEIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE DESIGUALDADE DE GÊNEROS

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em sua introdução, reconhece que o descaso e o desprezo pelos direitos humanos resultaram em ações bárbaras que insultaram a consciência da humanidade. Em seu artigo 2º, declara:

> Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

Conforme Limongi (1977), essa declaração foi acolhida visando garantir o respeito aos direitos humanos, bem como, lidar com os fatos de transgressão. Nota-se, no documento, a função da educação e da escola nesse processo.

No Brasil, conforme Dallari (2007), os anos 1960-1970 foram sinalizados, especificamente, pela condição de resistência do povo defronte das deliberações e da falta de obediência às instituições democráticas. Salientamos que a educação não se separa do respeito, da tutela e da preservação dos seres humanos. Educação reta se realiza relacionando a cultura de direitos com a prática democrática. Naquela mesma época, os debates em torno aos direitos - sexuais e reprodutivos se realizavam na esfera da saúde reprodutiva, e, em nível internacional, promovendo-se as políticas de delineamento familiar.

Envolvida por tais manifestações, surge, no contexto das políticas públicas em educação no Brasil, a inclusão da educação sexual norteada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na maneira de assunto diagonal.

Os PCNs têm por propósito definir uma orientação curricular nacional, para produzir um parâmetro nacional de tópicos desde a educação infantil até o ensino médio. No Brasil, essa é a primeira vez que o assunto orientação sexual é oficialmente incluído no currículo escolar nacional. Segundo esse documento, os tópicos oblíquos estruturam e pesquisam problemas primordiais e urgentes da vida social, tais como ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Contudo, a atividade docente demonstra as complexidades recentes da efetivação dessa transversalidade, que é compreendida em muitas situações pelos educadores como algo que precisa acontecer se existir algum fato como uma gravidez precoce.

Somente em meados dos anos 1980, começou uma procura por trabalhos na área da sexualidade nas instituições escolares, como um assunto e fator constitutivo do método educativo e como uma responsabilidade dos órgãos públicos. Através das Secretárias de Educação dos âmbitos municipais e estaduais também se empregaram em sugerir programas de orientação sexual.

É importante também evidenciar que, relativo a essas questões, no anos 1970 e 1980, muitas dessas ações em que se explanavam as matérias relacionadas à sexualida-

A Contação de Histórias e suas Contribuições para o Desenvolvimento da Criança

Lilian Luzia Silva

RESUMO

Esse artigo vem buscar reflexões a respeito da literatura infantil e a contação de histórias. A literatura é o faz de conta, é o despertar na criança a criatividade e a fantasia, é também uma arte que une o prazer de ler e a formação de uma criança mais reflexiva e critica. A leitura no universo infantil permite que a criança expanda sua visão enquanto ser humano, e expresse seus sentimentos, fantasiando e ao mesmo tempo, interpretando o mundo. É através da leitura que fazemos a internalização das informações e por meio desta adquirimos a habilidade de ver as coisas com novos significados, novas perspectivas, além do que a leitura é uma forma de nos apropriarmos da realidade na qual estamos inseridos. Fazer uma conscientização dessa importância, principalmente na base da formação dos futuros leitores, enfatizando que independentemente do tipo de leitura, seja ela informativa ou não, apresenta uma relação com o real, despertando também o imaginário, a criatividade, realçando ainda que a mesma é mediadora entre cada ser humano, facilitando a comunicação entre todos.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Literatura; Realidade

ABSTRACT

This article seeks to reflect on children's literature and storytelling. Literature is make- believe, it is the awakening of creativity and fantasy in children, it is also an art that unites the pleasure of reading and the formation of a more reflective and critical child. Reading in the children's universe allows the child to expand his vision as a human being, and to express his feelings, fantasizing and, at the same time, interpreting the world. It is through reading that we internalize information and through it we acquire the ability to see things with new meanings, new perspectives, in addition to reading that is a way of appropriating the reality in which we are inserted. To raise awareness of this importance, mainly on the basis of the training of future readers, emphasizing that regardless of the type of reading, whether informative or not, it presents a relationship with the real, also awakening the imaginary, creativity, emphasizing that it is mediator between each human being, facilitating communication between all.

KEYWORDS: Communication; Literature; Reality

INTRODUÇÃO

Os primeiros contatos com a literatura despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler, facilitando o processo de oralidade. A possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra será maior quanto mais frequente for o contato da criança com o livro.

Por meio da linguagem simbólica, a literatura infantil pode influenciar na formação da criança, que passa conhecer o mundo em que vive de maneira a compreender o bem e o mal, o certo e errado, o belo e o feio, amor e raiva, a dor e o alivio, enfim aprende os valores essenciais de maneira lúdica. Por isso, aos poucos, a criança compreende o mundo adulto do qual faz parte.

Portanto o professor e a escola devem favorecer a leitura, trabalhando-a para o desenvolvimento do senso crítico o raciocínio, enfatizando que a mesmo propicia momentos prazerosos e possibilita novas descobertas e assim mais conhecimentos, além de enriquecer o vocabulário e consequentemente a dicção, evidenciando ainda que a leitura proporcione resultado benéficos para sua vida social.

A EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Piaget, houve um tempo em que não existiam criança apenas adultas em miniatura. Foi só no século XX que surgiu a ideia de infância: a sociedade começou a perceber que aqueles pequeninos seres tinham um jeito de pensar, ver e sentir característicos. Com a descoberta da infância nasceu também, a preocupação com a educação infantil.

Antigamente a criança não podia exercer a função de ser criança, pois para os adultos a criança era um adulto pequeno, se vestia como eles, começavam a trabalhar muito cedo, não tinham o seu momento lúdico onde pudessem desenvolver suas próprias descobertas. Surgiu então a ideia da criação de escolas voltadas para educação infantil, isso ocorreu no século XVIII com a revolução industrial.

Na Europa essas primeiras instituições tinham o propósito de cuidar dos filhos das operarias, e no Brasil não foi diferente. Com inserção da mulher no mercado de trabalho fez surgir os primeiros estabelecimentos de educação infantil no país, no final do século XIX eles eram filantrópicos até a década de 1920, quando se iniciou um movimento pela democratização de ensino.

Aos poucos, o poder público começou a assumir a responsabilidade por essa escola que se consolidou com a constituição de 1988: art. 208 – o dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento em creche e pré- escola as crianças de zero a seis anos de idade;

E assim, os pequenos passaram a ser reconhecido como cidadão e ganharam o direito de ser atendidos em suas necessidades especificas para se desenvolverem. Quando os três primeiros parques infantis forma inaugurados em 1935, em função da riqueza resultante da economia cafeeira produzida até 1922, São Paulo vivia a euforia de ser o polo industrial dos pais e passava por um momento de grande efervescência cultural, contava com um público de elite intelectual e assistia à criação de importantes instituições culturais.

Com os três primeiros parques infantis, a cidade inicia uma política educacional voltada para a criança com idade entre três e doze anos cujas ações e propostas educacionais visavam o atendimento as crianças e ao adolescente, filhos das operarias. Essas categorias em geral, eram constituídas por imigrantes que na perspectiva no departamento de cultura, deveriam ser adaptadas à nova ordem social. Um dos conceitos para ações e proposta pedagógicas dos parques infantis era resgatar uma cultura nacional legitima o que se daria sobre tudo, por meio de atividades culturais voltadas para pesquisa folclórica de caráter regionalista. Do ponto de vista intelectual paulistana a cultura brasileira deveria ser o elo de toda nação. Daí a preocupação de se educar e cuidar do aluno parque ano por meio de atividades recreativas e assistenciais, que envolva educação física, jogos, música, cantos, trabalhos manuais biblioteca, festinhas além da assistência medica e alimentar.

Em 1975, ocorre a estruturação da carreira do magistério municipal (lei nº 8209) e organização administrativa da secretaria municipal de educação. E nesse momento que os parques, recreios e recantos infantis, dão lugar as escolas de educação infantil. As novas concepções sobre educar e cuidar, o processo de redemocratização e as lutas populares pelo acesso à escola pública retomam forças durante a década 1980 constituem novo marcos que contribuíram para tornar a educação infantil umas importantes vias de acesso das crianças pequenas ao direito de proteção integral e ao acesso aos bens culturais e as aprendizagens necessárias ao seu pleno desenvolvimento.

A escola de educação infantil é vista como um ambiente que tem a função de cuidar e educar, levando para as crianças atividades relacionadas ao desenvolvimento físico e cognitivo, ou seja, é fundamental o professor construir estratégias que favoreçam o processo de aprendizagem da criança. Para estimular a criança e promover o seu desenvolvimento, é preciso propor novos temas, oferecer brinquedos, cenários e materiais variados. É necessário ainda interagir, enriquecendo o universo cultural da criança, como ensina o autor russo LEV VYGOTSKY (1896 – 1934): o russo defendeu uma teoria sociocultural do desenvolvimento: para ele, é nas relações pessoais que o ser humano se constrói.

É por meio do brincar que a criança aprende e desenvolve o imaginário e o faz de conta, pois ela experimentara várias sensações durante a contação de história e ampliará cada vez mais o seu vocabulário, desenvolvendo o gosto pela leitura.

É nessa fase que o educador deve ampliar o conhecimento da criança, partindo de estratégias que propiciem a interação da criança sobre o universo da leitura. A experiência de manusear livros desde os primeiros meses de vida colabora com o aprendizado da leitura, escutar historias com regularidade também favorece a formação de melhores leitores e apreciadores do universo literário. O interesse de uma criança pequena por uma história lida p ode ser percebido por reações da alegria ou tentativas de encerrar a história. Na medida em que ela se desenvolve tanto cognitivamente como emocionalmente, ela própria vai construindo seu conhecimento, tornando-se assim uma criança mais autônoma para atuar perante a uma sociedade crítica que valoriza a formação do indivíduo como ser um leitor intelectual e qualificado para as exigências do meio social contemporâneo.

Segundo ABRAMOVICH é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes com a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais...

Por meio da leitura a criança descobre um mundo onde os animais são falantes, lobos ferozes, princesas belíssimas e um mundo mágico cheio de surpresas. Ao se contar história para criança é preciso que o professor conte de maneira prazerosa, fazendo com que a criança viva cada personagem, cada momento ampliando sua percepção sobre si mesmo organizando o pensamento e trabalhando com o afeto e sentimento.

É importante que o professor incentive o aluno a desenvolve o habito pela leitura. Ler causa prazer emoção e satisfação, quanto mais à criança desenvolve o gosto pela leitura mais chance terá de seu um bom leitor.

O educador junto da família deve exercer um trabalho em conjunto que multiplique mais o interesse da criança pela leitura. Durante o contato com a leitura a criança deve entrar na história como se fosse o protagonista principal, trabalhar o imaginário requer diversos trabalhos diferenciados no processo do ensino da leitura. Motivar a criança a ler é muito importante desde sua infância é preciso que ela tenha um contato mais próximo com o livro de diferentes contextos, formar um leitor não é uma tarefa fácil precisa ser trabalhada cotidianamente, para exercitar as práticas da leitura com qualidade e compromisso.

A IMPORTANCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

As leituras de histórias infantis ajudam no desenvolvimento do pensamento cultural e na personalidade das crianças. A literatura infantil é um processo desafiador e motivador, que transforma uma pessoa completamente, ajudando-a a ser mais responsável e critica. É aí que entra a função da escola, que é de desenvolver na criança o hábito pela leitura. O gosto pela leitura é através de dois fatores: a curiosidade e o exemplo (este que deve ser dado tanto pelos professore quanto pelos pais).

A contação de histórias provoca na criança prazer, amor à beleza, imaginação, poder de observação, amplia as experiências, gosto p elo artístico, a estabelecer ligação entre fantasia e realidade.

As histórias enriquecem a experiência, a capacidade de dar sequência lógica aos fatos, sentido da ordem, esclarecimento do pensamento, a atenção, gosto literário, ampliação do vocabulário, o estimulo e interesse pela leitura, a linguagem oral e escrita, etc.

Por este contexto, é que cada vez mais as escolas e os pais devem adotar a literatura infantil para a educação das crianças, pois somente assim formarão adultos competentes e responsáveis na formação de um mundo.

> É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica"... é ficar sabendo historias geográficas, filosóficas, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achara que tem cara de aula. (Abramovich 1995, p.77)

De acordo com autora, contar histórias não é somente uma maneira de fazer com que as crianças acalmem. Contar histórias é preparar as crianças para vida e para o mundo, com uma simples história a criança pode aprender de maneira divertida, valores no seu processo de ensino-aprendizagem.

Sem contar que a criança que ouve historias desde pequenas, no caso a partir do momento em que nasce, tem maior facilidade de resolver situações problema e de lidar com as mesmas.

As histórias são meios maravilhosos de ampliar o horizonte das crianças e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca um dos principais elementos a ser resgatado é o poder da imaginação. Segundo Abramovich "ouvir história pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatral, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo a mesma história ou outra, afinal tudo pode nascer dum texto".

A criança, portanto, ao ouvir um conto sente-se cativada pelos gestos, pelo som da voz de quem narra e pelo enredo que lhe é apresentado, e com a leitura das

histórias as crianças aprende e descobre lugares diferentes, é divertido porque aprende brincando o que se torna mais prazeroso e divertido.

Abramovich (1995, p.24) diz que:

> Ouvir história é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento, de encantamento, maravilhamento, sedução e o livro de criança que ainda não lê á a história contada a ela (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção desbragada suspense a ser resolvido torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitada, caminhos novos apontados, sorrisos, gargalhadas, belezura desfrutadas e o mil maravilhas mais, que uma boa história provocada (desde que seja boa)".

Contar história para criança é despertar nela sensação que vai de um extremo ao outro, fazendo com que a criança aprenda a sentir emoções e lidar com as diferentes situações encontradas no seu cotidiano e principalmente a respeitar o próximo.

Tudo o que acontece ao nosso redor desde a primeira infância, fica registrado em nosso inconsciente. Isto significa que tudo aquilo que vemos, ouvimos, sentimos influi o nosso desenvolvimento, feliz é a criança que experimenta desde os primeiros dias de vida a presença de um livro ao seu redor.

Na concepção de Abramovich (1995), o significado de escutar história é tão amplo... é ouvindo histórias que se podem sentir também emoções importantes com: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais.

> Através de personagens tem que vencer obstáculos, sair do âmbito familiar e conseguir sucesso no mundo externo preparamos o pequeno ouvinte para vivenciar com segurança suas próprias derrotas e perdas. (Tatiana – alfabetização. Blog spot/2008/02/ importância de contar história. HTML).

Contar história na educação infantil ajuda a criança a compreender e interpretar a si próprio e a realidade. Um dos principais objetivos de se contar história é o da recreação, mas a sua importância vai muito além, por meio delas podemos enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo diversas formas de linguagem, ampliando o vocabulário, formando o caráter, desenvolvendo a confiança na força do bem, proporcionando a ela vive o imaginário. À medida que a criança se desenvolve ocorre maior atuação dela na realidade.

> "O referencial nacional para educação infantil (1998), enfatiza a importância de diversas situações de leitura para o domínio da linguagem, assim tornando o momento da história de acordo com os procedimentos pedagógicos uma forma de percepção da função social que a leitura, o livro, e as autorias têm na facilitação da compreensão do meio oral e escrito".

Isso não quer dizer que a criança na educação infantil terá que aprender a ler. Apesar de que a criança da educação infantil consegue facilmente interpretar as imagens dos livros e criar histórias fantásticas através de sua imaginação e criatividade.

Enfim, a história é uma narrativa que se baseia num tipo de discurso calcado no imaginário de uma cultura. As fábulas, os contos, as lendas são organizadas de acordo com o repertório de mitos que a sociedade produz. Quando estas narrativas são lidas ou contadas por um adulto para criança, abre-se uma oportunidade para que estes mitos, tão importantes para a construção de sua identidade social e cultural, possam ser apresentados a ela.

Quando a criança ouve a leitura de uma história ela intrometa funções sintáticas a língua, além de aumentar seu vocabulário e seu campo semântico. Porém, aquele que lê a história deve dominar a arte de contá-la, estar preparado suficientemente para fazê-lo com apoio no texto, sabendo utilizar o livro como acessório integrado a técnica da voz e do gesto.

> Para contar história seja qual for, é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes. Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Abramovich (1995, p. 15).

A história escolhida não tem que ser apenas, mais uma a ser lida, tem que ser interpretada com gestos, mudanças na entonação da voz, o narrador tem que envolver a criança e levar a mesma para dentro da história.

Além disso, quem lê para criança não lhe transmite apenas o conteúdo da história; promovendo seu encontro com a leitura, possibilita-lhe adquirir um modelo de leitor e desenvolve nela o prazer de ler e o sentido de valor pelo livro.

> Louis Paswels, citado no livro Gostosuras e bobices de Fanny Abrmovich (1995, p.18), diz que "quando uma criança escuta a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história, mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde".

Enfim, contar histórias na educação infantil não é e nunca será perca de tempo, temos sim que encantar nossas crianças cada vez mais com histórias que lhes penetre o coração e faça com que a cada uma contribua para a formação de um cidadão crítico. "E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento e encanto"... Abramovich (1995, p.16).

O fazer imaginar estimula a criança a criar situações de aprendizagem, a partir do momento que a criança escuta uma história imagina ser parte dessa história e as situações vividas pelos personagens levam as crianças a imaginar a solução para cada uma delas, desenvolvendo assim a sua capacidade de resolver situações problemas, mesmo que de maneiras fictícias. "Não deveríamos esquecer nunca que o destino da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação". Abramovich (1995, p.18).

Ao contar histórias estamos inserindo em nossas crianças uma sementinha que irá florescer ou não, isso só depende se como essa criança será estimulada no decorrer de sua sida escolar e familiar, digo familiar porque família e escola devem caminhar juntas nesse processo de descoberta da criança.

> "Ah, como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo". Abramovich (1995, p.14)

Hoje a criança tem o privilégio de ter livros criados especialmente para elas, trata-se da construção que teve ao longo dos anos sobre a concepção de criança. A criança não é mais vista como um adulto em miniatura com isso conquistou o seu espaço e o direito de ser criança. "A variedade de livros criados para crianças é diversa, temos que ter o olhar atento para escolher aquele que realmente desperte

sentimentos nos nossos pequenos ouvintes". Não é de hoje que editoras, inglesas, japonesas, americanas, alemãs e outras colocam nas estantes das livrarias de todo mundo belíssimas publicações totalmente sem texto.

O livro par contar histórias deve ser bem escolhido pelo narrador, principalmente se essas histórias forem contadas para os pequenos, o livro deve ser bem colorido com figuras grandes de fácil visualização, com pouco texto escrito. Onde a narrativa seja apenas visual, com isso, a criança irá usar e abusar da imaginação. Isso não significa que a criança não necessita ter o contato com a linguagem escrita, no entanto, com livros como o citado desperta a atenção da criança.

A partir da ilustração do livro a criança inventa sua própria história, lendo a imagem da maneira que imagina a cena. “Com isso escutamos histórias engraçadíssimas criadas pelas crianças em seu momento de imaginação, desenvolvendo sua criatividade, oralidade e descobertas de um mundo lúdico e letrado”. É tão bom saborear e detectar tanta coisa que cerca usando esse instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão. “Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais”. Abramovich (1995, p. 23).

A criança precisa ouvir histórias que façam com que elas enxerguem além, que leve a pensar, a questionar, a analisar, a tomar decisões e buscar soluções, tudo isso certamente será despertado com a escolha de um bom livro de uma boa história.

Narrar histórias não é simplesmente, chegar e ler para acriança tem que encantar às mesmas e arrancar sorrisos inesperados, ver os olhos atentos e se emocionar com cada momento com cada sensação que podemos despertar em cada uma. “Meu primeiro contato com o mundo mágico das histórias aconteceu quando eu era bem pequenina, ouvindo minha mãe contar algo bonito todas as noites, antes de eu adormecer, como se fosse um ritual...”. Abramovich (1995, p. 9).

Quanto mais cedo à criança conhecer o universo de encantamentos dos contos de fadas e das histórias, maiores serão as possibilidades de tornar-se um futuro leitor.

O PROFESSOR E A HORA DA HISTÓRIA

Mais do que ler e contar história é preciso que o educador leve a criança a interessar-se pelo mundo da ficção e a riqueza da linguagem literária, estimulando o seu imaginário levando-as ao conhecimento que é de extrema importância para a inserção no mundo letrado.

> A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com emoções e com questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade das crianças. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL P.143).

É fundamental que o educador leve histórias com bases em vivências que aborde o cotidiano das crianças. Se desde cedo começarmos a desenvolver a prática de ler e contar histórias trará diversos benefícios para a criança, pois desta forma possibilita a construção de expressão verbal interação e autonomia. Cabe ao educador preparar um local onde todos possam visualizar as ilustrações do livro ou contar uma história de improviso se tiver habilidade, ou se preparar antes, assim poderá atrair ainda mais a atenção das crianças.

> Ter acesso a boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias, exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo a escuta atento, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL, P. 143).

A leitura e a contação de história proporciona o contato com os livros trazendo um valor cultural por ser transmitida de geração em geração. Inventar ler contar histórias e dramatizar envolve várias formas de interação, levando a criança a compreender melhor a realidade.

No processo educativo cabe ao educador influenciar estimulando o interesse a compreensão deste momento mágico, pois ler ou conter histórias tem que ser divertido, espontâneo e prazeroso. A prática de leitura desenvolve a oralidade e é essencial para a descoberta do autoconhecimento e formação de leitores críticos.

É imprescindível que o professor de educação infantil trabalhe com uma linguagem de fácil compreensão, para que os pequenos tenham um melhor desenvolvimento no ensino aprendizagem. A leitura é uma das linguagens de comunicação mais importantes para o meio cultural de todo indivíduo e sem contar que a leitura é dos momentos que provoca emoções e sentimentos despertando na criança algo prazeroso, especial como o amor, o ódio, a alegria a tristeza e a admiração. Por isso é muito importante que o professor saiba administrar este momento, a contação de histórias é um momento único de fantasia, de faz de conta, da curiosidade natural da criança é o despertar nela o gosto, a busca por algo novo prazeroso, que envolva por inteiro que entre na narrativa como verdadeiros personagens assíduos e que a história cative, cause encantamento e que ao termino da história a criança se sinta maravilhada, encantada e que queira mais e mais.

> Ouvir e contar histórias são atividades essenciais as crianças de 0 a 3 anos de idade, pois nesse momento elas estão em um processo de desenvolvimento da linguagem oral que segundo PIAGET inicia-se entre 11 e12 meses, graças as interações e mediações do adulto a criança vai ampliando sua fala e construindo estruturas cognitivas cada vez mais elaboradas.

Ao ouvir histórias a criança desenvolve sua imaginação, concentração e atenção, as histórias devem ser contadas de maneira significativa, que tenha sequência, que envolvam todas as crianças, que o professor as deixe bem à vontade para que participem da história que criem possibilidades de ser o protagonista, o contador de histórias deve se preparar e concentrar-se na história que irão contar para os pequenos. A escola é um dos vínculos mais importantes para que o desenvolvimento da criança seja completo, e é através da contação de histórias que a criança interage com o meio, preparando-se para tornarem futuros leitores críticos e reflexivos capazes de construir uma nova visão de mundo.

A prática de contação de histórias deve fazer parte do cotidiano da escola, o professor deve se sensibilizar, ao contar a história para suas crianças, pois sem emoção não terá sucesso, ele deve narrar com naturalidade, usando um vocabulário adequado ao público ouvinte e conhecendo com absoluta segurança o que vai contar.

> Segundo Fanny Abramovich “ou se brinca com a melodia dos versos com acerto das rimas, com o jogo das palavras”... Contar histórias é uma arte... Tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não nem remotamente declamação ou teatro... ela é o uso simples e harmônico da voz.

O interesse do aluno pela história poderá levar o educador a atingir outros objetivos como: ensinar o aluno a lidar com problemas e dificuldades encontradas no meio social, ensinando o certo e o errado dando noção de que caminho ele deve seguir.

De acordo com ABRAMOVICH é ouvindo história que se pode sentir (também) emoções importantes, com a tristeza, a raiva, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

É ouvindo e contando histórias que o professor pode provocar no aluno momento de prazer, de divertimento, de imaginação... A criança deve ser estimulada constantemente a ler, a conhecer novos caminhos para que amplie seu conhecimento diante do ensino aprendizagem.

Nos dias de hoje é primordial que o professor tenha uma voa preparação para que possa se sentir capaz de transformar o ambiente escolar levando para o corpo docente ideias que aprimorem a maneira de contar histórias, levando atividades que diferenciem o momento da leitura, que este momento não seja simplesmente um momento passageiro feito de qualquer jeito mais que sim seja planejado e preparado pensando no ato de desenvolver o interesse e o habito da criança pela leitura.

Quando maior o acesso ao indivíduo tiver com a leitura, mas preparado estará para seu um futuro leitor, capaz de dominar e interpretar história desde faz de conta até textos informativos. O professor deve aproveitar esta fase da criança, pois este é o momento em que ela está mais aberta a adquirir novas informações, as histórias contadas por pais e professores ajudam a criança a ter novas experiências estimulando a construir seu pensamento cultural e sua própria identidade.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ler e contar história desde a primeira infância constitui uma prática importante para que a criança adquira o gosto e hábito de ler. Desde cedo o professor deve estabelecer uma relação que transmite segurança tornando-se parceira da criança na busca do conhecimento de um mundo repleto de descobertas e interações.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-la por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifra todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (RCNEI vol. 3, p.141). A prática de contação de história é motivam-te e enriquecedora desde a educação infantil, possibilitando de forma lúdica a compreensão e produção de textos com planejamentos diários, a interação com a história contada é sempre positiva, a criança observa algo novo após a repetição da mesma história. São muito importantes as histórias contadas, ouvidas, representadas, e faz de conta, são fundamentais para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança.

A contação de história, o faz de conta e o teatro como atividades lúdicas muito faladas nas propostas pedagógicas devem fazer parte da rotina nas escolas de educação infantil. E deve propiciar à criança um contato rico com materiais escrito, livros, revistas, jornais etc., lembrar que esta atividade deve fazer parte da construção de expressão verbal, autonomia e interação, desenvolvendo emoções e sentimentos, sendo assim o ritmo e interesse da criança devem ser respeitados, e o momento da contação de história o ambiente deve ser harmonioso e aconchegante.

> A interação de fazer com as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige do professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (RCNEI, vol.3 p.143).

A aprendizagem da criança pequena se faz por meio da troca a ouvir, ver e escutar histórias, pois é indispensável na educação infantil a leitura e contação de boas histórias. O prazer de se adquire gosto pela leitura quanto mais cedo mais encanto será essa aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi elaborado para resgatar nos profissionais da educação o prazer e a dedicação de se contar histórias para os pequeninos na educação infantil, estimulando os mesmos a terem contato mais próximo com a literatura infantil.

Ao realizar esta pesquisa percebemos que a leitura é um processo muito importante para o desenvolvimento intelectual de qualquer indivíduo, a leitura causa prazer, curiosidade, sensações, medos, angustias, tristezas e alegrias.

Através da leitura a criança desenvolve seu imaginário, o faz de conta, a fantasia enriquecendo cada vez mais seu cognitivo de novos conhecimentos, aprendizagens. A partir do momento que a criança exercita sua mente, seu psicológico ela desenvolve o gosto pela leitura se preparando para ser um leitor critico apto a ingressar a uma sociedade cheias de regras e padronização. O ato de se praticar a leitura no cotidiano é um dos pontos mais positivos e importantes para todo cidadão é um momento de construção de novas ideias, ações e conhecimentos.

A leitura é primordial para a construção integral do aluno em sociedade e o professor deve escolher materiais que seja significativo para o aluno, desenvolvendo o interesse dele por diversas leituras em seu cotidiano. É importante que o professor crie um ambiente prazeroso deixando a criança a escolher a leitura que tenha vontade de ouvir despertando o habito de a criança ler por prazer e não por obrigação.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE, **75 anos da educação infantil**. Conviver e aprender na cidade de São Paulo. 2010

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil, Bobices e gostosuras**. São Paulo. 1995.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**.vol.1: Editora Parma LTDA .1988.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**, Rio de Janeiro: editora Zahar, 1982.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**, São Paulo: editora Martins Fontes, 1991.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Normas para publicação de trabalhos

A comissão Editorial da Revista ITEQ Educacional Projetos e Projeções torna público aos interessados que receberá textos de entrevistas, traduções de documentos e textos clássicos, artigos, resenhas e relatórios de campo, de caráter inédito, cujas matérias tratem das teorias, objetos e metodologias das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, resultantes ou não de pesquisas empíricas. Os referidos textos deverão conter as seguintes cláusulas:

1. Resumo em Língua Portuguesa, contendo 100 palavras, referências do autor (instituição, cargo, titulação e endereço eletrônico);

2. Resumo em inglês ou espanhol;

3. Palavras-chaves: até cinco;

4. Redação em língua portuguesa, digitação em folha formato A4, Word for Windows, fonte Time New Roman, tamanho 12, espaço 1,5, margens esquerda e superior com 3 cm, direita e inferior com 2cm;

5. As entrevistas deverão ter, no máximo 04 (quatro) laudas; as traduções de documentos e textos clássicos e os artigos científicos, de 08 (oito) a 16 (dezesseis) laudas, as resenhas até 03 (três) laudas, e os relatórios de trabalho de campo até 15 (quinze) laudas, incluindo-se nessas delimitações as tabelas, quadros, gráficos, figuras, fotografias e referências bibliográficas que fizerem parte dos textos.

6. Apresentar notas de rodapé (se necessário) numeradas em algarismos arábicos;

7. As citações e referências bibliográficas devem obedecer ao padrão estabelecido pela Associação Brasileira de Normas técnicas (a mais atualizada), para referenciamento de livros, revistas, suportes eletrônicos e outros multimeios, disponíveis no site **www.abnt.org.br**

8. Os textos encaminhados à comissão Editorial do ITEQ Educacional Projetos e Projeções, serão apreciados por três membros desta comissão, que poderão aceitá-los integralmente, propor reajuste ou recusá-los, com base em critérios técnicos como: coerências textuais, encadeamento lógico, normas da ABNT vigentes, problemática enunciada e desenvolvida, introdução, referencial teórico, considerações finais e referência bibliográficas;

9. Os textos que não observarem os padrões aqui estabelecidos não serão publicados;

10. Os autores que tiverem trabalhos publicados receberão o Termo de Aceite com as orientações necessárias para cadastro dos mesmos, não sendo pagos direitos autorais.

11. O conteúdo dos textos deve passar por criteriosa revisão textual, que é de responsabilidade de seus autores;

12. Os casos omissos serão discutidos e deliberados pela Comissão Editorial;

13. Informações sobre o periódico podem ser solicitadas aos editores, no Centro de Projetos e de Atividades Pedagógicas do Grupo ITEQ **fone: 2074-5110**.Os trabalhos deverão ser enviados somente por e-mail para: **projetoseprojecoes@grupoiteq.com.br**

14. **OBS: Enviar os Artigos e os Textos, Entrevistas e demais trabalhos acadêmicos de acordo com as normas da ABNT para que sejam aceitos integralmente**.

COMISSÃO EDITORIAL

520
741



Seu artigo na Revista ITEQ Educacional